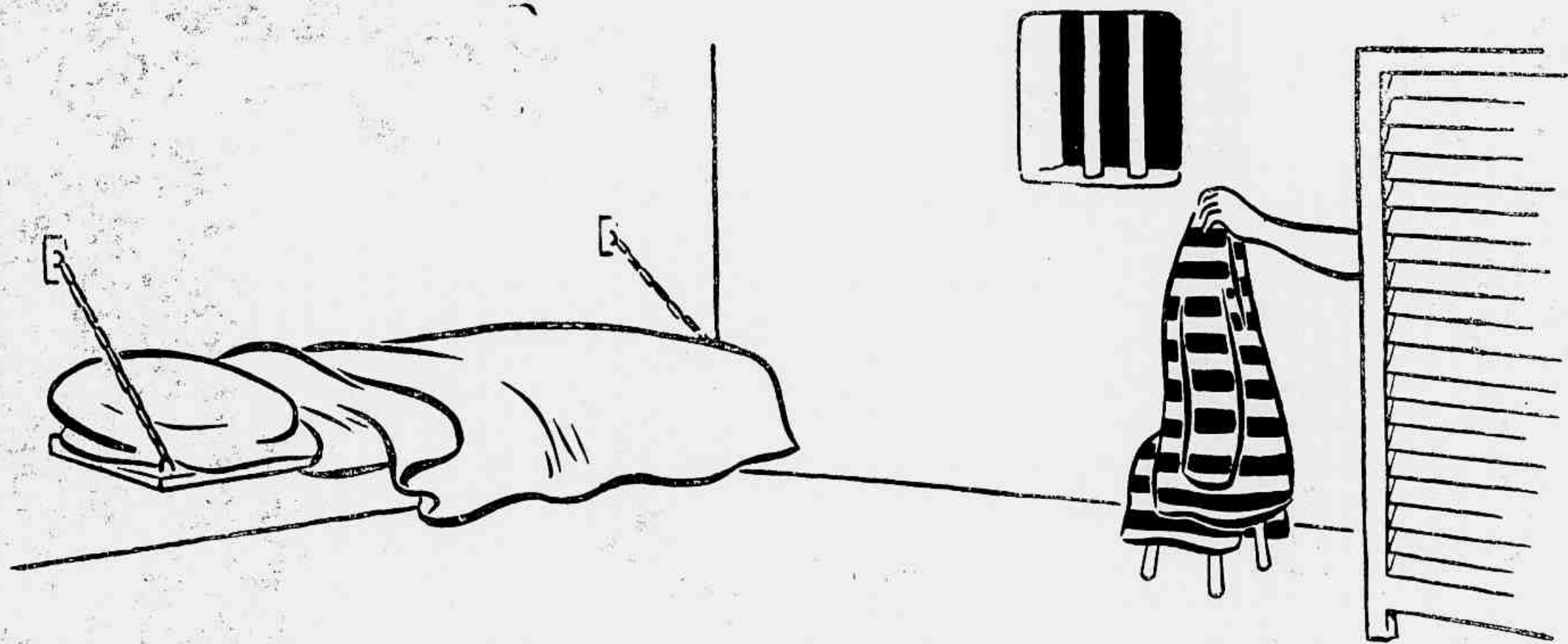


REVISTA DA SEMANA



**Onde foi
proclamada a
Independencia**

Por Celestino
Silveira





TÉCNICOS yankees prefiguram o mundo de após-guerra, vaticinando-lhe as excelências mecânicas e gizando-lhe os contornos prodigiosos. A geração vizinha do ano 2000 não só mudará de fatos e alimentos, senão também de idéias e princípios. A humanidade dos primeiros estádios do século XX ficará soterrada sob os escombros do terrível conflito. E não ressuscitará jamais, visto que os tempos, como os rios, nunca remontam às nascentes primitivas...

Em que consiste essa vida novíssima que se vai iniciar, aí por volta de 1950? Na preponderância dos conhecimentos científicos em toda fábrica ou organização humana. Vestir-nos-emos de tecidos novos, incombustíveis, impenetráveis, imunes à intimidade maléfica dos micróbios e às oscilações térmicas do meio físico. Jamais teremos frio excessivo ou fome canina. Sábias dosagens de vitaminas e princípios básicos da energética orgânica nos sustentarão o corpo e, com êle, o peso conveniente às regras imutáveis da elegância. O sono correrá tranquilo, porque o Estado Todo-Poderoso nos haverá de assegurar, a todos, o mínimo de recursos compatível com a nossa dignidade de **homo sapiens**. Os problemas sociais terão sido anulados compulsoriamente por força da socialização dos bens e dos prazeres deste mundo. Todos teremos direito a uma casa de cristal, ornada de flôres dos planetas mais próximos e com aquele campo de pouso familiar de onde alçaremos vôo para as férias astrais, na intimidade vertiginosa dos outros mundos... Eliminaremos a cozinha, a fumaça agressiva das frituras, a intimidade pulverulenta dos domésticos

de cor variada e moral oscilante. Em matéria de amor, regularemos o afeto com a precisão com que, hoje, aumentamos ou diminuímos o grau refrigerante de uma geladeira... Nada nos incomodará, nesse mundo mecanizado que nos espera, com as suas antenas miraculosas e os seus veículos relampejantes. O avião — tão grande como os antigos transatlânticos — levar-nos-á ao país da fantasia, em velocidade bastante a encher de vergonha a alma anseja das andorinhas...

A Morte... eis a sombra que nos angustiava as noites, nos velhos tempos da Valsa e do Romance. Como evitá-la, depois que Adão e Eva, desobedecendo ao Senhor, criaram, para si e seus descendentes, a lastimosa obrigação de acabar?... A cirurgia, cortando tecidos podres e serrando ossos inúteis, já nos assegurava a sobrevivência em casos múltiplos e felizes... Agora, as drogas miraculosas — as sulfas e a penicilina — eliminando o Micróbio, robustecem e encompridam a Vida... O panorama médico-cirúrgico da Guerra atual é animador para aqueles

a quem repugna a visão temerosa do túmulo compulsório... "Não morrer!" — eis o lema da ciência do século XXI e a aspiração universal dos séculos.

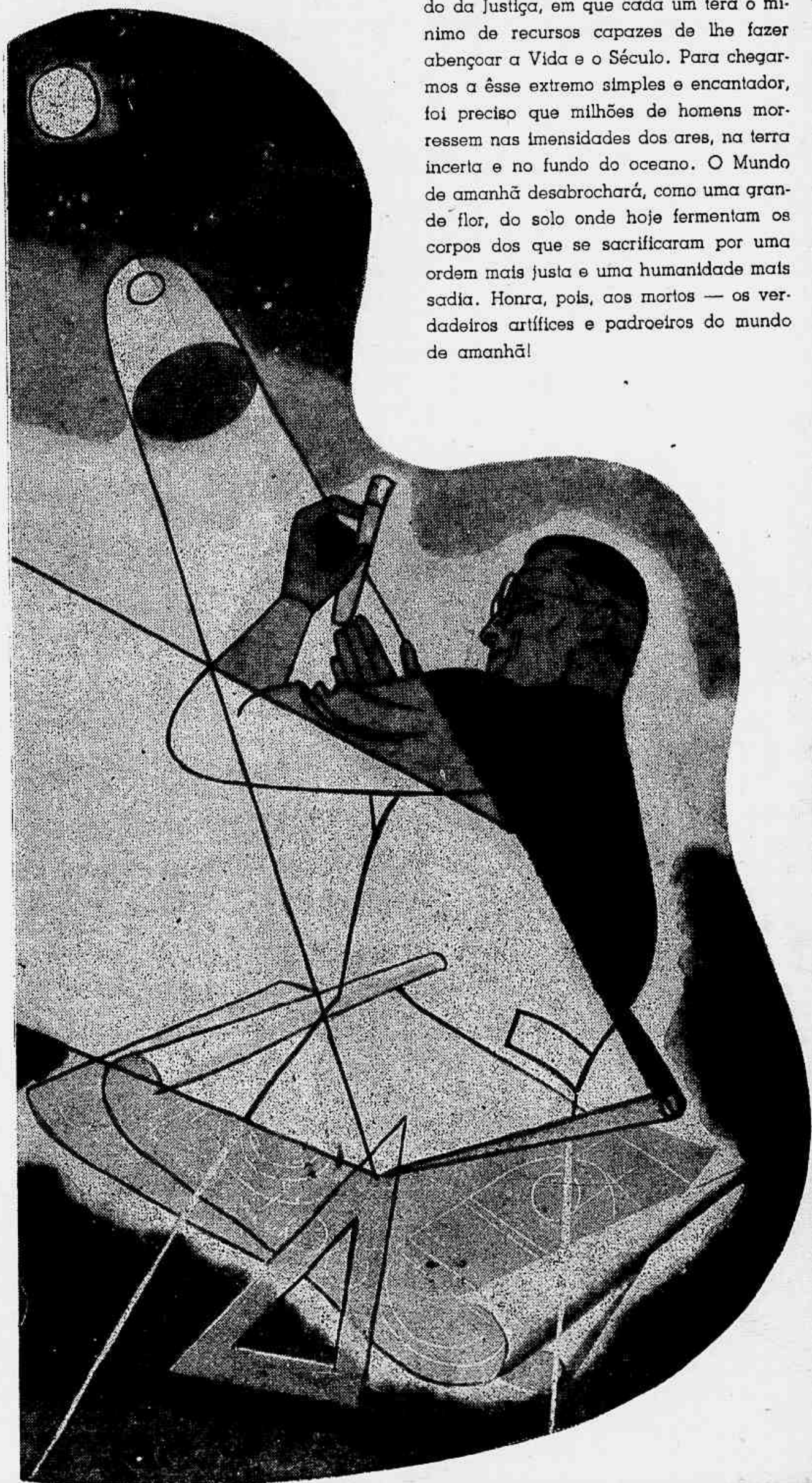
Certos da imortalidade, incombustíveis como as salamandras e assistidos dos mais diversos elementos de bem-estar e conforto — que nos faltará para a nossa integral, definitiva felicidade?

Mudar-se-á o mutável gênio das mulheres? Acaso, as imposições de um mundo novo as libertarão das crises de nervos e de lágrimas?... A Beleza, condição primordial da alegria feminina, será garantida a todas as filhas de Eva, pela excelência dos processos pré-natais e post-natais. Filhos feios resultam de infrações várias das leis da Higiene e da Biologia. Injeções de vitaminas, ar puro, alimentação sadia previnem as deformidades iniciais do indivíduo humano. Um nariz torto é, muita vez, simples descuido alimentar da mãe desnutrida de leituras médicas... Já ninguém nasce cego, por conta de uma gota de líquido argênteo que se deita nos olhos dos recém-nascidos... A sífilis, grande deformadora do gênero humano, é, hoje, mal vergonhoso entre todos, porque é vergonha não saber evitá-la ou curá-la...

O mundo de amanhã será, pois, em parte grandíssima, orientado e garantido pela Ciência. Ela vigiará os nossos beijos e examinará nosso líquido céfalo-raquidia-

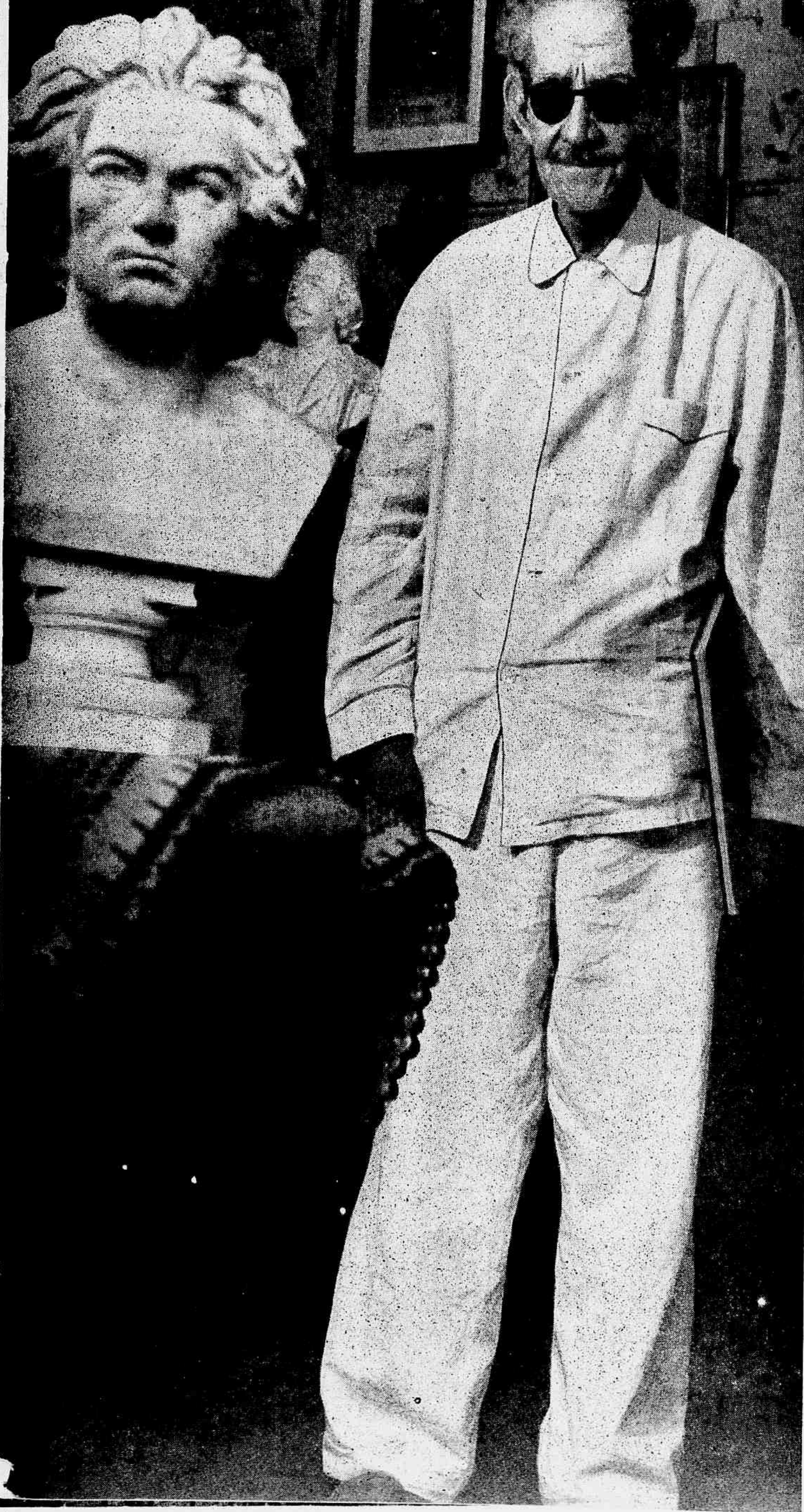
no. Nada de micróbios, nem de paixões! Os pares, depois de pesados, medidos e levados ao microscópio (naquilo que lhes é peculiar e revelador), amar-se-ão em ambientes salutaros, sob o olhar paternal de médicos e higienistas... Bosques rumorosos, povoados de pássaros canoros, servirão de abrigo à música chilreante dos beijos e ao sonho paradisíaco dos namorados... O Estado tornará o Amor obrigatório, como a vacina anti-variólica e o serviço militar...

Eis alguns aspectos do panorama alvarelo dos dias que vão nascer. Longos anos serão despendidos na remoção dos entulhos e na extinção dos incêndios dos ódios universais. Muito sangue embeberá as entranhas da Terra, por conta de falsos conceitos de governo e erradas concepções da filosofia... Jovens inexperientes ainda buscarão a Pretoria e a Igreja, antes de terem feito o exame de sangue necessário à sanidade feliz daqueles a quem vão dar vida, no mistério assombroso do primeiro beijo. Ainda se discutirá, pelos jornais, a melhor maneira de dar pão aos pobres e tranquilidade aos espíritos. A arte de governar passará por novas crises e por estéréis experiências. Mas o Mundo marchará irresistivelmente em caminho de uma perfeição relativa, que só a Ciência, como exegeta da obra imensa da Criação, é capaz de lhe fornecer e assegurar. O Mundo de amanhã será, sobretudo, o mundo da Justiça, em que cada um terá o mínimo de recursos capazes de lhe fazer abençoar a Vida e o Século. Para chegarmos a esse extremo simples e encantador, foi preciso que milhões de homens morressem nas imensidades dos ares, na terra incerta e no fundo do oceano. O Mundo de amanhã desabrochará, como uma grande flor, do solo onde hoje fermentam os corpos dos que se sacrificaram por uma ordem mais justa e uma humanidade mais sadia. Honra, pois, aos mortos — os verdadeiros artífices e padroeiros do mundo de amanhã!



O MUNDO DE AMANHÃ

Por BERILO NEVES



Francisco Braga morreu num recanto florido, onde o vigor da natureza tropical como que se amenizava, esbatendo-se as cores violentas, para fornecer um quadro adequado aos olhos cansados do maestro, que os fechou placidamente em seu retiro modesto.

Havia muito tempo, ele se recolhera àquela casa antiga, para viver os seus últimos anos, e ali mantivera sempre a mesma compostura melancólica do artista que sobreviveu à sua estética. Deveria sentir-se — e com tristeza — um deslocado, porque o tempo passara por ele, despencando-se no redemoinho da música moderna, sem lhe dar atenção.

Faz pouco tempo, teve uma grande alegria — talvez a última. Erich Kleiber, um maestro de fama mundial, viera ao seu abrigo render tributo ao mestre.

Não. Não haveria lugar na música contemporânea para Francisco Braga. Todo o artista constrói a sua obra sobre uma estética, isto é baseado num conjunto de idéias sobre arte, e as idéias de Braga tinham sido superadas com o advento de uma nova época.

Foi, de certo modo, um fim trágico, o daquele velhinho calmo, o fim de um homem que ficou para trás. Faltava-lhe a força para lançar-se novamente à luta, à aventura. Resignou-se.

Não tomem estas palavras como uma censura ou mesmo uma restrição à obra dele. O mundo não pára. O que ontem era aceito nega-se hoje. E, se bem que nem sempre pareça, progredimos, inevitavelmente.

Como já observei, a cada período na evolução da música corresponde uma estética particular, base dele. Isso não é novidade. Mais tarde, porém, quando a estética perece, resta a música em estado puro. Vejam os românticos. Com toda a sua tendência à literatização, a sua música, na perspectiva de um outro século, traí o seu conteúdo puramente sonoro, que é o que nos interessa. Substituída por uma outra estética, a sua ingênua mania de dar poder descritivo e mesmo narrativo à música, cai —

A MORTE DO

e com ela toda a colheita de "música de programa" — para que observemos, claramente, emergirem os gênios, libertados do envólucro literário, todos puro som.

Da mesma forma, com a agitação modernista, Braga separou-se dos músicos contemporâneos, fechando seu ciclo evolutivo antes de morrer.

Quando ele, com alguns dos seus contemporâneos, trazia da Europa idéias então novas, estava à frente de um movimento progressista: mais tarde, foi ficando para trás.

Entenda-se bem que minha intenção é só marcar uma posição, sem entrar, propriamente, na apreciação das suas obras.

Francisco Braga trazia em si o germe das mesmas idéias que brotaram e se desenvolveram até trem além do seu possuidor. Vinha com ele, sobretudo, aquela preocupação nacionalista que é, hoje, dominante. Entretanto, se, por um lado, procurava dar-nos uma transposição musical do Brasil, ele não se situava como brasileiro, ou melhor, observava o Brasil como o faria um estrangeiro, dando, assim, ao seu desenho, um colorido exótico, que traía uma sensibilidade crescida e desenvolvida fora do meio que se impunha o dever de exprimir musicalmente. Não tinha, a seu favor, a identificação com a terra e o povo que tiram do nacionalismo intencional o seu ar de pitoresco para fornecer-lhe a emoção profunda proveniente da sinceridade. A música contemporânea chegou, hoje, a ser brasileira, não por atitude dos músicos, mas porque é música de brasileiros, que compõem na "língua" de seu país...

Francisco Braga, no seu nacionalismo, não perdeu o ar europeizado, e sofreu com isso.

Entretanto, cessando de encarar sua obra pelo ponto de vista que escolhemos, focalizando as ligações pelas quais se prende a um outro período, podemos voltar atrás, e discernir, na agonia da ópera, a intuição e a influência do próprio meio europeu, que manchava seu nacionalismo, empurrando o compositor na direção da música pura, para a qual deu um passo, dedicando-se à música sinfônica.

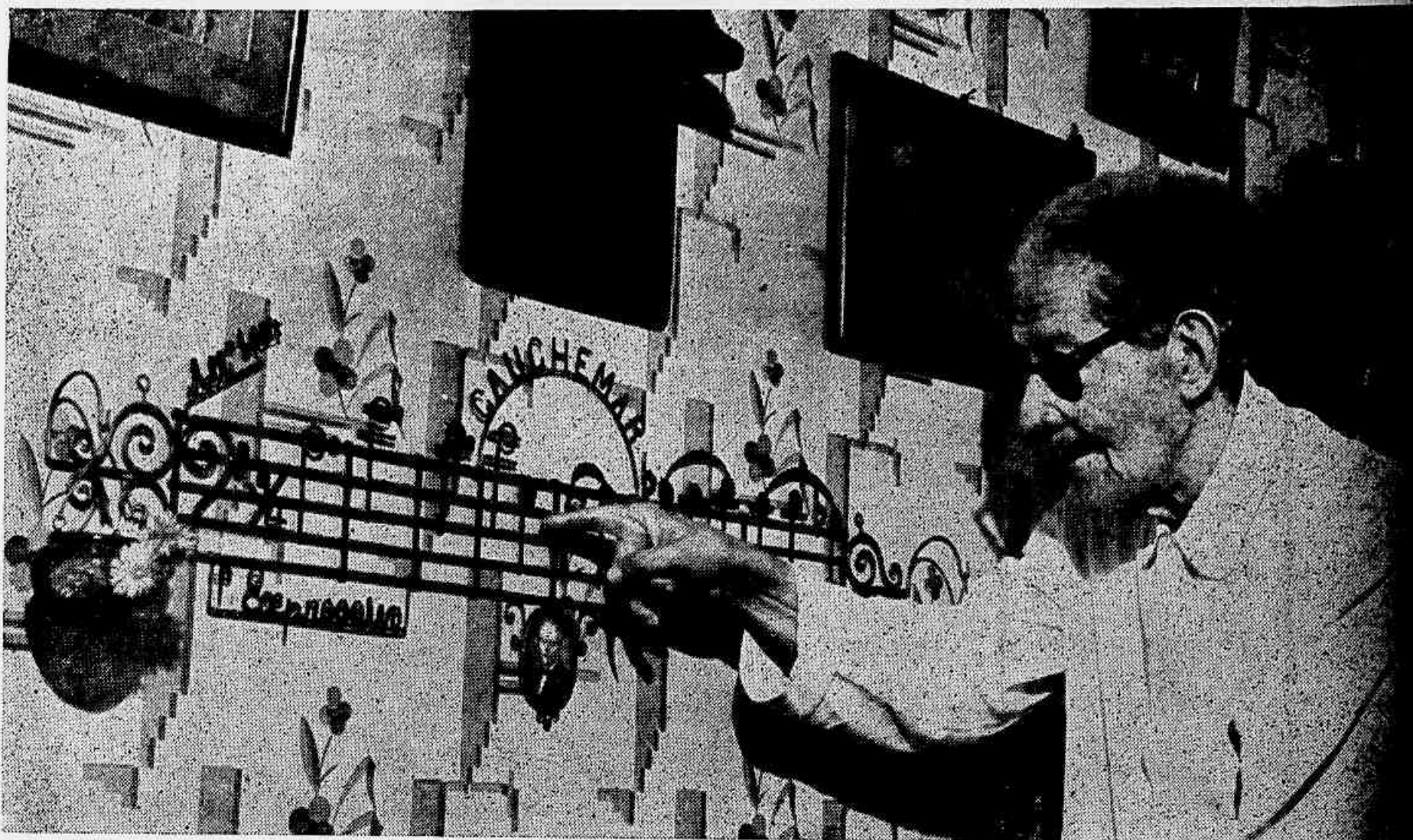
E, desta vez ainda, chegaremos, mesmo involuntariamente, ao período atual.

Se percebemos, em Francisco Braga, um desejo de fazer música brasileira e uma tendência à música pura, não podemos deixar de observar que os contemporâneos tratam de realizar isso de uma maneira mais completa, com música sem literatura e um nacionalismo, não de atitude, mas, por assim dizer, inevitável, a que eles chegam pela sua intuição artística.

Este é um elogio fúnebre a Francisco Braga. E compreendo que possa parecer censura póstuma ao compositor. Entretanto, creio — não sei bem — que salientei a minha preocupação de situar o músico mais do que julgar a sua obra — tarefa que, esta sim, não condiria com o espírito de última homenagem. Acredito, mesmo, ter descoberto a maneira pela qual é fácil mostrar o lado mais simpático de Francisco Braga, colocando-o, junto com alguns de seus companheiros, como Oswald e Miguez, na origem do movimento contemporâneo. Digo parecer simpático, olhando-o à luz da estética contemporânea, base da criação musical dos nossos dias, porque, de qualquer forma, ele teria o seu lugar entre os verdadeiramente grandes, não já pelas idéias caducas, mas pelo valor puramente musical da sua obra. Isso, porém, é entrar na apreciação das suas realizações. E, nesse momento, não devo, nem quero, fazê-lo. Ainda está muito perto de nós aquela cabeça branca e aquele olhar benevolente, a nos roubar a serenidade, a despertar uma sincera comoção... Adeus, mestre.

PEQUENA NOTA BIOGRÁFICA

O maestro Francisco Braga nasceu nesta capital, aos 15 de abril de 1868. Filho de pais pobres, foi internado no Instituto dos Menores Desvalidos, sendo ali colega do grande pintor João Batista da Costa.



O tema de um dos mais belos poemas musicais de Francisco Braga foi motivo para que os mestres das oficinas do Instituto João Alfredo executassem um trabalho de arte metalúrgica, figurando as notas da composição. Entretanto, na pauta, colocou-se errado um sol. E' esta nota que o maestro aponta na gravura acima.

E ele, que durante toda a sua vida servira à música, tendo recebido em troca apenas um prêmio tardio pelo Hino à Bandeira, só abandonou os papéis pautados quando seus músculos já não conseguiram movimentar o lapis, e só deixou a batuta quando o seu braço já não tinha forças para movê-la.

E, não foram os elogios de Massenet e a consagração pública, seriam um atestado de glória os seus funerais, a que compareceu uma multidão eclética, onde se desta-

sua melodia patriótica os mais solenes momentos da vida nacional.

Agora já Francisco Braga deixou o mundo, privando os amigos de seu convívio alegre e agradável, de sua "verve", de sua atração espiritual, da força magnética de sua palestra elevada. Já não poderá marcar os momentos de sua vida e da vida do povo na pauta musical.

Mas, pelo que foi a sua vida e pelo que foi a sua obra, esse grande músico será lembrado sempre por todos os

AUTOR DO "HINO À BANDEIRA"

No Instituto, Francisco Braga, que nasceu com inclinação para a música, estudou a arte universal e em pouco tempo era o chefe da banda de música do educandário. Do Instituto saiu para ingressar no Imperial Conservatório de Música, matriculando-se no curso de clarineta, em 1885. Concorrendo ao concurso aberto para a composição de um hino à República, Francisco Braga foi classificado em segundo lugar, cabendo-lhe um prêmio de viagem à Europa.

Em Paris, o grande Massenet mantinha um curso do Conservatório. O ingresso nas aulas do autor de "Tais" era por concurso. Braga, com mais doze rapazes de várias nacionalidades, concorreu e conquistou o 1.º lugar. Ao cabo de dois anos, era-lhe dado o primeiro lugar de Harmonia e Composição. Terminado o prazo do prêmio de viagem, o próprio Massenet apelou para o nosso ministro em Paris no sentido de ser a permanência de Braga prolongada por mais dois anos.

Morreu Antonio Francisco Braga aos 77 anos de idade, após uma vida de glórias, de trabalhos desprendidos em prol da arte universal. O coração de Francisco Braga, já cansado de suportar o volume de tanto amor à sua terra e à sua gente, deixou de pulsar.

O desenlace se deu ao começar o dia 14 de março. O grande maestro, discípulo querido de Massenet, há mais de uma semana não via nem falava. Mas seus ouvidos funcionavam ainda e talvez ele estivesse sonhando uma nova melodia quando a morte o surpreendeu.

Já há tempos vinha o notável músico sofrendo assíduas crises cardíacas, minado pela arteriosclerose. Os médicos combatiam a doença, mas os dias do artista estavam marcados.

E foi assim que o país recebeu a dolorosa notícia do passamento deste grande brasileiro, que grayou na pauta todos os grandes momentos históricos da nacionalidade, e retratou em sons o símbolo augusto da Pátria.

A morte entretanto veio encontrar Francisco Braga trabalhando ainda, na composição de um poema sonoro baseado em um trabalho de Olegário Mariano.

cavam os maiores expoentes das artes e das letras brasileiras.

Homens de todas as classes sociais — artistas, professores, poetas, jornalistas — lá estavam acompanhado o entérro daquele velhinho cuja vida fôra sempre dedicada à música, cuja inteligência genial fôra sempre posta a serviço da arte.

Todos aqueles que acompanharam o corpo de Francisco Braga à última morada criaram-se ao som de seu hino, cujos acordes marciais assinalam sempre o hasteamento do auri-verde pendão, marcando com a chama de

Francisco Braga era um artista modesto, sereno, calmo. Morreu como vivera. Os seus sentidos foram se extinguindo aos poucos, fecharam-se os seus olhos para o mundo dois dias antes do desenlace. E no seu último dia o maestro já não falava. Morreu serenamente. A sua fisionomia, depois da morte, nos dá a impressão de quem estava satisfeito por haver terminado assim.



A SEMANA EM REVISTA

PACTO DE SANGUE

Reatam-se finalmente as relações diplomáticas entre o Brasil e a Rússia.

Há 26 anos, quando Moscou vivia os tumultuosos dez dias que abalaram o mundo, quando o Palácio de Inverno era tomado de assalto pela guarda vermelha e Kerenski fugia para o estrangeiro, a legação russa no Rio de Janeiro se desfez, como uma nuvem de fumaça, sem deixar vestígios.

O mundo capitalista passou então a viver como uma criança assustada, de olhos presos no fantasma bolchevista, criado pelas manobras fascistas para garantir o avanço das milícias encamisadas. Era no demo soviético que Mussolini se baseava para justificar o chicote e o óleo de ricino. Era o capeta moscovita a justificativa para os crimes de Hitler. As liberdades eram caçadas. Rivera, Franco, Salazar — todos eles evocavam em seus ritos negros o façanhado diabo vermelho, para quelmar em holocausto à deusa "civilização" as suas vítimas inocentes nas fogueiras inquisitoriais de seus atos de fé.

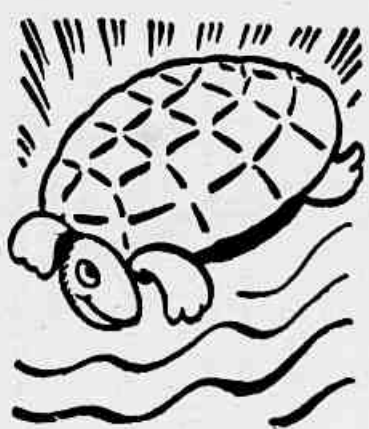
O Brasil não foi uma exceção. Chegou mesmo a se prender a um medo pânico do terrível fantasma, trancando-se dentro do quarto escuro para não lhe ver a

careta odiosa. Mas, por tabela, iam-nos chegando até cá as obras maquinadas pelo demônio. Em muitos postos de abastecimento de combustível viam-se latas de gasolina carimbadas com a foice e o martelo.

De agora em diante, com certeza, essas latas se multiplicarão. As relações amistosas entre a Rússia e o Brasil não serão um fruto da troca de notas diplomáticas. Nós e os russos somos dois povos irmãos, unificados agora por um pacto de sangue, firmado nas trincheiras dos Apeninos e nas planícies da Silésia. Muito antes da entrega de credenciais aos seus governos já os russos e os brasileiros lutavam juntos contra a barbárie e a favor da civilização, nas barricadas de Madrid, onde o tenente Alberto Bessuchet deixou escrita a sangue uma das mais gloriosas páginas da guerra civil espanhola.

E agora, no Velho Mundo, um exército expedicionário sela com o seu sangue heróico o pacto de amizade entre dois povos que, separados pela distância de muitos fusos horários, se juntaram para defender a liberdade de todos os povos.

A BARCA E A TARTARUGA



O caso passou-se tal como foi narrado pelos jornais. Surpreenderam-se os passageiros de uma barca da Cantareira, em meio ao transcurso na Guanabara. Uma ilha deslocava-se, coberta de mariscos e outros moluscos, embalada pelas maretas levemente agitadas. Seria uma dessas minas de guerra que desgarraram pelo arrebatamento das amarras? Ou o fragmento do casco de uma velha embarcação, boiando à mercê das ondas? Mas a "ilha" aproximou-se mais da barca, até permitir se certificassem de que se tratava. Era apenas uma tartaruga, mas de raras proporções que, fatigada da vida nas grutas submarinas, resolveu subir à superfície e

tomar um banho de sol e de calor. Quiseram os passageiros que o mestre da barca a fizesse parar e empreendesse a caça do anfíbio,

mas não foi possível. O velho quelônio havia desaparecido... E a barca prosseguiu no seu giro, molemente, macia e displicentemente...

Foi quando um marujo, velho conhecedor dos fenômenos da Guanabara e dos mistérios da Cantareira, explicou, à guisa do antigo garoto do Calixto: — Tratava-se nada menos de um desafio lançado pela tartaruga à barca. Naturalmente, irritada com os insultos que habitualmente se dirigem às tartarugas, nos confrontos da sua com a velocidade das barcas, a "bicha" resolveu tirar a limpo essa diferença. Estava disposta a vingar o ultraje sofrido pelos anfíbios. E lançou o desafio: — "Vamos ver, senhora dona Barca, quem atravessa primeiro a Guanabara?". Deu ainda um "handicap" à carcassa da Cantareira, deixando-a sair na dianteira de algumas centenas de metros. E o resultado foi o que se viu: a barca chegou muito depois da tartaruga. Depois disso, é favor nunca mais insultarem nem as tartarugas, nem mesmo os cágados, em confrontos desabonadores para a classe dos quelônios, com as vetustas, rinchantes e apodrecidas barcas da travessia Rio-Niterói. Já sabemos que as barcas perdem.

MATUSALEM QUER BRIGAR



Foi um "Deus nos acuda". Na rua André Cavalcanti brigaram duas mulheres. Sempre brigam duas mulheres na rua André Cavalcanti, mas nunca o fato tem a importância que este teve. Sim, pois desta vez as duas brigonas se notabilizam pela idade — uma delas conta nada menos de oitenta e um janelos, e a outra é mais moça dois anos.

Não seria nada o fato de haverem brigado as duas macróbias, se as mesmas se restringissem ao uso de palavrões e um outro tapa. Acontece, porém, que elas se engalfinharam numa violenta luta corporal, utilizando para melhor "acertarem" a antagonista os chinelos que calçavam. E ambas se feriram no "sururú"; mas nem por isso desistiram da briga e rolaram pelo chão aos trambolhões, na gana de acabar com a longa vida da parceira.

Vendo a luta, os vizinhos das boas velhinhas resolveram intervir na questão,

para apaziguar os ânimos, temendo que uma das adversárias pudesse sofrer algo grave, com a violência da briga.

Mas, oh céus! As veteranas da rua André Cavalcanti afastaram, à custa de chineladas tremendas, todos os que delas se aproximaram, e continuaram a trocar pancadas entre si.

A luta terminou finalmente, com o auxílio da polícia. Levadas ao distrito as duas bondosas senhoras, o prontidão se descobriu respeitosamente à sua entrada. Foi feito o interrogatório de praxe, e quando lhe explicaram de que se tratava o policial abriu a boca. Felizmente nenhuma das brigonas ou qualquer espectador sofreu ferimentos graves. Por isso, após receberem o clássico "pito", foram as valentes anciãs mandadas em paz para casa.

Mas quando elas, juntamente com as testemunhas, deixavam a delegacia de polícia, já na rua, a mais velha gritou para a outra, entre soluços:

— "Se você tentar me bater de novo eu conto p'ra sua mãe, ouviu?"
E conta mesmo...

"O GUARANI" EM SUECO



O telegrama, datado do dia 16, veio de Estocolmo e informa que se revestiu de excepcional brilhantismo a estréia, na Opera Real Sueca, da ópera brasileira "Il Guarani", de Carlos Gomes, pela primeira vez nessa capital. No camarote real viam-se o rei Gustavo, o príncipe Carl e a princesa Sibylla, enquanto em outras localidades se viam numerosos membros do corpo diplomático e figuras de destaque das colônias estrangeiras. A companhia da Opera Real deu uma brilhante interpretação à ópera — diz ainda o telegrama — que foi cantada em idioma sueco, e que arrancou vibrantes e entusiásticos aplausos do público.

Ora aí está, amigos, uma auspiciosa notícia. A ópera famosa de Carlos Gomes acaba de ser vertida para mais um idioma, e foi

em sueco que a aplaudiram os testas-coroadas, os diplomatas e o povo de Estocolmo, travando relações com uma obra-prima do compositor de Campinas. "O Guarani" foi sempre encenado por companhias líricas, principalmente as italianas, merecendo ser incluído entre o repertório clássico e obrigatório do teatro desse gênero. E' mesmo de praxe, seja por imposição contratual com a Prefeitura, ou para homenagear a platéia e a música brasileira, incluir no repertório das temporadas oficiais do Municipal a ópera referida. Mas agora o Brasil constitui um motivo maior de curiosidade para os outros povos, e não só os americanos se interessam em conhecer-nos. Também os europeus. Daí a iniciativa da Opera Real Sueca e daí também o sucesso alcançado esta semana. Para nós, brasileiros, que desde a primeira infância nos habituamos às melodias comoventes de "O Guarani", e que tanto nos aborrecemos quando ouvimos um simples acorde desvirtuado para qualquer programa de rádio inoportuno, é gratíssimo e muito simpático esse registro que nos vem da Suécia. Reabilite-se "O Guarani", inclusive a sua profonia. Muito obrigado, Estocolmo...

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7886
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicadas.

NESTE NUMERO

ANO XLVI ... N.º 12 ... 24-3-945

LITERATURA

O mundo de amanhã (Berilo Neves)	3
Crime sem castigo (Agatha Christie)	19
Teixeira de Melo (Escragnolle Doria)	22
Memórias de um cachorro amarelo (O. Henry)	35
Cavaleiro Andante (Francis Barrett Young)	38
Livros Novos (J. L.)	42/43

REPORTAGENS

A morte do autor do Hino à Bandeira	4/5
Jockey Club	8
Como se faz um filme (Celius Aulicus)	9/16
Onde foi proclamada a Independência (Celestino Silveira)	24/31
Figuras e Fatos	44/45

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	23
Os modelos da semana	32/33
Para tôdas as horas	46/47
Outros modelos	50/52

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu há 15 anos	7
De Cinema	17/18
Coisas do Brasil	36

ATUALIDADES

A guerra em marcha	20/21
Os programas latino-americanos da BBC	39
Onde a cobra está fumando	40/41

CARICATURAS

"Charge" e "De Bom Humor"	2 e 37
"Charge" de Raul	56

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------------	-------



NOSSA CAPA

Jane Randolph é uma "new face" que a RKO-Radio inclui para o naipe de suas revelações no ano corrente. Ela e tantas outras voltam seus pensamentos melhores para a glória, mesmo efêmera, que o cinema pode conferir-lhes, o cinema que está sempre renovando a sua constelação. E convenhamos que seu rostinho juvenil, esses dois cismadores olhos claros e límpidos valem por uma grande credencial. Tudo depende, agora, do seu legítimo mérito de intérprete.

No sumário acima o leitor encontrará, como sempre, variada leitura incluída nesta edição. Duas grandes reportagens, desenvolvida parte literária, as secções costumeiras e novas documentações fotográficas dos soldados brasileiros no campo da luta.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu há 15 anos

Em 1930... No Rio de Janeiro os ânimos estavam exaltados. As arremetidas do Governo contra a oposição faziam gerar violentos discursos parlamentares e, mesmo dentro da Câmara, houve tiros.

Em São Paulo, a crise do café fazia sentir seus efeitos. O dinheiro invisível baixava cada dia mais. Minas Gerais pegava fogo. Nas ruas de Belo Horizonte os cavalheiros batiam o asfalto estridentemente, enquanto as metralhadoras do 12 R. I. olhavam para o Conselho Deliberativo.

O câmbio descia vertiginosamente, e o mil réis estava desmoralizado. E foi para ver se reabilitava esse "indivíduo" tão desacreditado que o sr. Washington Luiz resolveu mudar-lhe o nome. Assim nasceu a idéia do cruzeiro.

Mas ninguém levou a sério o tal projeto.

Eis o que a REVISTA DA SEMANA dizia a respeito, justamente há quinze anos passados: "Quanto deverá valer o cruzeiro? Se o fixarem em mais de um mil réis será um desastre para o comércio externo do Brasil".

Isso aconteceu justamente em março de 1930, quinze anos atrás, portanto. E hoje, tão distantes desses dias tumultuosos, já conhecemos o cruzeiro e o seu verdadeiro valor. E podemos afirmar que ele não foi um desastre para o comércio externo do Brasil, como se previra, caso o taxassem em mais de um mil réis. E não o foi, justamente porque ele vale hoje muito menos que o antigo "dez tostões" de tão saudosa memória.

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

GRATIS
Cada aluno receberá:
Figurinos da última moda - Carteira de identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

252

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME.....

RUA.....No.....

CIDADE.....

ESTADO.....

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO



JOCKEY CLUB MUNDANO

Sábado último, como sempre, realizou-se no Hipódromo da Gávea mais uma tarde de grande alegria, com o desenrolar dos páreos turfísticos. Numeroso público acorreu àquela praça de esportes, onde o ambiente esteve animadíssimo e cheio de emoções. São desta reunião as fotos que estampamos nesta página, colhidas na pelouse, quando por ocasião dos intervalos.

8



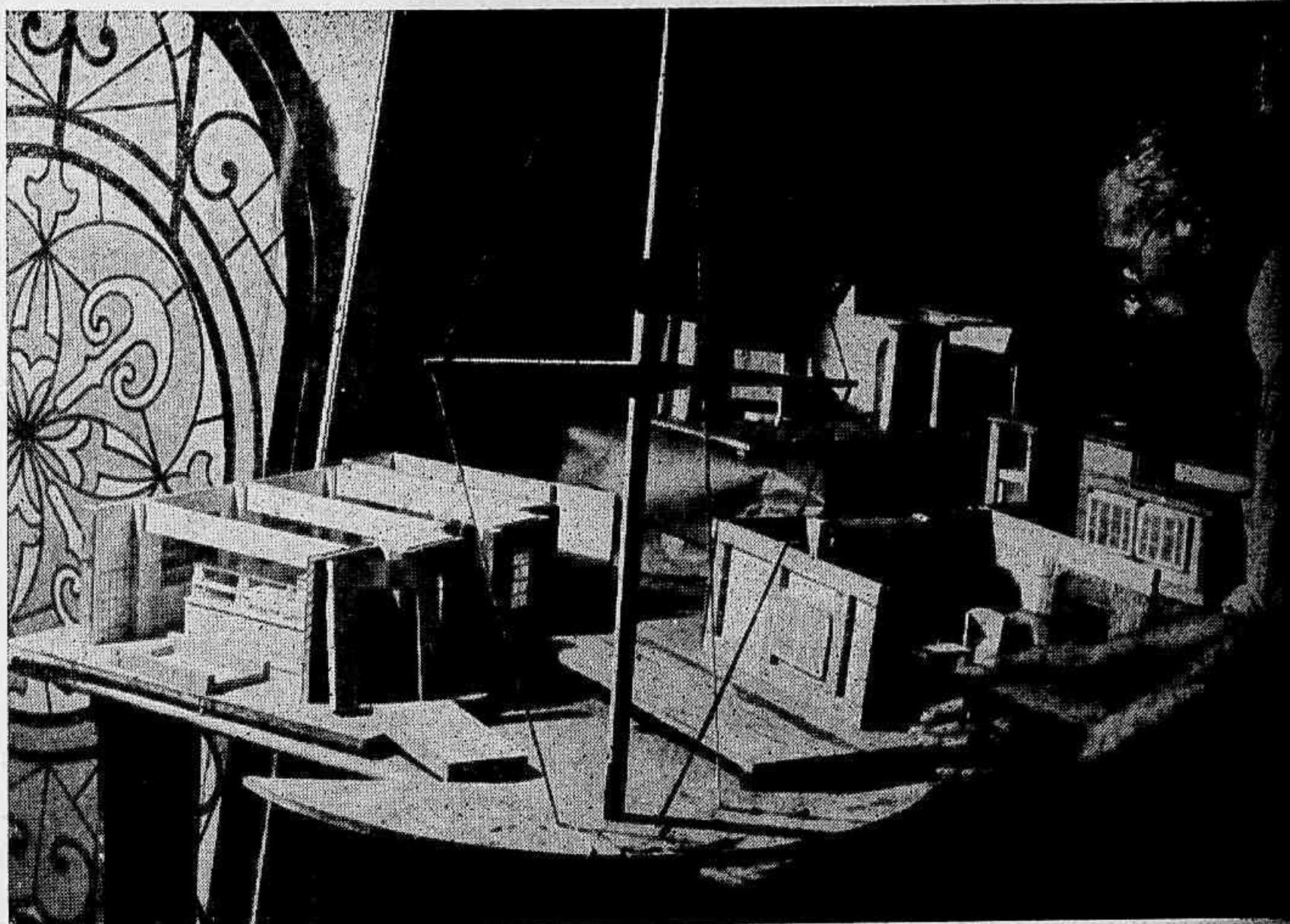
E STAMOS no interior de um estúdio cinematográfico... Estamos perdidos dentro do baú de um mágico, de onde podem sair a qualquer momento homens sem cabeça, coelhos que falam, cartolas que podem conter um elefante e pombas que cabem numa caixa de fósforo. Estamos atravessando um país maravilhoso, onde podemos encontrar Branca de Neve atrás de uma esquina, e cumprimentar Marco Antônio, que passa de braço dado com Catarina a Grande.

Aqui tôdas as coisas reais se acabam e começa o mundo do impossível.

A entrada do prédio, por trás do qual se escondem os "sets", marca o limite entre o Rio de Janeiro e o mundo da Carochinha.

Vamos atravessando os cenários, conduzidos por um diretor de filmes, que nos informa sobre a utilidade de cada coisa e nos chama a atenção para todos os detalhes.

Atravessamos ruas de papelão, paramos em frente a "bungalows" de madeira. Tudo nos aparece como um montão de táboas, uma cidade de brinquedo jogada dentro de uma carpintaria gigante. Entramos de repente por um corredor estreito, que parecia não ter fim. O nosso cicerone, parando diante de uma porta, pôs a mão na maçaneta e convidou-nos a entrar no aposento contíguo. E eis senão quando caímos dentro do anfiteatro de um hospital, onde um médico de cara vermelha dava uma lição de patologia. Do lado das arquibancadas, vaslas daquela hora, convergia para o centro da sala a luz de uma dúzia de refletores, numa intensidade que nos cegou momentaneamente.



De acordo com a descrição dos cenários contidas no argumento do filme, este artista executa a montagem das maquetes. Ele é ainda o encarregado da construção de miniaturas, necessárias aos "trucs" de filmagem. O mastro que aparece ao seu lado é uma reprodução do que se vê no estádio de São Januário. O homem que edificou Liliput foi surpreendido pelo fotógrafo, quando construía a maquete de uma casa residencial.

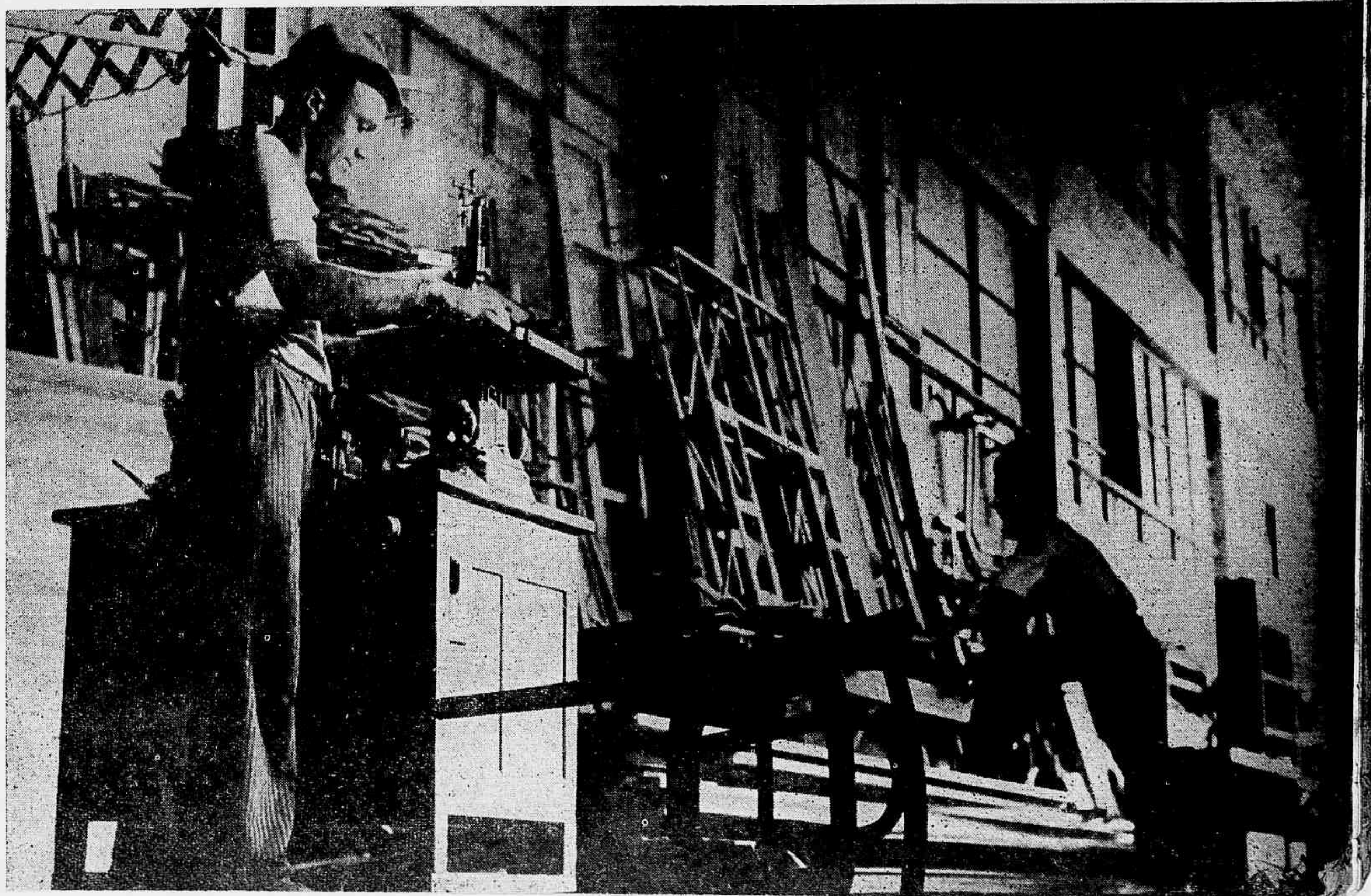
COMO SE FAZ UM FILME

UM ESTÚDIO CINEMATOGRAFICO VISTO POR DENTRO — A FILMAGEM PODE COMEÇAR PELO FIM E ACABAR PELO PRINCÍPIO — DIÁLOGOS FEITOS A PRESTAÇÃO — SALA DE CORTES, CASA DE MÁGICO — CASAS DE PAPELÃO E CIDADES DE MADEIRA — O HOMEM QUE EDIFICOU LILIPUT — DIRETORES, SOLDADOS DESCONHECIDOS DO CINEMA

Escreveu CELIUS AULICUS

Fotografado num estúdio brasileiro

Na carpintaria os operários, sob a direção de arquitetos e engenheiros, constroem os cenários e, uma vez confeccionadas as peças, armam-nas nos "sets". O seu trabalho é a cópia em ponto maior das maquetes arquitetadas pelo artista especializado nesse ramo. Na foto acima aparecem dois operários entregues à construção das peças do cenário do filme "Vidas Solidárias", passado todo em ambientes de hospitais e residências de médicos. Os carpinteiros estão construindo as paredes da casa da dra. Helena, uma das personagens da nova película brasileira. Por enquanto tudo é um amontoado de táboas. Mas daqui a meses veremos este madeirame transformado num elegante "bungalow".



UM DIÁLOGO À PRESTAÇÃO

O "professor" de cara vermelha está, nesse momento, repreendendo um aluno relapso: "Venho observando que o senhor, desde o primeiro dia de aula, tem se mostrado um perfeito indiferente. Alheio completamente às aulas práticas e às preleções teóricas. Por que?"

Já o diretor está a postos, e o substituto, que ocupa seu lugar no início da filmagem, se assenta numa cadeira dos fundos.

E quando pensámos que o diálogo ia prosseguir, que o aluno repreendido se desculparia perante o mestre, uma voz gritou: "Corta!"

Segundos depois uma campainha soou três vezes, com intervalos uniformes. Era um sinal do técnico de som, avisando que a cena devia ser repetida. Uma infinidade de rodinhas presas à câmara puseram-se a girar com um ruído quase imperceptível, e um rapaz de macacão colocou diante da objetiva um quadro negro onde se indicava os números da sequência, da cena e da tomada. Além desta indicação escrita, o diretor identifica também a tomada verbalmente diante do microfone, pois o som, em negativo, é fotografado num celulóide separado do que reproduz a imagem. Assim se identificam as cenas de todos os filmes, que, com frequência, têm que ser filmadas três ou mais vezes.

Voltemos, porém, ao diálogo: o médico terminou a "espinafração" pela segunda vez, o técnico de som deu a sua aprovação com dois toques rápidos de campainha. Mas o aluno malandro nada responde, não formula sequer uma desculpa idiota.

Aquilo nos causa estranheza. O diretor explica tudo:

— Os diálogos, aqui, têm que ser feitos à prestação, falando um de cada vez. Muitas vezes um colóquio, que o público ouve inteiro em dois minutos, requer um trabalho

de mais de cinco horas para que se possa tomar a mesma cena de um ângulo oposto, o que torna imprescindível a colocação da câmara em sentido contrário, bem como a focalização dos refletores. Daqui são os celulóides levados aos laboratórios, onde se processa a revelação dos negativos.

EM CASA DO MÁGICO

Uma vez reveladas, passam as películas em negativo para a sala de cortes.

E' ali a casa do mágico! Assentados a uma mesa comprida, o técnico de cortes e seus auxiliares trabalham com afinco. Cercam-nos um montão de máquinas complicadas, onde passam as películas, em pequenos fragmentos, por uma infinidade de rodas e tubos. As cenas dos filmes que estão sendo produzidos, são por eles vistas através de uma lente poderosa, que integra um aparelho enorme, indispensável ao seu trabalho. Esta máquina gigante faz rodar a fita com a velocidade desejada, bastando para tal que o técnico comprima, com maior ou menor força, o pedal que comanda todos os movimentos das engrenagens do motor.

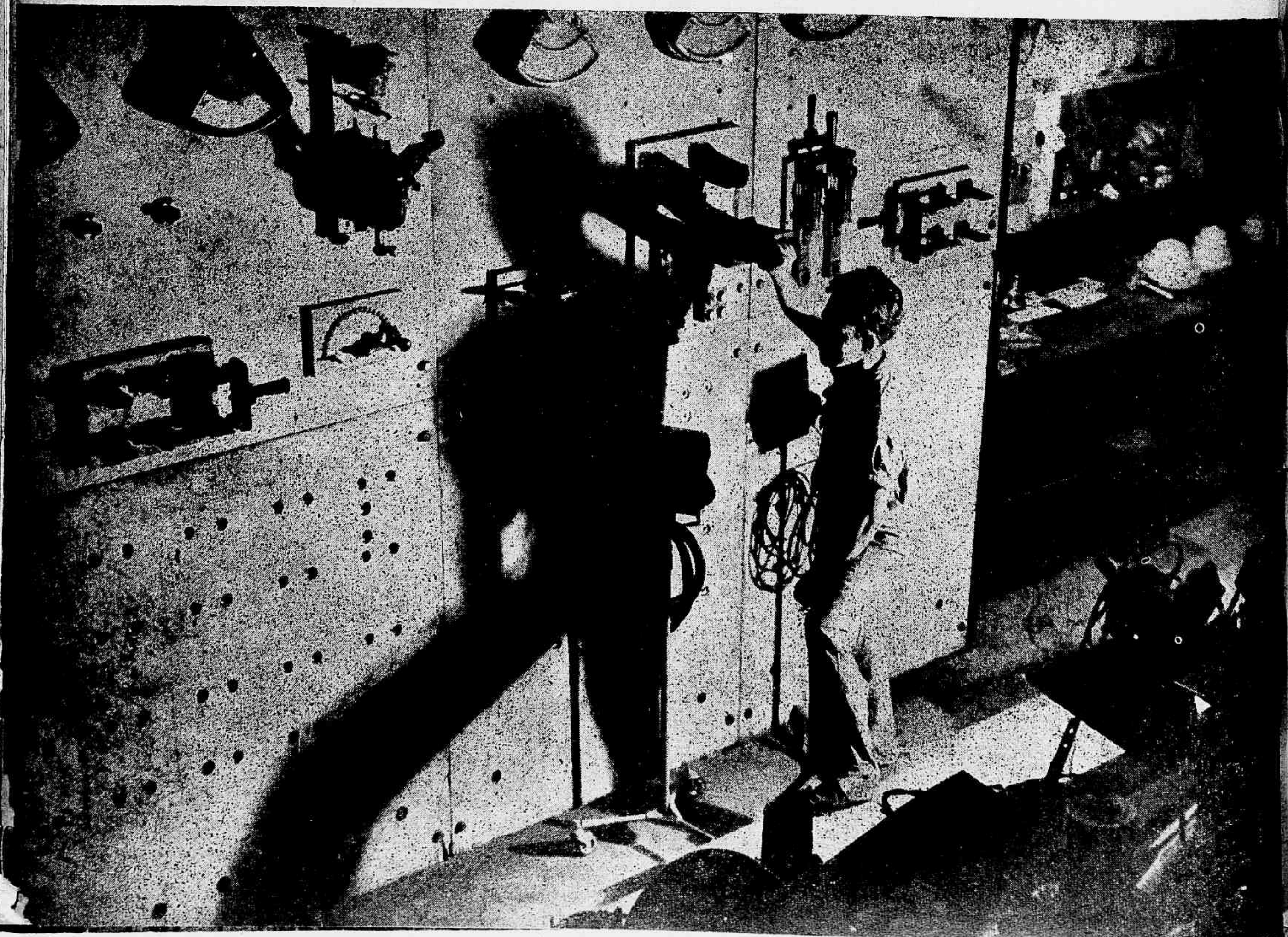
Agora o som. Este é ouvido com o auxílio de outro aparelho complexo, também comandado por um pedal mágico.

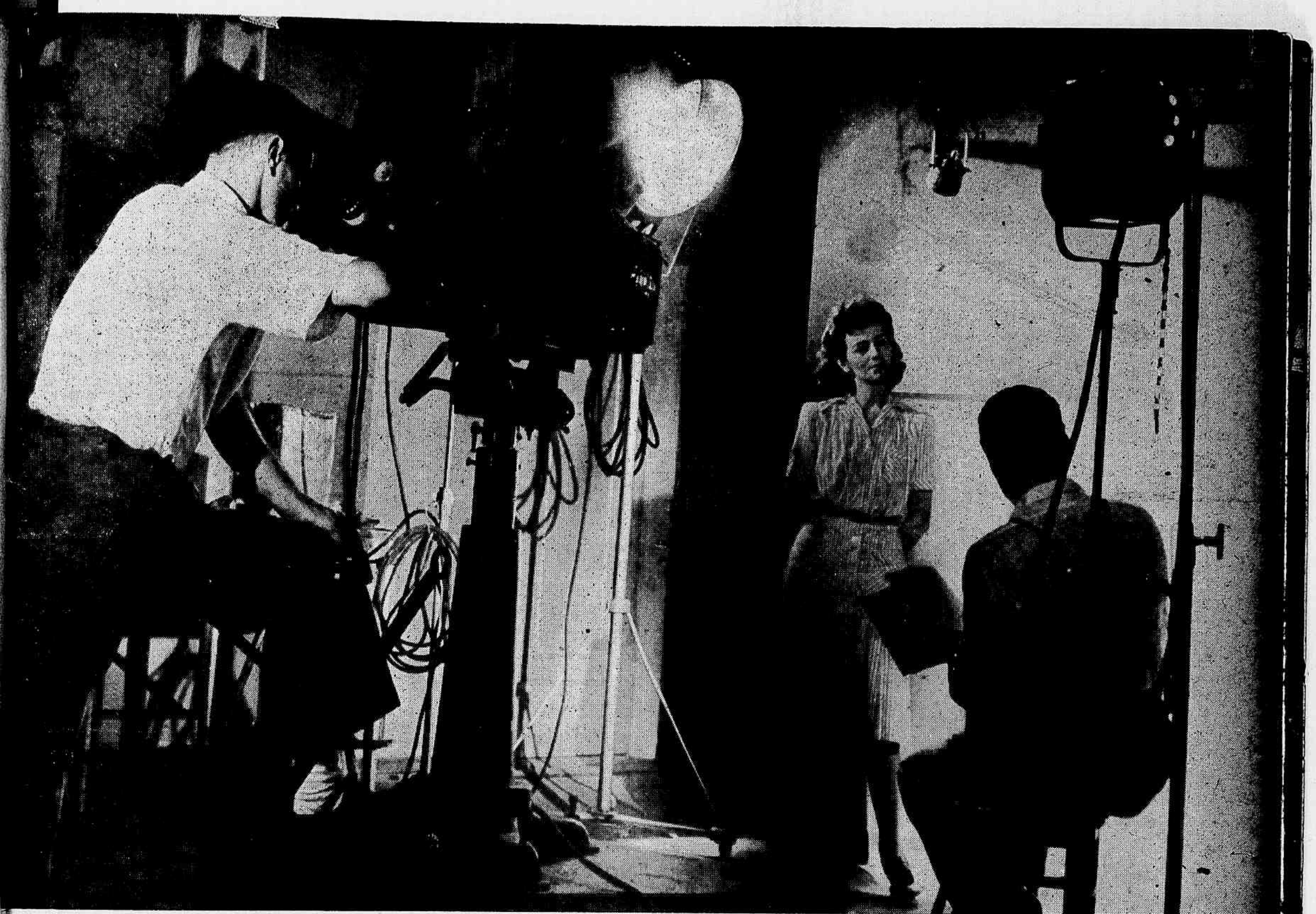
Mas não consiste só em ouvir e ver o filme, a ação do técnico de cortes. E' ele o encarregado da sincronização das imagens e dos sons, e o faz ligando os negativos dos dois celulóides e cortando-os no lugar exato.

Muitas vezes, entretanto, é necessário fazer entrar na cena um ruído estranho que não foi filmado em conjunto com a imagem. Da sala de cortes o técnico assiste à cena, reproduzida na tela de uma sala de projeção através de uma janela de vidro. E enquanto roda a película ele faz

Uma vez aprovado o argumento do filme, torna-se necessária a escolha de tipos que se prestem ao desempenho dos papéis do mesmo. Deste fichário constam todos os atores, atrizes e extras de ambos os sexos que podem se prestar aos filmes. Em cada ficha se encontram todas as indicações necessárias à escolha.

Tudo num estúdio cinematográfico é movido pela força dos kilowatts. A eletricidade é a força motora que comanda todos os movimentos do complicado mecanismo da filmagem. O papel deste homem na elaboração de uma figura é pois importantíssimo. Ele está em constante contacto, pelo telefone, com os "sets", a cabine de som e mesmo com o laboratório e a sala de cortes. Um movimento seu pode interromper o trabalho em todo o estúdio. Aqui o vemos quando ligava a chave dos refletores.





O fichário de artistas é consultado e, escolhidos os tipos adequados à representação dos personagens da história que se vai filmar, são os mesmos chamados ao estúdio e contratados. Se acontece entretanto aparecer um estreante, este tem que se submeter a rigorosos "tests" de valor artístico, fotogenia, etc. Se for aprovado, o artista é aproveitado de acordo com o seu mérito. E se houver um fracasso, que Deus se compadeça de sua alma. A gravura nos mostra o "debut" de uma candidata ao estrelato. As suas ilusões serão sepultadas aqui, ou o "écran" nos revelará um novo valor?

entrar na mesma o barulho necessário. Se este som adventício é a voz humana, é encaixado no filme com o auxílio de um "speaker", que toma lugar na sala de projeções controlado pelo diretor. A voz do locutor é então gravada simultaneamente com o desenrolar do filme, mas a sincronia perfeita do som e das imagens só poderá ser feita com o auxílio do técnico de cortes, que se vê obrigado a novos trabalhos.

Uma vez feitos os "tests" das cenas, já organizados os positivos de todas as passagens e sequências, é ainda o homem dos cortes que cataloga tudo e faz a ligação das pequenas partes do celuloide, dando-lhe o seguimento lógico. E quando volta a cópia definitiva da película a ser projetada para o público, é ele ainda que faz rodar para o diretor, que dá a última palavra.

UM HOMEM CONSTRÓI LILIPUT

É assim que se faz um filme, do ponto de vista da fotografia. Pelos processos que acima explicamos, é que o som e as imagens de um romance de amor ou de um drama de guerra nos podem ser fornecidos todas as noites, embalados em latas semelhantes às de goiabada.

Mas a parte principal de uma película qualquer consiste justamente nos cenários, e estes são, num estúdio, o setor que requer o trabalho de maior número de pessoas.

Para a sua montagem, por menores que eles sejam, trabalha sem descanso uma legião de operários — carpinteiros, marceneiros, decoradores, etc. — sob a direção de cenógrafos, arquitetos e outros artistas indispensáveis ao êxito da tarefa.

Mas os ambientes obedecem sempre ao gênio criador de um técnico especializado, que confecciona as "maquetes" de todos os cenários.

Estas, muitas vezes, se sujeitam às plantas levantadas por engenheiros e arquitetos. Mas, em geral, o homem

das "maquettes", para a construção das mesmas, utiliza-se tão somente do argumento do filme, onde o autor, como os letrólogos, descreve o ambiente no qual se desenrolam as cenas e, inspirando-se nessas indicações, o artista edifica em papelão e papel celofane casas de brinquedo, cidades inteiras de cartão.

Tivemos ocasião de entrar no gabinete desse artista e observar tudo o que ali se encontrava. E sentimo-nos perdidos em Liliput. Casinhas de meio metro quadrado, arranha-céus de vinte e cinco centímetros de alto, árvores que poderiam ser levadas no bolso, um "Pão de Açúcar" guardado numa caixa de sapatos.

No entanto, daqueles modelinhos diminutos é que são tirados os cenários de todos os filmes, e, não fosse o trabalho incógnito do armador de "maquettes", não seria possível a preparação dos ambientes em que se desenrolam as histórias cinematografadas.

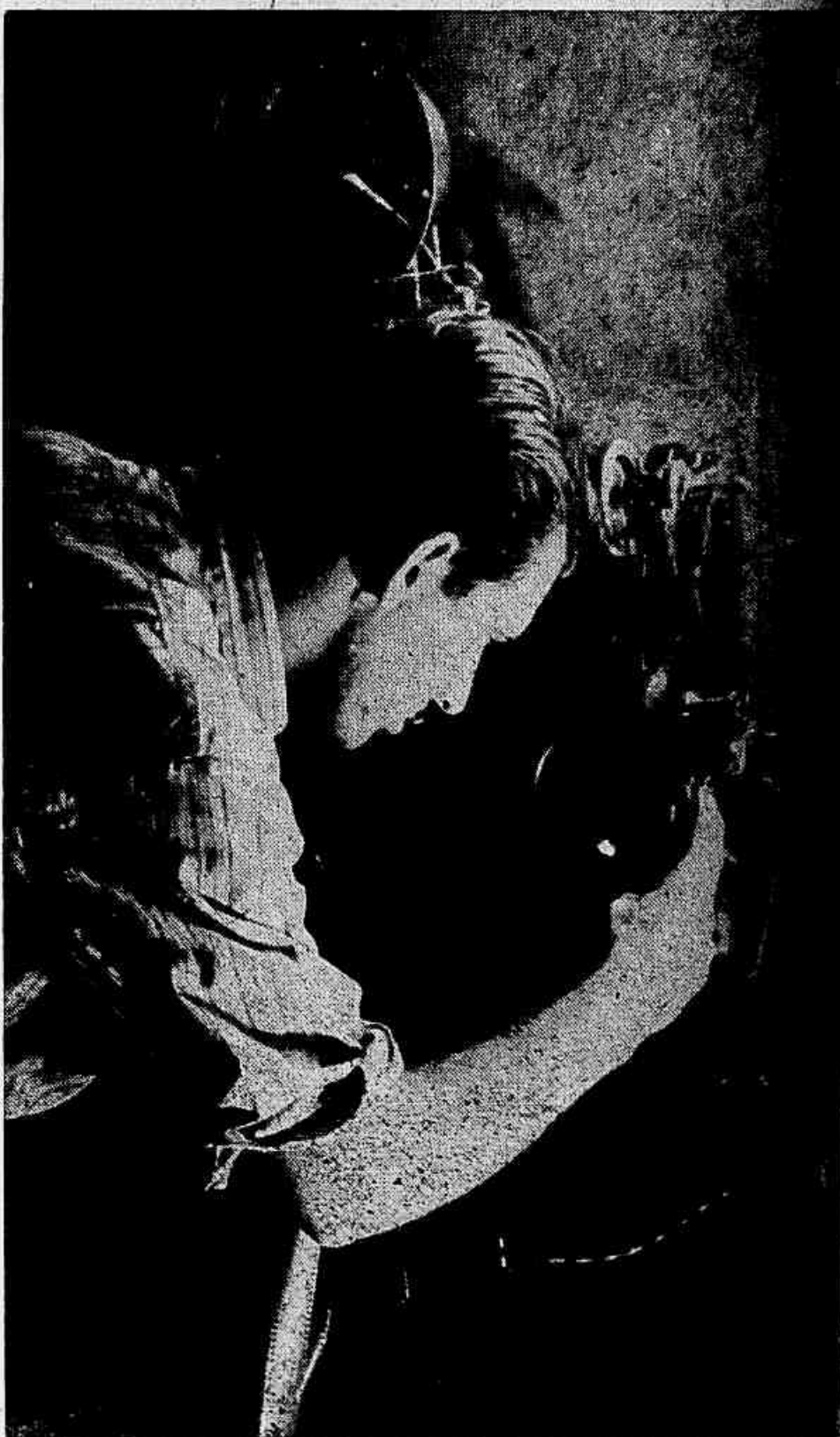
O cinema brasileiro, bem como a indústria cinematográfica de quase todos os países latino-americanos, luta com a falta absoluta de recursos, o que torna impraticável a montagem de grandes cenários, tais como os de ambientes conhecidos do público.

Mesmo a filmagem de lugares movimentados como hotéis, escolas e hospitais, não podem ser fotografados nos estúdios inadequados, de que se serve a nossa indústria cinematográfica.

E isso vem tornar ainda mais trabalhosa a missão do homem das "maquettes". No filme que tomamos por base para esta reportagem, por exemplo, há cenas de movimento tomadas no Hospital Jesus. E a estas se seguem outras, de diálogos, fotografadas nos estúdios. Assim, o cenário teve que ser feito em continuidade perfeita com os ambientes daquele instituto hospitalar, copiando-lhe fielmente a arquitetura e a disposição dos aposentos.

E tal se fez cuidadosamente, após demorados estudos dos arquitetos e dos cenógrafos.

Sala de cortes, casa de mágico. Este técnico está correndo o negativo dos "tiros" de uma cena, afim de escolher entre os que foram copiados o que melhor se presta à filmagem. As imagens são vistas através de uma lente, que faz parte deste complicado aparelho: a moviola. A velocidade com que corre a fita é controlada por um pedal.





Isto é o laboratório. O filme entra na banheira, para ser revelado. Dentro do banho de ácido o celuloide faz uma série imensa de evoluções, afim de que as imagens, pela ação dos elementos químicos, apareçam na película, em negativo. O técnico é obrigado a uma vigilância constante mas não toca no celuloide, que se movimenta dentro do banho movido por meio de rodas elétricas.



Do banho de revelação a fita passa automaticamente à caixa de secagem, montada numa sala contígua. Outro técnico ali se encontra manejando a complicada máquina. A fita é limpa da acidez do banho e secada imediatamente por ação do vento e do calor. O processo de revelação e secagem é complicado. O filme entra em uma roda da qual passa à banheira. E sai em outra roda, na sala vizinha, já revelado e seco.



Em tudo isso pensamos enquanto o artista, com um vidro de cola e pedaços soltos de papel-cartão, construiu uma casinha estilo moderno, com todas as dependências.

Já havíamos observado o que queríamos. Despedimo-nos e passamos a outra dependência do estúdio, deixando entregue a seu trabalho delicado o homem que edificou Liliput.

COMO SE PREPARA UMA FILMAGEM

O que acima deixamos entrever é a maneira pela qual se processa a fotografia de um filme. A filmagem propriamente dita, porém, requer uma longa e cuidadosa preparação, desde a escolha do argumento até a encenação da história.

Vejamos então como um diretor se lança a uma empresa dessas, que no Brasil representa mais que um risco, uma temeridade.

Uma vez aceita a história básica do filme, que o autor apresenta, em princípio, apenas em síntese, é o escritor encarregado de desenvolvê-la para o seu aproveitamento. Logo após é passado o romance para a linguagem cinematográfica, com descrição de cenários, etc.

Para continuar a descrever esse longo processo de preparação, damos novamente a palavra ao diretor do filme:

— ...Uma vez escolhido o argumento, devemos selecionar os atores. E isto é o mais difícil. A nossa organização requer um completo fichário de todos os atores e extras

Na sala de cortes. O técnico ouve o som de uma cena, graças a outro notável aparelho. E quando termina a "escuta" corta o celuloide, para ligá-lo à película das imagens, em perfeita sincronia. Outro trabalho obscuro dos estúdios, mas essencial para a realização de uma boa fita.

de que podemos nos utilizar. Assim, indico ao encarregado do arquivo os tipos que necessito para a filmagem, e ele, com o auxilio dessas fichas, seleciona os mesmos e me indica os mais aproveitáveis. Se aparece entretanto algum estreante, temos que submetê-lo a um "test" rigoroso, que às vezes marca o início de uma brilhante carreira, mas outras tantas é apenas a derrubada de um castelo de areia. Assim, mobilizamos os atores. Isto feito, tiram-se várias cópias do argumento, uma das quais fica com o encarregado das "maquettes", outra comigo, outra com a carpintaria, outra ainda com o arquiteto. Distribuem-se os papéis, armam-se os cenários. E começa então a filmagem. Os cenários são aproveitados e todas as cenas passadas no mesmo ambiente são filmadas sucessivamente, de maneira a facilitar a retirada da construção logo após a sua utilização. Julgam muitos que as sequências de um filme são fotografadas no sentido em que o público as vê. Isso, como você já pôde ver, é uma ilusão. Muitas vezes, a cena final de uma película é filmada antes da parte inicial do argumento. E os diálogos não são aquilo que o público vê. Fala um personagem, o outro responde-lhe meia hora depois. E o público tem a impressão de que nos estúdios se desenrolou uma discussão acalorada."

ENTRAM EM CENA OS ATORES

E' o diretor ainda quem fala:

— Outro aspecto interessante de uma filmagem é, sem dúvida, o trabalho dos atores. Uma vez escolhido para integrar o elenco de uma fita qualquer, um rapaz ou uma moça se dirige ao estúdio. Recebem os seus papéis, estudam-nos e esperam a ordem de comparecer aos ensaios. Cada cena tem que ser estudada em separado e cada diálogo decorado por sua vez. Assim o galã ou vilão, enquanto os "câmeramen" preparam o ângulo em que deve ser colocada a máquina, estuda o seu papel, recorda as palavras e ensaia os gestos para que tudo saia a contento. Mas, mesmo assim, cada cena é filmada várias vezes, pois o diretor só se pode contentar com uma filmagem perfeita, absolutamente certa, sem qualquer defeito comprometedor.

Antes de entrar em cena os personagens de um filme se submetem a um longo tratamento por parte dos "make-upmen" ou das "make-upwomen", segundo as circunstâncias. Poucos com certeza sabem que os atores têm que se postar diante da câmera completamente pintados de vermelho desmaiado, para que os detalhes fisionômicos se tornem mais visíveis, facilitando o efeito das expressões faciais."

Assim nos explicou o diretor o trabalho de seus auxiliares. Empregamos aqui a palavra "auxiliares" pelo simples desejo de fazer justiça ao diretor, cujo trabalho é quase sempre desconhecido do público, que ignora ser ele o cérebro de tudo aquilo, o homem que faz mover todo o maquinismo complicado de um estúdio.

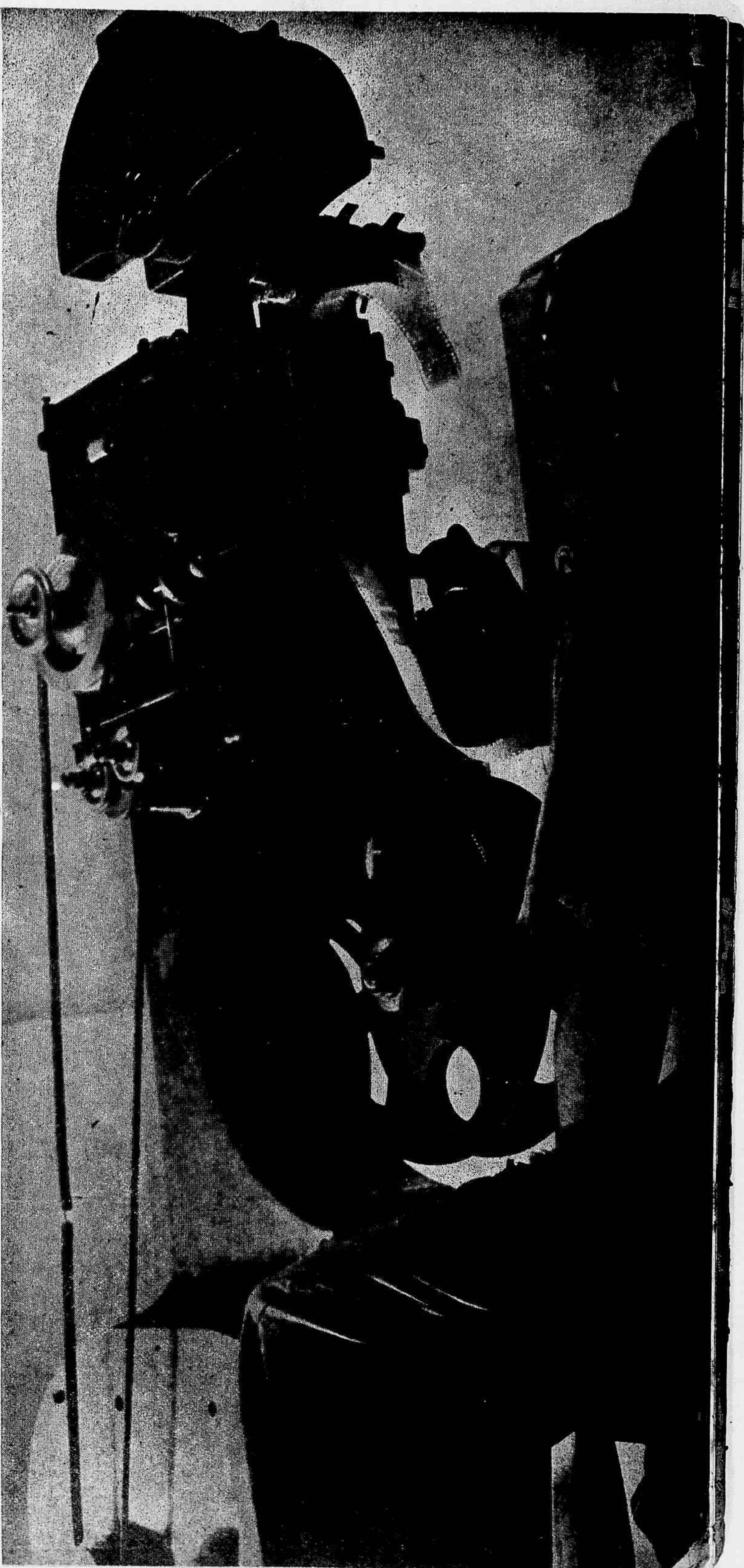
Em verdade, muito árduo é o trabalho de todos os que se dedicam à indústria cinematográfica. Desde o mais desconhecido carpinteiro até o "astro" do filme, todos se entregam de corpo e alma ao seu labor exaustivo. Não se pode negar que seja um sacrifício permanecer diante dos refletores escaldantes, firme e impassível, enquanto a câmera toma um "close-up". E um ator sujeita-se a isso várias vezes durante a filmagem de uma película qualquer.

Mas o diretor, em compensação, é a cabeça pensante de todo o trabalho, o homem sobre cujos ombros pesa a maior responsabilidade de todas as produções.

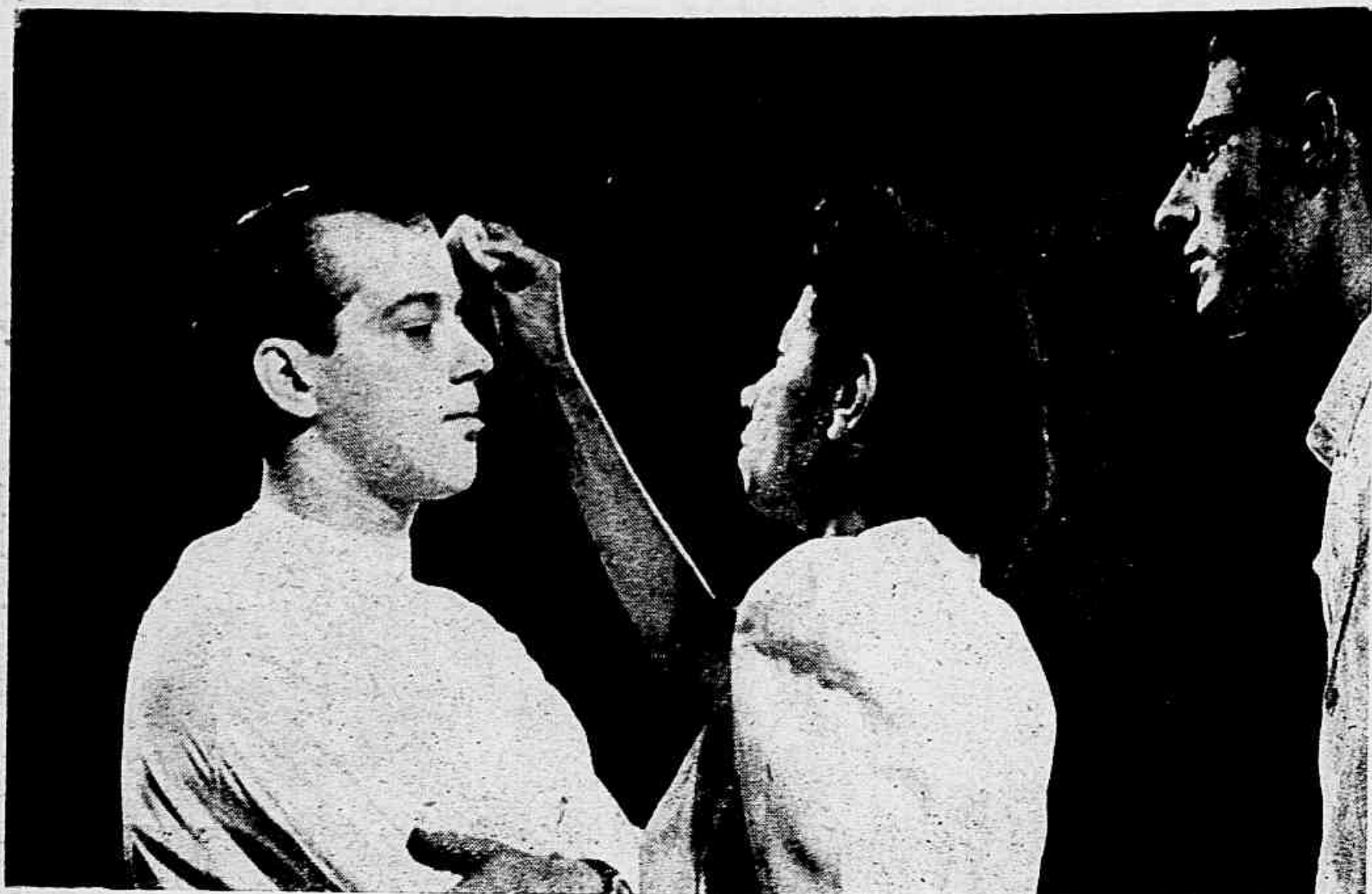
E quando o filme é lançado, no momento de colher os louros da vitória, as palmas são dedicadas apenas ao "astro" ou à "estrêla" do drama ou da comédia. O nome do diretor aparece apenas no preâmbulo, modesto, apagado... Mas se a fita foi um fracasso, se o público votou o "abacaxi", o diretor é quem sofre as consequências. Foi ele o culpado de tudo. Se o intérprete não convenceu, ele é o responsável. Se a fotografia foi má, tudo se deve a ele. E contra ele se movem todos, críticos e produtores.

Aqui fique, pois, uma mensagem de louvor aos diretores cinematográficos, a cujo talento devemos todas as grandes realizações de vulto da sétima arte. Sim, pois em verdade, como se poderia fazer "Vinhas da Ira" sem a cabeça de John Ford? Como se produziria um "Cidadão Kane" na ausência de Orson Welles?

O homem da sala de cortes vê a fita através de uma pequena lente. Os pedaços a serem eliminados são examinados com atenção. O pedal diretor dos movimentos desta máquina faculta o retrocesso da fita, afim de que o técnico possa estudar minuciosamente cada detalhe.



CINEMA DAQUI E DE LA



O trabalho da maquiadora é outra tarefa importantíssima. Para ajudar os efeitos das expressões faciais, os atores têm que aparecer no estúdio pintados de vermelho desmaiado. Em baixo: preparando o "make-up" de uma atriz. Ao alto: o ator Mario Brazini, devido ao calor dos refletores, teve o seu "maquillage" prejudicado pelo suor. A "make-upwoman" retoca a face do artista.



Através da conversa do diretor cinematográfico podemos concluir que o cinema que aqui se faz é radicalmente diverso do cinema produzido nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra ou na Rússia.

O próprio cinema argentino pode ser colocado, quanto aos seus recursos técnicos, num plano muito superior ao nosso. Mesmo assim, e principalmente por isto, é digno de toda a nossa admiração o trabalho destes homens de boa vontade que se lançam a empresas arriscadas, pondo em jogo capitais e trabalhos vultosos, no sentido de nos darem algo de aproveitável em matéria de cinema.

É verdade que temos por aí, correndo os cinemas de subúrbio, muitos "abacaxis" lamentáveis, que só podem desmoralizar por completo a nossa indústria cinematográfica, e que atravessa agora a sua infância. Mas, compensando estas películas feitas sem qualquer técnica, na pressa de ganhar dinheiro fácil, há outras produções que honram o nosso cinema, como "Bonequinha de Seda", "Favela de Meus Amores", etc.

E esses filmes mais não são que um atestado evidente do sacrifício de nossos diretores, os quais, lutando contra a falta de recursos técnicos, a precariedade dos estúdios, conseguem, mesmo assim, nos mostrar películas como aquelas.

Mas apesar da experiência coroada de êxito, os capitais brasileiros teimam em se esconder das luzes dos refletores, fugindo para longe dos estúdios.

Muito diferente são os nossos estúdios das grandes fábricas de cinema da América.

A respeito da precariedade dos nossos estúdios, queremos lembrar um fato, absolutamente verídico, registrado num deles:

Numa casa de pensão, próxima à produtora de filmes da rua Visconde de Rio Branco, havia uma araponga, que com os seus gritos metálicos interferia sempre nos filmes.

O pessoal do estúdio resolveu comprar o bicho barulhento, mas o camarada exigiu por ele uma soma assombrosa. Fizeram os cineastas um apêlo, em nome do cinema nacional, para que a ave mudasse para um lugar distante do estúdio. O dono, porém, disse desaforos contra o cine patricio e permaneceu firme.

E a produtora teve que se conformar com os gritos da araponga.

O que víamos, entretanto, serviu para que nos fôssemos dando conhecer o esforço titânico de todos esses homens — operários, arquitetos, operadores, diretores e atores — que, sacrificando profissões e empregos de capital mais rendosos, se entregaram à difícil tarefa de fazer um cinema nosso.

Que amanhã quando os projetores puderem lançar no "écran" grandes filmes nacionais não sejam esquecidos estes abnegados. Glória a eles os pioneiros de uma nobre causa.

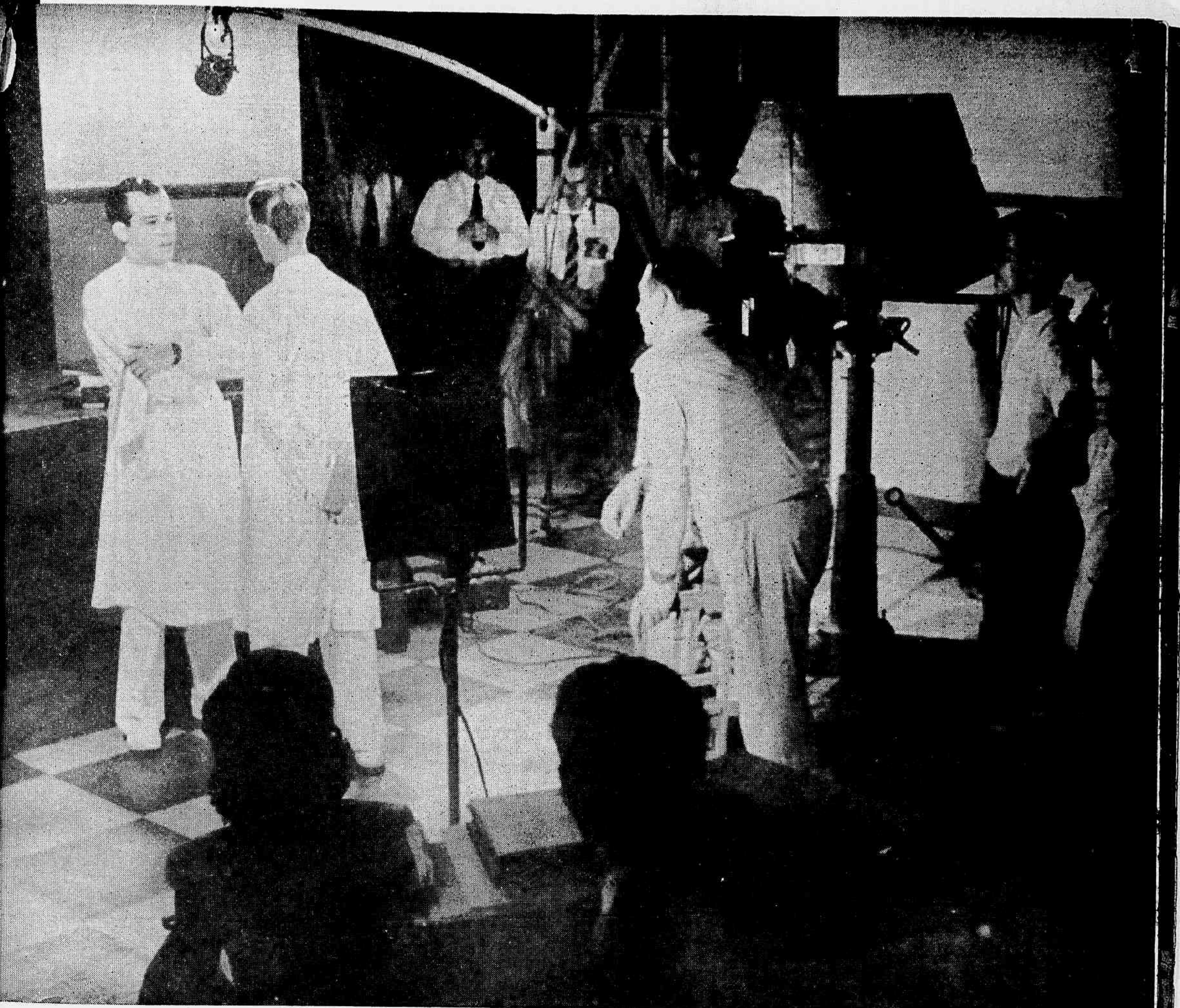
Mas no Brasil o trabalho de um diretor, por mais capacidade técnica e senso artístico que este possua, perde-se diante da barreira da "falta de verba", esta cerca de arame farpado estendida ao longo das nossas fronteiras e do nosso litoral para impedir o acesso da civilização e do progresso.

A pobreza de nossas empresas produtoras de filmes, impede por completo que possamos ter um cinema digno de ser apresentado no estrangeiro, pois, por mais boa vontade que tenham para conosco os bons vizinhos "yankees", não poderiam bater palmas aos nossos celuloideos carnavalescos, eles que produziram um "Tobacco Road" e um "Como Era Verde o Meu Vale".

E assim continua um grupo de homens de boa vontade a tentar edificar sobre as areias movediças do deserto, um edifício seguro e firme, sobre o qual se possam assentar as bases da indústria recém-nascida.

Mas, sem auxílio dos capitalistas, sem subvenções oficiais, o cinema brasileiro coxeia pelos estúdios sombrios, amparado pelo braço firme de seus entusiastas. E estes ali estão, ao calor dos refletores, incansáveis, dinâmicos, suando o seu entusiasmo patriótico, no afã de oferecer à nossa gente, através da imagem projetada, um pouco de sua própria arte, alguma coisa de sua própria vida.

Essa dedicação laboriosa é sem dúvida um dos fatores da vitória de nosso cinema. É muito, mas não é tudo. De



A gravura superior mostra um flagrante da filmagem de "Vidas Solidárias", passada no anfiteatro dum hospital. O médico está repreendendo um aluno relapso. O microfone, pôsto na extremidade de uma vara flexível, capta os menores ruídos. O diretor observa o desenrolar da cena. Quando o técnico de som dá os dois toques de campainha, dando como definitiva a cena, encerra-se o seu trabalho. Na foto inferior, o diretor dá explicações aos atores, no intervalo entre dois "tiros".

nada valem os braços e o cérebro, se a bolsa vasta está sempre sabotando o seu trabalho.

E a realidade, embora triste, deve ser revelada. Os nossos estúdios são tão pobres, que não têm guarda-roupa próprio, nem objetos decorativos, nem móveis, nem nada.

E das fichas de indicação de artistas e extras consta um quesito humilhante para a nossa indústria cinematográfica: "Quantos ternos ou vestidos apresentáveis possui?".

Assim é que o cinema nacional, muitas vezes, pode perder um Paul Muni por falta de um paletot de panamá.

UM AGRADECIMENTO

Aí ficou tudo o que nos foi dado ver num estúdio cinematográfico. Não narrámos a história da nossa visita, numa sequência direta e conexa, preferindo antes começar pelo meio, ir ao fim, voltar ao princípio, para terminar junto ao ponto de partida. Assim quisemos dar aos nossos leitores a impressão exata de como é feito um filme. Antes de que sejam tôdas as cenas ligadas por ordem, na sala de cortes, a fita é apenas um amontoado de pedaços de celuloide, mostrando passagens e diálogos que só adquirem lógica e nexos, quando postos por fim em linha reta, colocados uns aos outros, na ordem em que devem ser vistos pelo público.

Aí vai, pois, a nossa história. Um filme cinematográfico é feito, como ficou explicado acima, bem ou mal.

Queremos declarar aqui que a elaboração desta reportagem só se tornou possível graças à gentileza com que fomos recebidos nos estúdios da Atlântida Filmes, onde tudo nos foi facilitado.

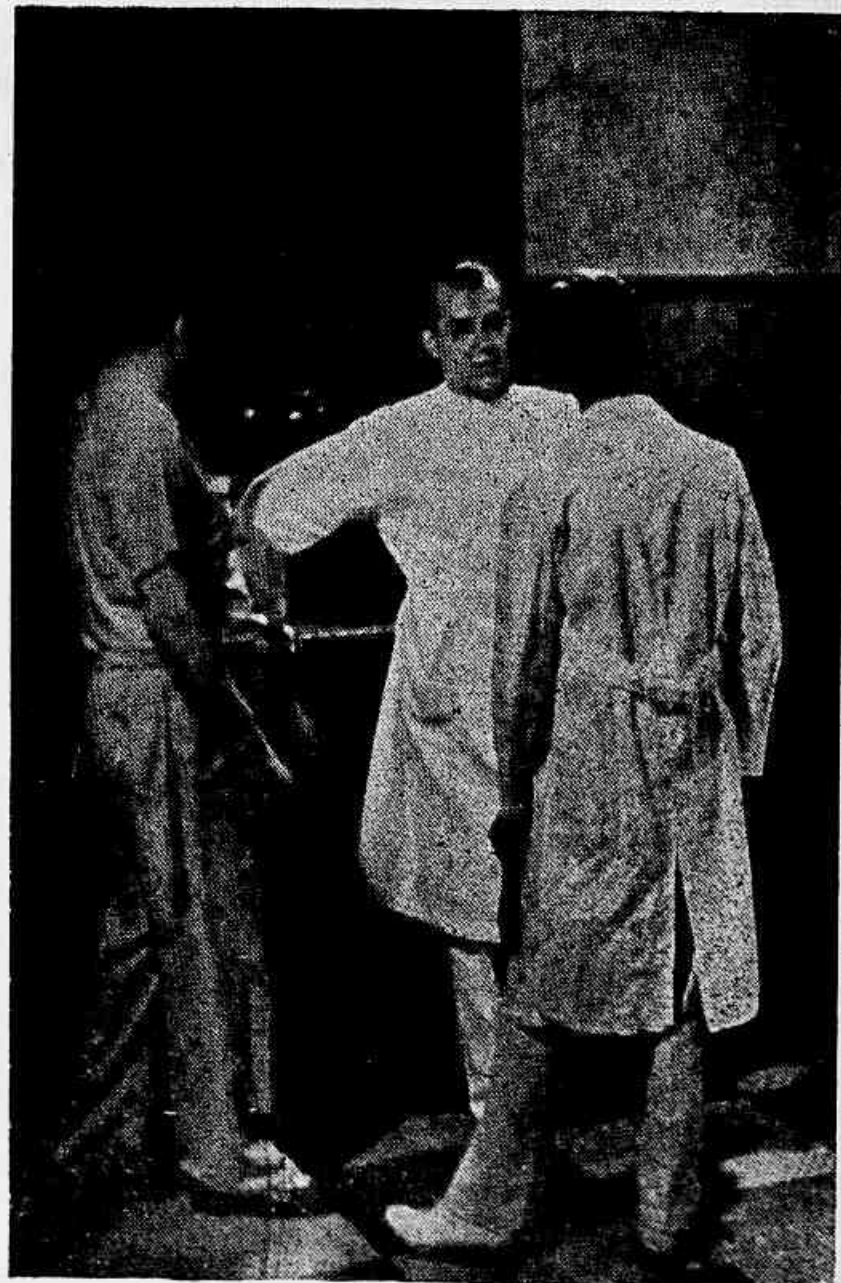
Aproveitamos, para os dados básicos deste trabalho, observações colhidas durante as últimas cenas rodadas para o filme "Goal da Vitória", e as tomadas iniciais da filmagem de "Vidas Solidárias". Cumpre-nos ainda agradecer as explicações técnicas e a solicitude do diretor destes dois celuloides, o sr. Moacir Fenelon.

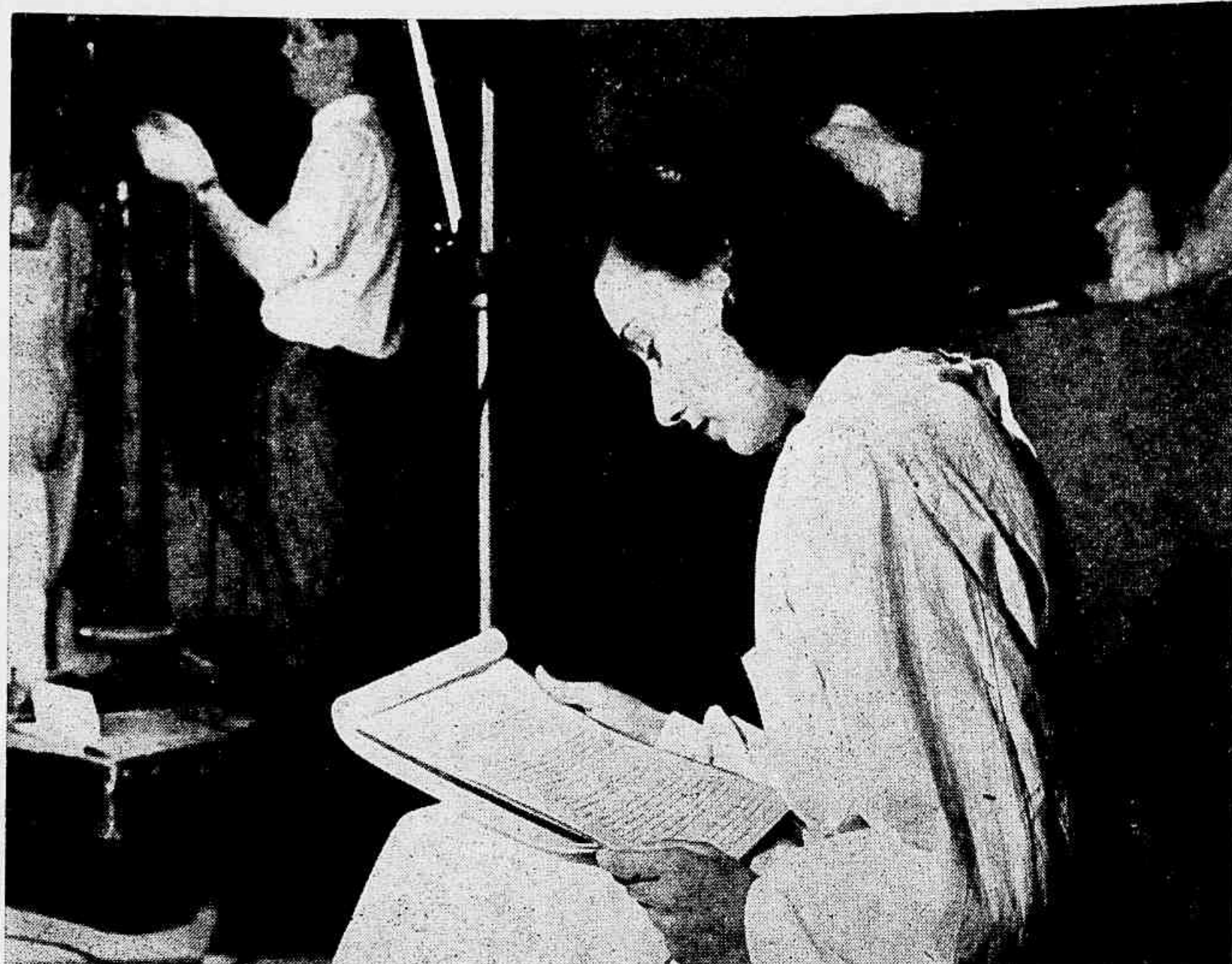
UM POUCO DE LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

Nesta reportagem evitámos o quanto possível o emprêgo da gíria dos estúdios cinematográficos, cujos termos são em geral do conhecimento estrito das pessoas que ali trabalham, bem como da nomenclatura técnica do maquinário e das dependências das produtoras cinematográficas. Se algum destes termos aqui aparece foi porque o julgámos indispensável.

Para o uso dos nossos leitores, damos entretanto abaixo uma pequena lista, retirada do vocabulário dos estúdios:

Close-up	Figura filmada em primeiro plano
Cast	Elenco
Newsreel	Jornal cinematográfico

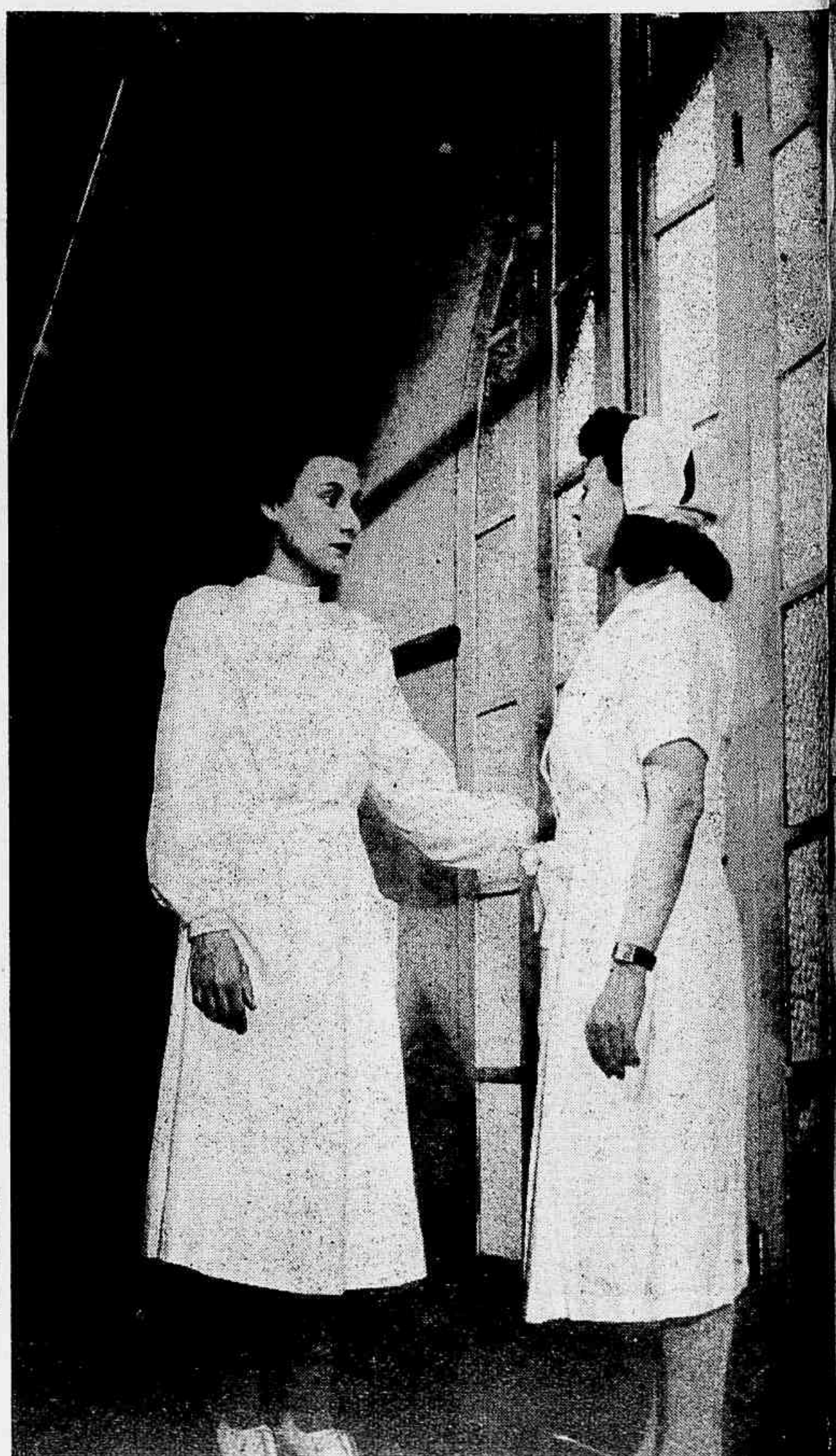
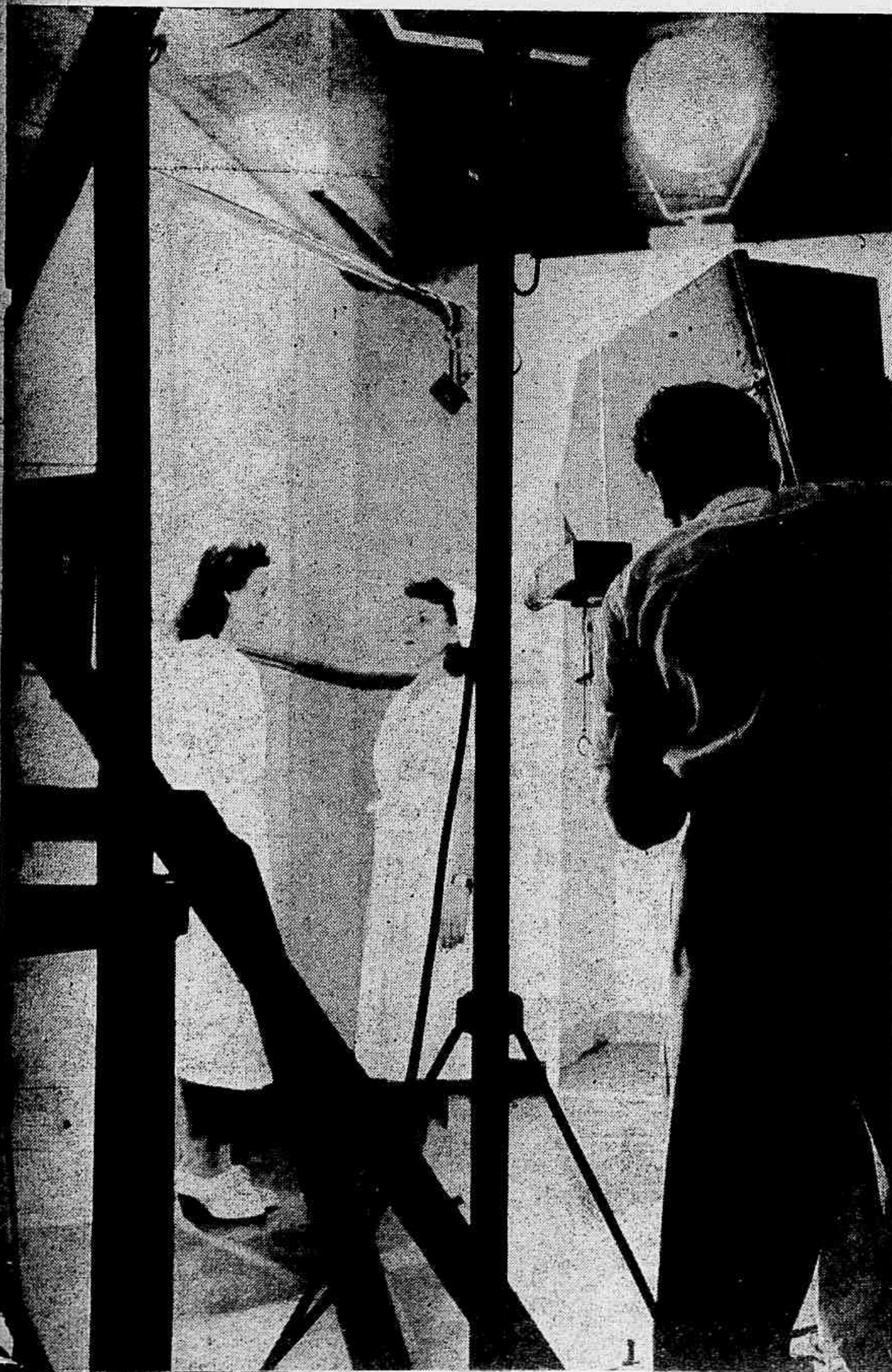


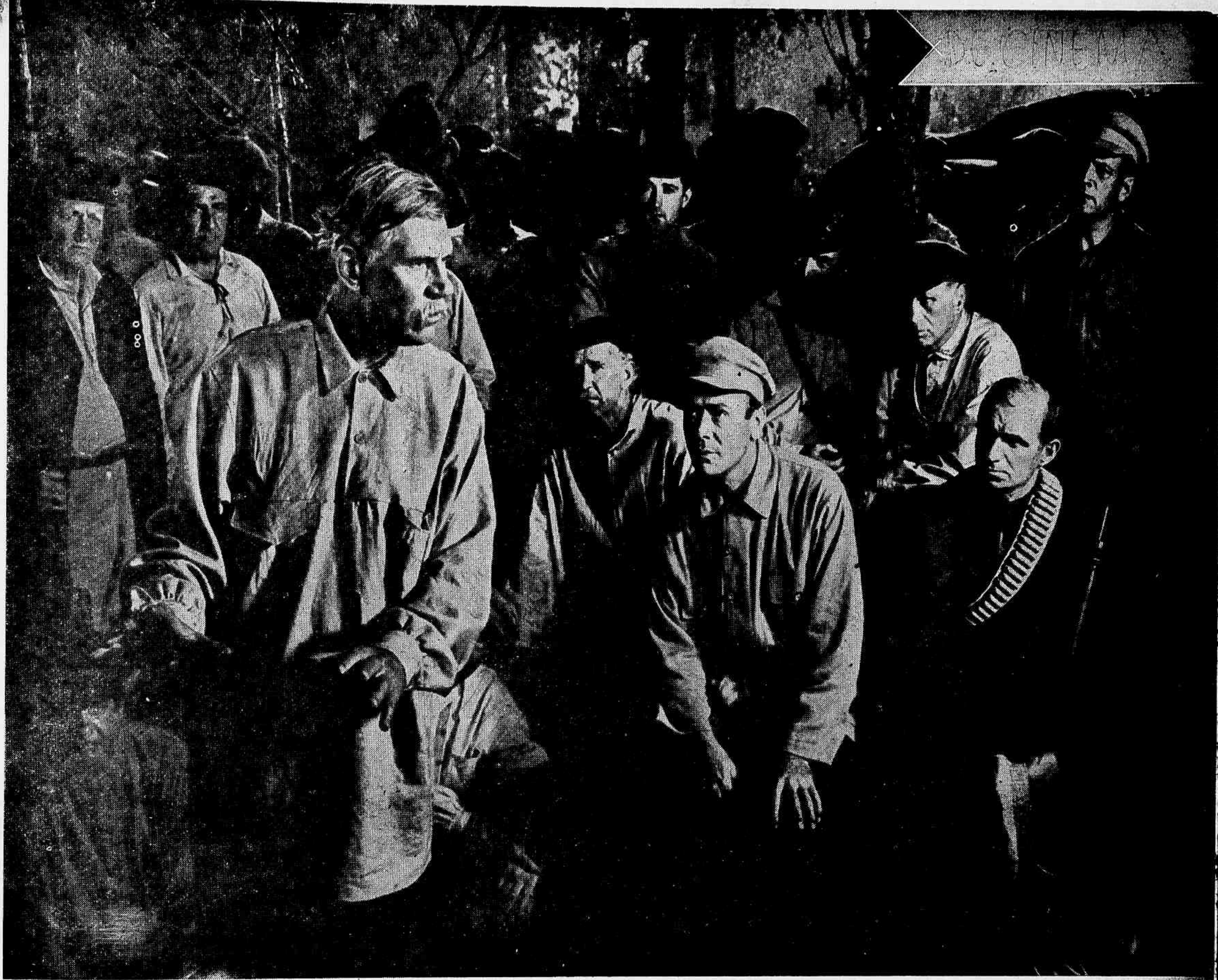


Wanda Lacerda, estrela de "Vidas Solidárias". Ei-la aqui fotografada, enquanto o pessoal do estúdio preparava a câmera para filmagem de uma cena no hospital. Wanda aproveita a folga para estudar o papel de dra. Helena, vivido por ela no novo filme brasileiro.

Uma cena, como o público a vê e como a vêem o cameraman e o diretor. A esquerda, a câmera apanhando a tomada de uma cena de hospital. A direita, na tela, a mesma cena será exibida assim.

Plot	Enredo
Subtitle	Letreiros explicativos do preâmbulo
Tripod	Base onde se assenta a câmera
Slow-motion	Câmera lenta
Rain	Riscos feitos nos filmes, para imitar chuva
Script	Argumento do filme
Preview	Exibição dos filmes nos estúdios, para os diretores e para a imprensa
Take, tiro ou tomada	Filmagem de uma cena. Para se chegar à filmagem definitiva são necessárias muitas tomadas.
Announcer	Speaker, locutor
Make-up	Maquillage
Make-upman, make-upwoman	Maquillador, maquilladora
Fade-out	Mudança de cena com auxílio do escurecimento da fotografia e super-posição da cena seguinte.
Long-shot	Filmagem a distância, o contrário de close-up.
Trailer	Sequência de cenas, para efeito de publicidade do filme a exhibir.
Action	Aviso de que vai começar a filmagem





Walter Huston é o protagonista de dos filmes de ambiente russo, a que o Rio deve assistir proximamente: "Missão em Moscou" e "Estrêla do Norte". A gravura acima pertence ao segundo, e sabe-se que em tôda parte onde já foram exibidos ambos alcançaram significativo sucesso. Mas até agora não há definitivamente autorização para suas estreias se realizarem em nosso país, o que se espera de um instante para outro.

TEREMOS AGORA OS FILMES QUE FALAM DA RUSSIA?

"Canção da Rússia", outro filme que só agora deve ser exibido no Brasil, já se encontrando em nossa capital. Os protagonistas são Robert Taylor e Susan Peters. Ela aí está, numa cena culminante do filme cuja ação transcorre por completo no país soviético.



Encontraram os comentaristas cinematográficos, esta semana, assunto novo para oferecer aos seus leitores, com o advento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Rússia. Esse acontecimento vai refletir, de maneira direta, nos assuntos cinematográficos, desde que tôdas as películas nas quais se agitavam coisas ou pessoas daquela nação eram sistematicamente proibidas pela nossa censura, embora que vai agora desaparecer. Muitos desses filmes — pois Hollywood os intensificou nestes dois últimos anos — nem sequer vieram ao Brasil. As agências das companhias produtoras, tendo ciência da proibição, comunicavam às suas matrizes que não adiantaria gastar alguns dólares na remessa de cópias com as legendas em nosso idioma, o que também exige despesa. Outros filmes aqui chegaram e ficaram nas prateleiras das agências, sendo alguns levados à censura e ali, quando muito, exibidos em caráter íntimo. Agora, porém, tudo faz crer que tenhamos uma temporada de filmes melhor, com o sangue novo dessas películas, muitas já antigas para outros mercados. E, a exemplo do que sucedeu por ocasião da declaração de guerra do Brasil às derrotadas potências do Eixo, esses filmes serão liberados e vão ser exibidos de uma assentada, dando férias às "reprises" das quais o nosso público anda saturadíssimo. As "reprises" e aos filmes musicais, intensificados e, na maioria, medíocres. As histórias de guerra também estão cansando, de tanto renovarem os "climax" e os "trucs" dramáticos.

Quando se deu a liberação do cinema anti-nazista, foi



Susan Peters tem um papel destacado em "Canção da Rússia", um dos primeiros filmes inspirados em motivos daquele país, feitos em Hollywood, e cujas exhibições não foram até agora feitas no Brasil. Esta, porém, é uma película essencialmente romântica.

aquêle sucesso fantástico verificado com "Tempestades de alma", que a Metro apresentou para um público sequioso,

ávido, impaciente de dar largas à sua antipatia contra os nazistas, e subitamente vimos irromperem em tôdas as telas de cinemas um, dois, dez, vinte, cinquenta filmes do mesmo estilo. Acabaram cansando, mas, de início, os cinemas ganharam êchentes como de há muito não se registravam. E os preços das localidades, como de praxe, foram subindo...

Agora parece que o fenômeno se repetirá com a liberação dos filmes cujos argumentos focalizam coisas da Rússia. O ataque está desde agora esboçado, aguardando-se apenas que desapareçam de vez os embargos da censura, e temos lido nestes últimos dias, até mesmo comentários editoriais, nos diários de maior circulação e prestígio, reclamando a exibição desse material. A Warner está pronta para estrear "Missão em Moscou", que vem a ser a filmagem do famoso diário escrito pelo embaixador "yankee" Joseph Davies. A RKO tem, por sua vez, "Estrêla do Norte", com a circunstância do protagonista, em ambos, ser o mesmo ator, Walter Huston. A Columbia exhibirá Paul Muni em "Rússia". E também a Metro já possui no Rio, pronta para soltar a qualquer instante, "Canção da Rússia", que nos dizem ser outro ruído espetáculo. Esses são os mais esperados, já exibidos em quase todos os países do nosso continente. Mas são inúmeros os outros, produzidos nestes últimos tempos nos estúdios americanos e que se encaminharão, agora, sem maiores dificuldades, para as telas dos cinemas brasileiros.

Que venham — e que sejam bons. Estamos cansados de "reprises" e de filmes musicais infra-mediocres.

Aliás, a semana cinematográfica deu outro assunto novo aos comentaristas. Foi publicado que talvez alguns salões da Cinelândia sofram alterações sensíveis em suas atividades. Assim, por exemplo, o Odeon e o Glória, terminados os contratos de arrendamento, seriam devolvidos aos seus proprietários. De fato, o primeiro vem sendo aproveitado, ultimamente, como lançador de filmes duplos de linha, a preços mais em conta, e o Glória foi transformado em teatro. O Pathé estaria sendo requisitado pela empresa Marc Ferrez Filhos, dona do prédio, mas o arrendatário estaria se baseando na lei do inquilinato para protelar essa devolução, mesmo com o contrato extinto. O Capitólio, sofrendo algumas obras, viria a ser novamente lançador, transferindo-se as Sessões Passatempo para o Império.

Mas também foi anunciado estar em organização um novo e poderoso consórcio exibidor, para construir casas novas no Rio e arrendar outras nos Estados, consórcio do qual participaria uma empresa jornalística.

E os maiores da Metro estão na terra, inclusive Arthur Loew, para cuidar sem demora, ao que se garante, do levantamento de mais seis cines Metro nesta capital: na avenida Presidente Vargas (antiga praça Onze), nos subúrbios e em outros bairros. Além de um maior, no centro, porque o edifício do Metro-Passelo não pertence à Metro, e quando o contrato terminar terá também de ser devolvido.



Paul Muni é, por sua vez, o protagonista de outro filme passado no país soviético, e cujo título é, justamente, "Rússia". No "cliché", uma sequência dramática. Ao fundo, quatro prisioneiros nazistas, e em primeiro plano Muni e Margaret Chapman, sua "partenaire" nesse filme que agora deve ser também estreado.

A velha solteirona viu desde o primeiro momento que o marido tencionava matar a esposa...

Crime sem castigo

(Adaptação de uma novela de AGATHA CHRISTIE)

A agulha de tricô ganhou velocidade, impelida pelos dedos ágeis de Miss Marple, e a velha solteirona começou a sua história:

— Até hoje ainda sinto um calafrio quando penso naqueles dois dias. Sim, porque, em dois dias, representou-se uma tragédia numa estação de águas, sendo que eu previra o crime e não pudera evitá-lo. Ainda mais: o criminoso escapou porque só tarde de mais consegui descobrir a maneira pela qual ele conseguira munir-se de um alibi perfeitamente inatacável. Vi-o, pela primeira vez, num bonde. Logo à primeira vista, com uma dessas intuições que tenho, às vezes, descobri a intenção dele. E o que sucedeu, logo depois, veio confirmar o que eu pensava. Ele levantou-se para saltar. Ela ia na frente. O bonde parou e, de repente, ele "perdeu o equilíbrio" e caiu empurrando-a. Um automóvel ia passando. Se não fosse a intervenção do condutor, ela teria caído debaixo do veículo.

Um acidente? Sim, mas que vinha reforçar a minha opinião e que poderia ser interpretado de outra maneira. Suponhamos que ele não tivesse "perdido o equilíbrio", como mais tarde teve o cuidado de afirmar, mas que se tivesse jogado contra ela, exatamente para fazer com que ela caísse?

— A senhora tem certeza de que não imaginou tudo isso?

Miss Marple sorriu:

— Não, coronel, não imaginei, mas confesso que somente o incidente que acabara de presenciar não justificaria as minhas suspeitas, se não fosse corroborado pela minha intuição. Ainda assim, isso serviu-me somente para que eu me pusesse em guarda e decidisse observar os dois mais cuidadosamente. Moravam, ou melhor, estavam passando uns tempos no mesmo hotel onde eu morava naquele tempo. Por isso, não me foi difícil vigiá-los. Mais tarde, houve novo caso. Uma caixa de bombons envenenados... A esposa quis falar com a polícia, pois um dos bombons envenenara o seu cãozinho, mas ele dissuadiu-a. Estava com certeza envenenada, mas deveria ser a caixa que ele comprara, somente, e não poderia acusar grandes prejuízos à fábrica só por causa da morte de um cão. Ele mesmo escreveria ao diretor, contando o caso, e pedindo providências... E' excusado dizer que o gerente da fábrica não recebeu carta alguma e é quase certo que aquela caixa tinha sido envenenada por ele mesmo.

Dois tentativas falhadas. Eu comecei a ficar nervosa. Nesse interim, entretanto, fizera amizade com a moça e já tentara preveni-la mais de uma vez contra o marido, mas ela não entendia as insinuações e eu, na verdade, não podia falar claramente. Tanto mais que não tinha provas irrefutáveis do que afirmara...

— Que fez, então?

— Recorri à superstição. Não são poucas as pessoas, mesmo cultas, que acreditam em certas superstições. Conheci um médico, ateu impenitente, que não colocava um chapéu sobre uma cama nem que lhe pagassem para fazê-lo. As pessoas são assim, contraditórias... por isso, quando esgotei todos os meios e modos de fazê-la entender o que eu queria, sem dizer claramente, porque era impossível, resolvi lançar mão do último curso e inventei um sonho. Imagine o senhor que ela vivia num apartamento com uma sacada, coisa preciosa para as tentativas do nosso amigo. Eu, com o meu sonho inventado, tentei inspirar um medo terrível de sacadas e janelas e muito cuidado com a alimentação. E até incluí no sonho um vulto de homem cuja descrição era mais ou menos a do marido. Ela percebeu logo isso e disse:

— Engraçado! Esse assassino que a senhora sonhou parece com meu marido! Graças a Deus, os sonhos, em geral, querem dizer o contrário do que a gente sonha!

Consolei-me do esquecimento de inverter os fatos, pensando que, caso o tivesse feito, ela não pensaria no valor oposto dos sonhos. Estava, verdadeiramente, cega. Não podia sequer imaginar que o marido tivesse a intenção de assassiná-la. Se eu o tivesse dito, zangar-se-ia comigo, e afastar-se-ia, pondo, ao mesmo tempo, em guarda o assassino. E eu não me poderia arriscar a isso, a perdê-la de vista completamente. Contentei-me, portanto, com uma vigilância constante. Mas, como ver a nada adiantou.

Era noite e eu estava deitada já, lendo um romance, quando bateram à minha porta. Era o gerente do hotel, com um "robe de chambre" perfeitamente ridículo, cabelos em pé, olhar assustado.

— Que aconteceu? perguntei, temendo a resposta.

— Estava quase morrendo... Está moribunda... Que farei? A senhora sabe... Ouviru dizer que era enfermeira... Não encontro um médico...

Vesti um "peignoir" e acompanhei-o.

— Vou com o senhor. Previna a polícia...

— Mas...

— Já lhe disse que previna a polícia.

— Mas para que?

— Como, para que? Não foi assassinada?

O homem quase caiu de espanto.

— Quem?

— Madame Green?

— Nada disso. Não é madame Green que está doente, e quem está doente não foi assassinado. E' aquela moça que alugou um quarto ontem mesmo e que me pareceu doente. Está doente, na verdade. Muito doente.

— Ah!

Não pude conter um suspiro de alívio.

O caso era grave. Um caso de tifo, e um caso verdadeiramente sério. A moça morreu logo, antes de podermos falar com o médico. Eram quatro horas da manhã quando saí do meu quarto e fui beber um café quente no gabinete do gerente do

hotel para refazer as forças. Afinal, não sou mais criança...

O gerente queria dizer-me alguma coisa. Aquilo era evidente.

— Miss Marple, eu queria...

— Que há?

— Querla pedir-lhe um favor... Querla que esquecesse o que viu esta noite pelo espaço de dois dias...

— Como?

— E' o seguinte. Temos, entre nós, vários hóspedes ilustres...

Eu sabia daquilo. Havia visto, a caminho do banheiro, a estrêla de cinema...

— Pois bem, continuou o homem, se eles souberem que há um caso de tifo no hotel pensarão que é culpa da gerência. Além disso a polícia botará o hotel de quarentena e eles devem partir depois de amanhã... Ficarão furiosos e eu não terei mais hóspedes de sua classe... A senhora compreende que se uma reclamação ruim...

— Compreendo, o senhor não encontrará mais hóspedes.

— Isso.

— E quer que esqueça que a moça está morta no seu quarto até que os hóspedes ilustres partam?

— Se a senhora concordar...

— Pois bem. Eu sei que isso é irregular, que não deveria fazê-lo, ainda mais sendo enfermeira, mas compreendo a sua situação e vou ajudá-lo. Quando sair dessa sala terei esquecido que o senhor me chamou no meio da noite — para sempre. Esquecerei tudo.

— Mil vezes obrigado.

Como me arrependi, mais tarde, do que fizera. Não pela irregularidade. Fora uma decisão tomada com pena do homem, e não poderia ter consequências sérias, mas porque, assim fazendo, eu favorecia inconscientemente os planos do criminoso... Aquela moça morta no primeiro andar...

Depois do café encontrei o marido e a esposa, sentados lado a lado, em silêncio idílico. Contive um estremecimento.

— Bom dia, Joan.

— Bom dia, Mr. Green.

— Bom dia, Miss Marple.

— Bom dia, Miss Marple.

Passel, sem parar. Mais tarde desejaria, de todo o coração, ter parado, ter feito alguma coisa, ter levado a moça co-

migo, porque aquela era a última vez que a veria com vida.

A catástrofe — ou melhor, o crime — deu-se à tardinha. Green chegou às seis horas e veio procurar-me no bar.

— Miss Marple?

— Que há, Mr. Green? respondi, já ansiosa. Não deveria ser boa coisa...

— Querla pedir-lhe um favor.

Olhei em torno. Um grupo ao nosso lado parara de conversar e prestava atenção ao que ele me dizia. Por amor da linda esposa daquele bandido respondi:

— As suas ordens...

— Trata-se do seguinte. Mandei buscar uma meia dúzia de bolsas para escolher uma para minha esposa... mas... um homem nunca escolhe um presente para uma moça. Querla que a senhora escolhesse a bolsa...

Patife! Por um segundo ele me enganou com o pedido meio ingênuo, e o sorriso encantador porque, é preciso confessar, era um belíssimo rapaz. Talvez por isso mesmo...

Segui-o até os seus aposentos, onde ele guardara uma coleção de bolsas. Escolhi uma, que me pareceu mais bela do que as outras, e ia retirá-la quando ele me pediu:

— Quer levá-la para ela? Ela já deve ter chegado. Eu... Eu queria que a senhora levasse o presente.

— Mas por que?

Como ele era sagaz! Sua observação naquele momento foi um toque de gênio. Disse:

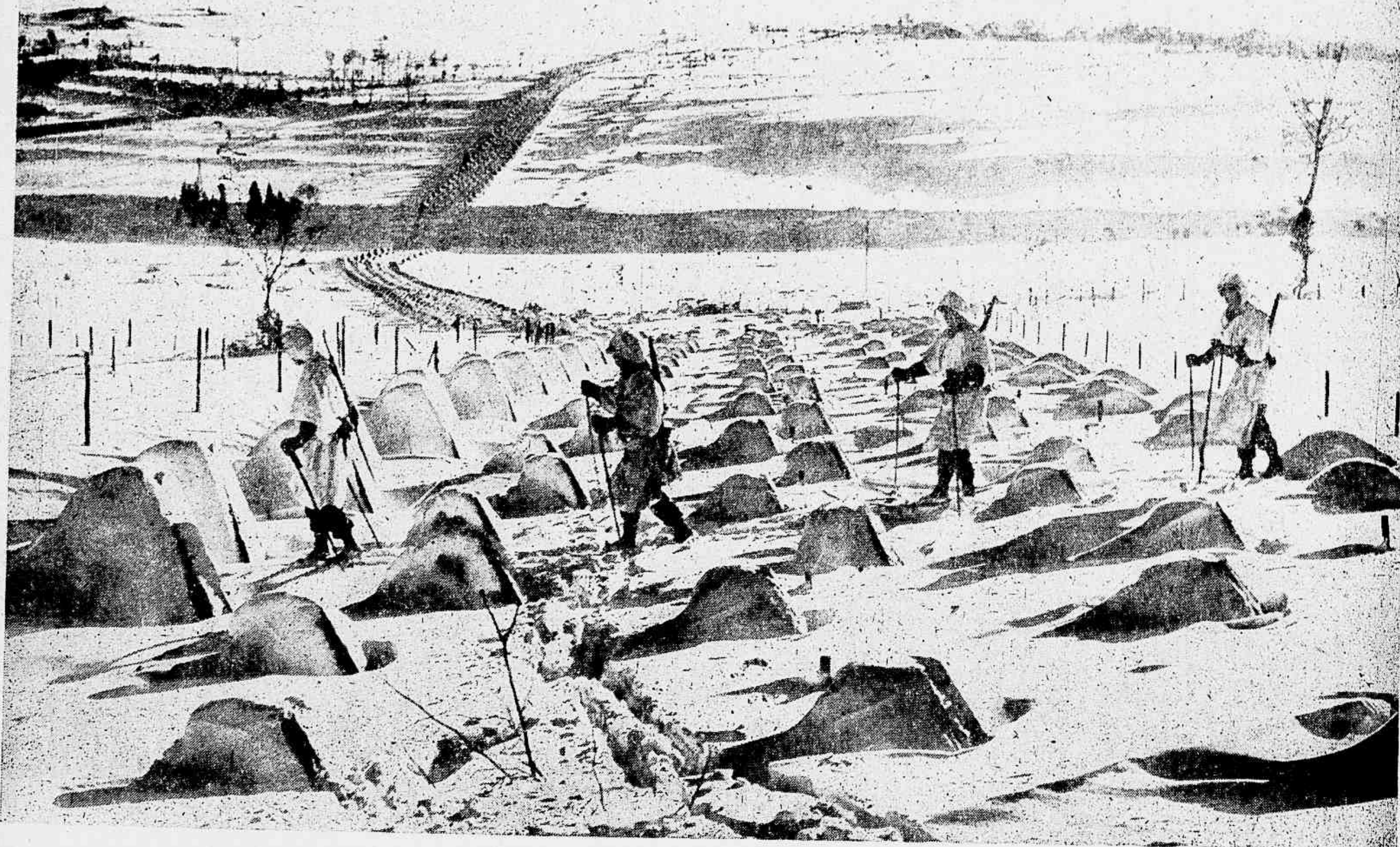
— Brigamos, sabe? Ela zangou-se comigo e... Querla que esse presente fosse como que um ramo de oliveira: pedindo paz... A senhora fará isso para mim, não é verdade?

Como estava convincente naquele momento! Como tirava partido do encanto do seu sorriso para prender uma velha solteirona que... bem, nem quero lembrar... Mas, enfim, é preciso observar o valor da invenção dele. Aquela briga... Um criminoso ordinário não confessaria uma briga inexistente, mas ele sabia bem que poderia valer-se daquilo, alegando uma fraqueza completa, até ao ponto de contar que houvera uma desavença entre eles, e com isso fortalecer as provas de sua suposta inocência...

Um canalha, mas um homem de uma inteligência fora do comum

(Continua na página 53)





ESQUIADORES EM AÇÃO. — A Linha Siegfried estava protegida por uma rede extensa de dentes de dragão, que impossibilitava o avanço dos tanks aliados. A infantaria porém irrompeu pela muralha de cimento armado, abrindo caminho para as tropas de engenharia que vieram após, afim de remover os obstáculos postos à passagem dos veículos motorizados. Aqui vemos uma patrulha de esquiadores americanos, passando através dos dentes de dragão da Siegfried, protegidos pela manta branca de disfarce.

(Fotos S. I. H.)

O FRIO FAZ UM LADRAO. — Com a libertação de muitos dos países ocupados, viu-se a Alemanha privada de uma das maiores fontes de abastecimento de agasalhos para os seus soldados. As mantas e os capotes eram antigamente conseguidos na França e na Noruega, a custo da requisição dos agasalhos das populações civis. Hoje, porém, já não se torna possível essa rapinagem. Só quando encontram um ferido ou morto americano é que os soldados de Hitler conseguem lhe roubar os agasalhos. Aqui vemos um alemão feito prisioneiro devolvendo a roupa e o equipamento aos seus captores.

Novas e decisivas vitórias vêm sendo conseguidas pelos soldados de todos os exércitos Aliados, que escrevem agora, com o seu heroísmo e a sua tenacidade, as últimas páginas de sangue desta guerra de libertação. Os acontecimentos em todas as frentes fazem já prever o próximo fim da tirania hitlerista e a derrota do Japão.

No "front" de leste continuam os progressos soviéticos, cada dia em ritmo mais acelerado.

As tropas da Rússia Branca e da Ucrânia investem furiosamente sobre o Báltico, ameaçando todo o litoral. No setor de Stetlin a luta prossegue encarniçada, e os germânicos, embora se defendam com denodo, não se poderão manter durante muito tempo em suas posições. As forças russas já se encontram agora em pleno coração de Dantzig, que os alemães incendiaram, num gesto de desespero. E Gdynia está também ameaçada por um sítio de ferro e fogo.

Enquanto sucedem-se tais operações ao norte, no setor de Berlim avançam os soldados de Zhukov, e a capital germânica está prestes a receber as primeiras salvas da artilharia pesada dos soviéticos.

Nas margens ocidentais do Oder os soldados russos lograram avançar rapidamente, introduzindo pesadas cunhas nas linhas nazistas de fortificações, dominando por completo toda a rede defensiva da Wehrmacht naquele setor.

Assim, torna-se crítica a situação de Berlim, cada dia mais próxima dos canhões do Exército Vermelho.

Na frente ocidental registram-se também acontecimentos de alta relevância, que podem influir poderosamente no curso das próximas operações.

As forças coordenadas da Inglaterra e Estados Unidos, que até pouco tempo se entregavam, por assim dizer, a uma guerra de posição, se lançaram agora ao ata-



Aspecto tomado por ocasião da entrevista da Mesa Redonda entre delegados à Conferência de Chapultepec e jornalistas. Esse programa foi transmitido para os Estados Unidos por intermédio da Columbia Broadcasting. Na foto vê-se o sr. Nelson Rockefeller, ao lado do ministro Leão Veloso.

A GUERRA EM MARCHA

que, ramificando uma ofensiva em diversos setores, o que faz prever uma ação em massa contra toda a zona fronteira e mesmo contra o coração do Rhur e da Renânia.

O Reno já foi atingido em vários pontos, e as unidades blindadas de Patton avançam para o centro da Alemanha, visando

eliminar, de uma vez por todas, qualquer resistência organizada dos nazistas.

Na Itália prosseguem com sucesso os pequenos avanços aliados, que não podem ser levados a efeito com maior intensidade e mais velozmente por força das condições climáticas desfavoráveis. Isso impede ainda, neste fim de inverno,

Símbolo da solidariedade americana: o ministro interino das Relações Exteriores do Brasil, sr. Leão Veloso, cumprimenta cordialmente o presidente Avilla Camacho, do México, por ocasião da abertura da Conferência de Consulta dos Chanceleres Americanos, realizada em Chapultepec.

o emprêgo de grandes forças motorizadas nos Apeninos.

As últimas notícias trazidas da "front" peninsular vêm repletas de feitos valiosos das nossas forças expedicionárias que, além de Monte Castelo, conquistaram outros louros, na batalha de Castelnuevo e, posteriormente, nos assaltos repetidos ao Monte Spigolino, terminaram com a captura desta importante posição.

Enquanto assim se desenvolvem as ações bélicas na Europa, a guerra no Pacífico continua a apresentar grandes surpresas.

A Inglaterra, segundo se assegura, se dedicará agora mais às ações contra o Japão, do que já tivemos prova pelos últimos avanços levados a efeito na Birmânia.

A ação da aviação "yankee" contra o território metropolitano japonês é outro seguro indício de que a vitória se aproxima.

Os últimos despachos nos dão conta do maior bombardeio jamais sofrido por uma cidade do Mikado: Osaka recebeu mais de duas mil toneladas de alto explosivo dos aviões americanos, que decolaram, provavelmente, da base de Saipan.

Graças ao heroísmo dos soldados das Nações Unidas, é cada vez mais nítida a alvorada da vitória, que já se delinea no horizonte.

Para resolver todos os problemas da guerra e todas as vicissitudes que porventura possam surgir no após-guerra, reuniu-se novamente a Conferência de Consultas de Chanceleres das Nações Americanas.

Em Chapultepec, no México, decidiu-se a posição conjunta dos governos americanos, diante dos magnos problemas criados pela conflagração. E, num ambiente de cordialidade continental, chegaram-se às mais racionais e lógicas conclusões quanto aos direitos e deveres dos homens e das Nações Americanas, na guerra e na paz.



Teixeira de Mello

ESCRAGNOLLE DORIA

QUEM frequentou a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ao tempo de sua sede no largo da Lapa, e nela começou a conhecer o chefe da seção de Manuscritos e depois da de Impressos, José Alexandre Teixeira de Mello, recebeu e guardou do funcionario grata impressão pela convivência tornada indelevel.

Médico em 1859, por varios anos Teixeira de Mello clinicou em Campos, sua cidade natal, a cujo jornalismo deu pena. Mudando de vida e até de profissão, obteve cargo na Biblioteca Nacional, desta afinal diretor.

Entre manuscritos e livros foi Teixeira de Mello se esquecendo de haver sido médico e também poeta, amigo particular de Casimiro de Abreu.

Da medicina e da poesia transferio-se Teixeira de Mello ao cultivo da história e da geografia nossa. Naquele cultivo o contato diario com livros, jornais e manuscritos, a facilidade de tel-os à mão, eram de natural embeber. O estudioso tornou-se um erudito, não sem olhar de ternura sobre seus livros de versos, e estes no Brasil, em geral, só diz m mocidade.

Leram os proprios titulos dos dois livros de poesias de Teixeira de Mello, "Son bras e Sonhos" e "Myosotis". A primeira obra é saudar de poeta à sua juventude, a segunda reúne versos "em adeus de despedida" às suas primeiras rimas, segundo o proprio poeta.

Os versos de *Sonbras e Sonhos* ao serem publicados tinham por certidão de idade a do autor, eram de plenos vinte anos.

Recordava-os Teixeira de Mello aos quarenta, ao publicar "Myosotis" revendo-se neles com emoção o poeta de outrora.

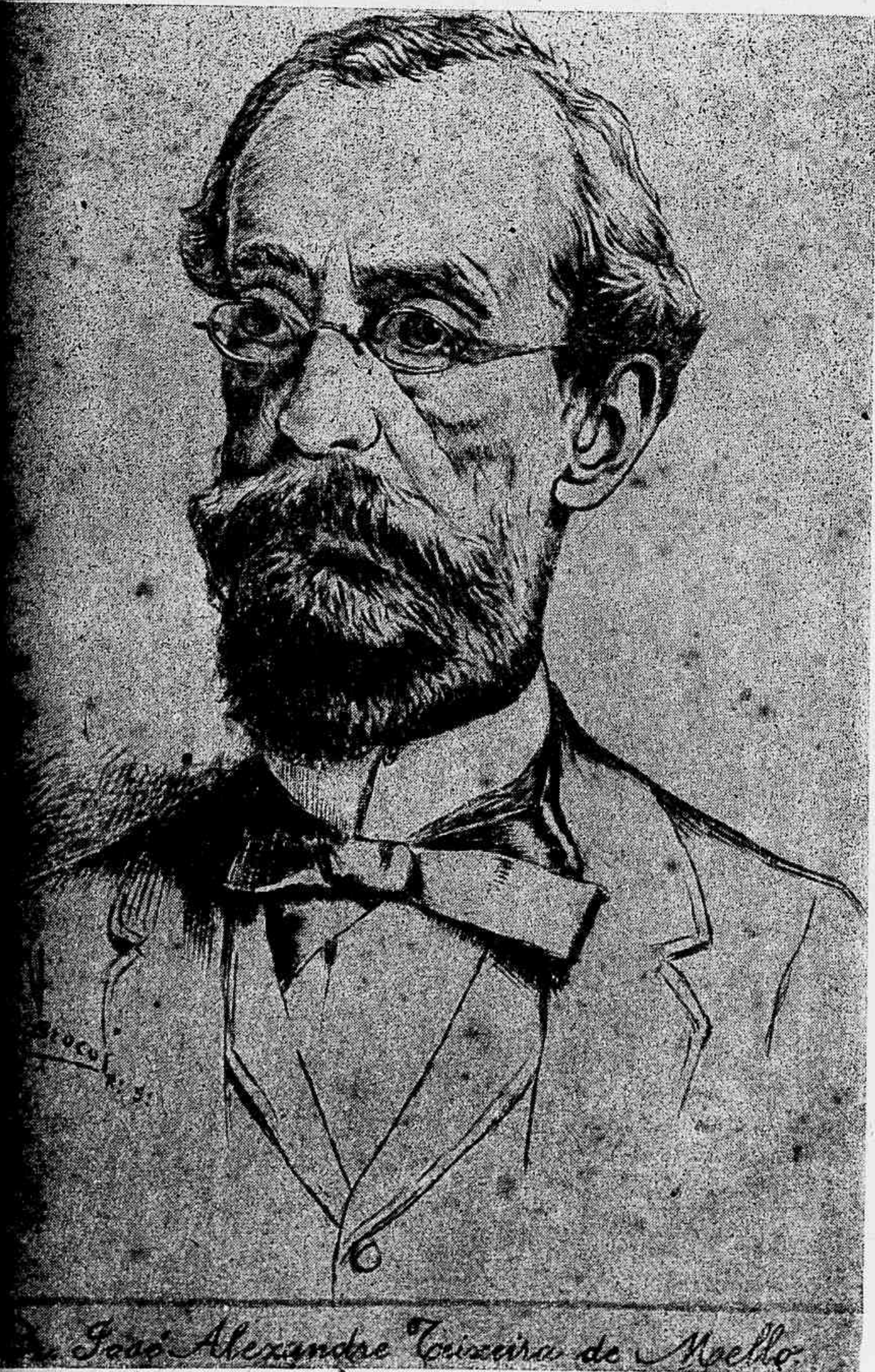
Teve Teixeira de Mello amizade e apreço entre os melhores liricos do seu tempo, depois de Casimiro ele mais chegado a dois, Otaviano Luis e Delfino, um de férias na poesia nas folgas da politica e da diplomacia, o outro nas da clinica, espalhando versos por gavetas de gazetas até que as reunisse o amor filial de Tomaz Delfino, prestadio assim a letras nacionais.

Sem ser poeta de tres altos, um Gonçalves Dias, um Castro Alves, um Varella, Teixeira de Mello conseguiu logar na poesia nossa.

JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO

(Campos 1833 — Rio de Janeiro 1907)

Agua-forte de Brocos.



Em seguida viva ficou a sua lembrança junto àqueles que prezam, estudam, difundem ou defendem historia brasileira ou interesses patrios.

As qualidades de reunidor de historia brasileira e de defensor de interesses patrios são quem leva Teixeira de Mello a especial, apreço, pondo-lhe a memoria em salvo do olvido, terrível onda na qual, disse Hugo, tuço se afoga. Nem tudo porem, com perdão do lirico, ele ainda não submerso pela temerosa onda.

Os serviços a causas nacionais são de duas ordens, uns vistosos e de combate, outros de poderoso auxilio aos de primeira linha, e para estes de antecipação providora.

Venha exemplo, daqueles exemplos que logo se impõem. Vão dal-o o Barão do Rio Branco, Joaquim Caetano da Silva e José Alexandre Teixeira de Mello.

Não se excluam o segundo e o terceiro de triunfos do primeiro se a este cabem, mais em cheio, a deçura do louvor e da justa gloria dos proprios feitos quando soados, não se precisando citar que épico o disse.

Da carreira consular chamado à diplomacia, achou-se Rio Branco aparelhado por estudos historico-geograficos para desempenhar papel de figura central em duas intrincadas questões de limites, a do Missões e a do Amapá.

Levadas ambas à nobre solução do arbitramento, Rio Branco vio-se na posição de general em chefe de um exercito de direitos e argumentos, exercito formado pelo diuturno estudo proprio e alheio da historia patria, esta colonialmente vinculada à historia portuguesa.

Um general em chefe, por poderoso que seja o seu exercito, sabe o preço de tem estado maior a favorecer-lhe empresas.

Em Washington, por parte de Brasil, Rio Branco tinha de proclamar-lhe o direito ao territorio das Missões.

Tal direito já convencera Teixeira de Mello, que da convicção passou á demonstração, em forma de livro dos prélos da Tipografia Nacional em 1883.

Folha de rosto da obra anunciava: *Limites do Brasil com a Confederação Argentina. Memorias sobre quais sejam os verdadeiros — Santo Antonio e Fipery — e si devem estes dous rios constituir a linha divisoria entre os dois paizes, pelo Dr. J. A. Teixeira de Mello. Acompanhado de um mappa*.

Argeu Guimarães, em precioso *Dicionario de Diplomacia, Politica Externa e Direito Internacional*, indica frisantemente como Rio Branco costumava duplicar ou triplicar as obras que o interessavam sobremaneira. Por notas à margem formava o leitor novo volume, acrescido de folhas suplementares quando a marginalia por demais copiosa e não de espaço a cabeça da menor palavra.

O estudo de Teixeira de Mello "Limites do Brasil" foi sujeito ao processo já aplicado às "Ephemerides Nacionais" levadas por Teixeira de Mello em primeira mão às colunas da *Gazeta de Noticias*.

O exemplar dos "Limites do Brasil com a Confederação Argentina", exemplar avaramente possuido pela biblioteca do Itamarati, "oferece documento do metodo de trabalho, da constancia e da canceira do barão no estudo consciencioso do problema das Missões.

As notas seguem a exposição do autor, pagina por pagina, linha por linha. Rio Branco se converte em lucido exegeta, collaborador e comentador de Teixeira de Mello.

Tal informação provem de Argeu Guimarães, informante no qual se pode confiar por lêr bem para escrever com segurança.

A atenção prestada à obra de Teixeira de Mello, por quem não a prestava a livros somenos, mostra o valor do estudo do escritor fluminense de colaboração indireta ao esforço de Rio Branco chamando a Brasil o territorio das Missões.

Ao advogado de uma patria também prestou auxilio outro brasileiro, este na Europa. Incumbio Rio Branco a José Antonio de Freitas de colher documentos em Lisboa, onde aquele distinto maranhense se educara e residiria até morte, acreditadissimo na melhor sociedade, a abrir-lhe portas e amizades.

Tornando a Teixeira de Mello seja dito que a questão das Missões não foi unico litigio de limites a prender-lhe espirito e instigal-o a estudos feitos na propria Biblioteca Nacional, instituição que, como o Arquivo Nacional, deve merecer a mais continua assistencia. Encontra-se em ambas as instituições mananciais de cultura indispensaveis a paiz que deseje mostrar-se ao mundo unindo tradição e pensamento.

Em 1895 a typografia Leuzinger, de tão esmeradas edições, dava a lume nova obra de Teixeira de Mello e de titulo assaz expressivo, a recomendar no autor o funcionario laborioso e o cidadão prestante. Era só lêr este titulo: "Subsídios existentes na Biblioteca Nacional para o estudo da questão dos limites do Brasil pelo Oyapock coordenados pelo chefe da seção de Manuscritos, dr. Teixeira de Mello.

O estudo de Teixeira de Mello mereceu notas à margem de Rio Branco, sem descanço de pena e lapis no habito do dono de pô-los a correr em marginalia.

Escrever estas tres palavras — *Contestado do Amapá* é obrigar justiceiro a escrever este nome: Joaquim Caetano da Silva.

Desde 1851 acompanhava ele quanto se relacionava com a nossa questão de limites com a Guiana Francesa até chegar à construção do monumento de sua gloria de erudito, o erguido pelos dous tomos do *L'Oyapock et l'Amazonie*.

Nos sete volumes apresentados ao presidente da Suíça, para decisão do pleito arbitral do Amapá, deixou Rio Branco a prova de quanto lera Joaquim Caetano, este de obras prezadas também por Varnhagen, Cabo Frio e Ponte Ribeiro, para os quais respectivamente a história, a diplomacia, as questões de fronteiras foram essencia de vida. Assim ubique patriae memor tudo aquilo o seria para Rio Branco, assistido pela dedicação de Teixeira de Mello em questões de magnitude para a unidade nacional. A justiça historica manda dizer esta unidade resguardada por Portugal. Defesa meritória mesmo considerada sob o aspecto de interesse de metropole.

A propria Espanha, ao deminar Portugal, na união iberica premevida por Felipe II, a força de armas e a poder de dinheiro, respetiu e defendeu a unidade do Brasil sem tocar na sua administração portuguesa. Basta lêr a lista dos nossos governadores gerais de 1580 a 1640. Neste particular a Restauração não inovou, continuou-e no curso de estudos Teixeira de Mello o teria compreendido.

A 10 de Abril de 1907 morria quem muito estudara, morria o poeta que em 1877, em curto prefacio a segundo livro de versos seu, declarava que antes passasse existencia apenas votado à poesia.

"Morreria satisfeito de assim haver vivido", confessava o poeta, substituido pelo erudito, que bem servira o Brasil na longa e batallhada reconquista do q ue territorialmente lhe pertencia.

NOS BASTIDORES FEMININOS

O perfume não é uma invenção moderna. Ele teve no passado uma fase talvez mais gloriosa do que a de hoje, quando homens e mulheres cheiravam "terrivelmente" bem. Onde quer que houvesse beleza, amor ou luxúria, aí estava o perfume em misturas complicadas e sugestivas...

A influência do perfume tem sido, pois, imensa desde os tempos passados.

Hoje existem perfumes que podem ser escolhidos de acordo com as ocasiões, tal como se escolhe vinho para um jantar de gala...

Mas o seu perfume verdadeiro é aquele que "fica" em você, que denuncia a sua presença em qualquer parte. É comum dizer-se que as loiras devem usar perfumes de flores, bastante suaves, enquanto que as morenas devem usá-los mais fortes, afrodisíacos.

O nosso conselho é diferente: escolha seu perfume não de acordo com a sua pigmentação, mas de acordo com a sua alma.

Entre os variadíssimos perfumes existentes, você saberá encontrar o seu, aquele que irá magnificamente com o seu "eu", o que completará a sua personalidade.

Grande e variada é a emoção que o perfume desperta em todos nós; uma pessoa tanto pode se tornar desejável ou "indesejável" pelo perfume que usa.

Já que o perfume ocupa lugar de tão grande importância, é interessante saber-se como usá-lo: aplique-o diretamente sobre a pele e os cabelos a fim de que com o calor do seu corpo faça com que ele se espalhe ao seu redor, deixando uma nuvem perfumada onde quer que passe.

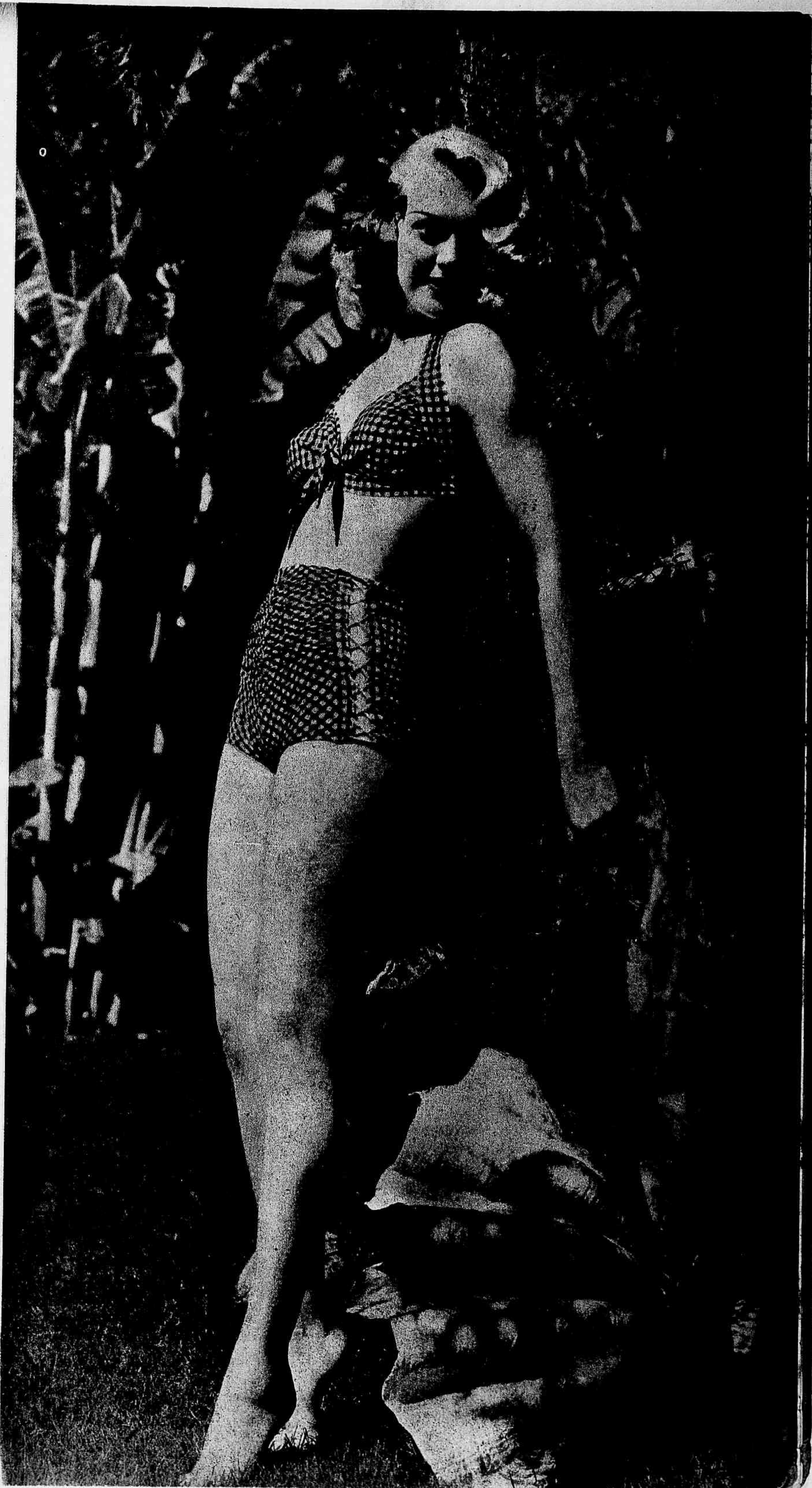
Mantenha sempre o vidro bem fechado e num lugar fresco e escuro. Não esqueça que deve usá-lo e não fazer como muita gente faz, que guarda o vidro avaramente esperando uma ocasião especial que nem sempre aparece...

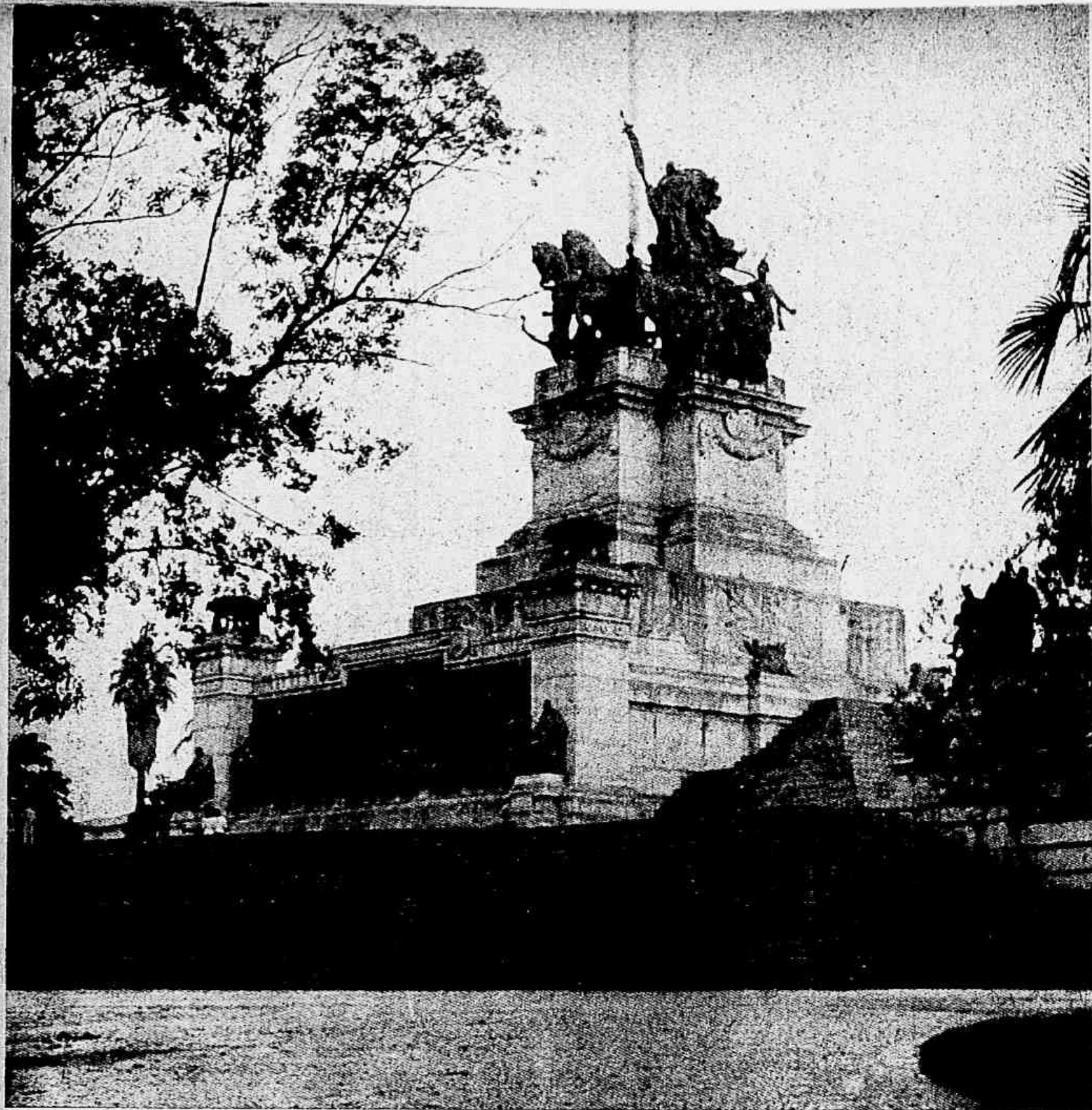
Dentro de pouco tempo poderão novamente as nossas patrícias usar os perfumes franceses, tão admiráveis que atualmente só raríssimas casas possuem o privilégio de vender a preços astronômicos.

Paris libertada enviará para o mundo inteiro os seus perfumes, e já então não precisará a amiga usar as mistificações que aparecem por aí...

E na hora de comprar o seu perfume não esqueça, querida amiga, escolha-o de acordo com a sua alma, o seu espírito.

Kitty





Não despreza a gente da terra o pedaço mais histórico e comovente de sua metrópole. Estamos em São Paulo, no Campo de Piratininga, a histórica Piratininga do planalto onde se fez ouvir o grito do Ipiranga, e queremos renovar a nossa visita periódica ao museu, ao monumento da Independência, a todo êste trecho tão eloquente aos olhos deslumbrados de um carioca muito afeiçoado ao solo ban-

O grande monumento da Independência está situado no local exato onde D. Pedro proclamou a emancipação do Brasil. A pequena distância, em frente, as margens plácidas do Ipiranga que a letra do Hino Nacional evoca. E mais adiante, semi-oculto no espesso arvoredado cuidadosamente tratado, depara-se o casebre, tal como em 1822, onde o Imperador passou algumas noites e onde pousava, nas suas excursões, a cavalo, de São Paulo para o Rio. Essa é a casa histórica que se vê na tela de Pedro Américo, recolhida ao Museu do Ipiranga. Ali mora a família de um guarda florestal, gente humilde, que se incumbe de vigiar e conservar o velho próprio nacional muito visitado pelos "touristes".





Outro aspecto da casa histórica do Ipiranga, celebrada no quadro da Independência, vendo-se os filhos do casal ali residente. A família ocupa uma parte dos aposentos, ficando os outros vedados a esses moradores, aqueles que o Imperador — e diz-se que também a marquesa de Santos — costumava ocupar. As janelas da frente não podem ser abertas, e as paredes externas vivem cobertas de autógrafos e datas apostas pelos visitantes do lugar.

deirante. Há, com efeito, qualquer influência poderosa, gerada no passado da nossa História, que nos prende mais firmemente a esta terra, e nos faz meditar, ao pisarmos o gramado dos jardins bem cuidados desta zona, sobre as ocorrências que por aqui se verificaram. Nossos pensamentos recuam, na ação do tempo, um século e três décadas, para sentirmos o que teria sido todo este bairro do Ipiranga, quando o Imperador promovia as suas cavalgadas, só ou acompanhado de seus homens. Eram viagens incômodas e demoradas, no lombo de animais que se revezavam de pouso em pouso, à busca de emoções novas pelos campos e prados, ou de visitas à Corte, onde o chamavam os interesses de Estado.

Em dado momento da infância, todos nós fixamos na memória, ou simplesmente decoramos, os nomes familiares ao Grito do Ipiranga. E tudo nos parece, então, simples figuras de lenda, personagens que devem ter existido muito, mas mesmo muito antes de nós. Depois crescemos, fazemos a nossa primeira visita ao planalto, travamos relações com a garoa, localizamos o Tieté e o Ipiranga, surpreendemo-nos com as proporções reduzidas do segundo e, automaticamente, vamos situar o local onde Dom Pedro emancipou o Brasil. Os pródromos da Independência associam-se ao quadro não menos histórico de Pedro Américo, e quem é que não fixou na retina, para o resto da vida, a própria fisionomia dessa tela de dimensões consideráveis! Dom Pedro, estabonado, mas dessa vez heróico, brandindo a espada e dando o grito decisivo da nossa libertação política, os soldados em semi-círculo, espadas desembainhadas, os corséis rodopiando, o carreiro espantado, puxando a sua tropa de bois, estacando o carro

para indagar, ao certo, que terá havido de tão espetacular, naquele instante — e mais ao fundo, à direita, aquele casebre, muito rústico, muito anônimo, meio-coberto pela tropa entusiástica! O quadro de Pedro Américo, que nós aprendemos a “decorar” fisionomicamente nos tempos de colégio, através de suas reproduções bisonhas em gravuras minúsculas, é a primeira lição que recebemos sobre os fatos de 1822.

E, aqui chegando, nós todos queremos sa-

ber se a ocorrência foi verificada no lugar exato da tela de Pedro Américo, e se ainda existe alguma coisa recordando a História. Pois não é que a curiosidade do colegial crescido pode ser plenamente satisfeita nesse particular? Primeiro, na visita ao Museu, deslumbramo-nos tendo à frente o original de Pedro Américo, tela enorme, ocupando quase toda a parede da grande sala, e magnificamente conservada. Dizem-nos os conservadores do Museu que, certa vez, o quadro da Indepen-

A tela de Pedro Américo, reproduzida do original exposto no Museu, vendo-se à direita o casebre de que trata a nossa reportagem.

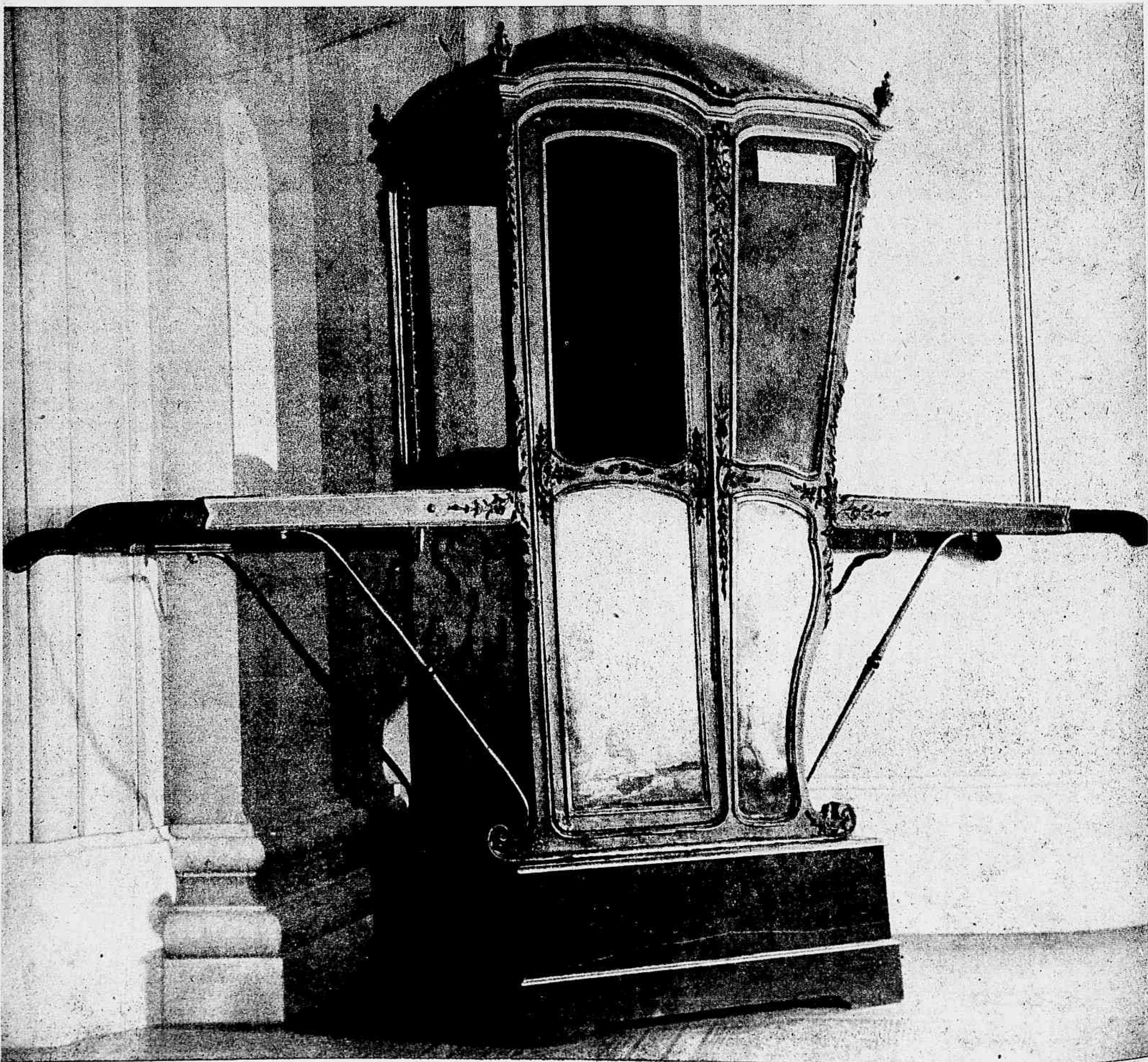


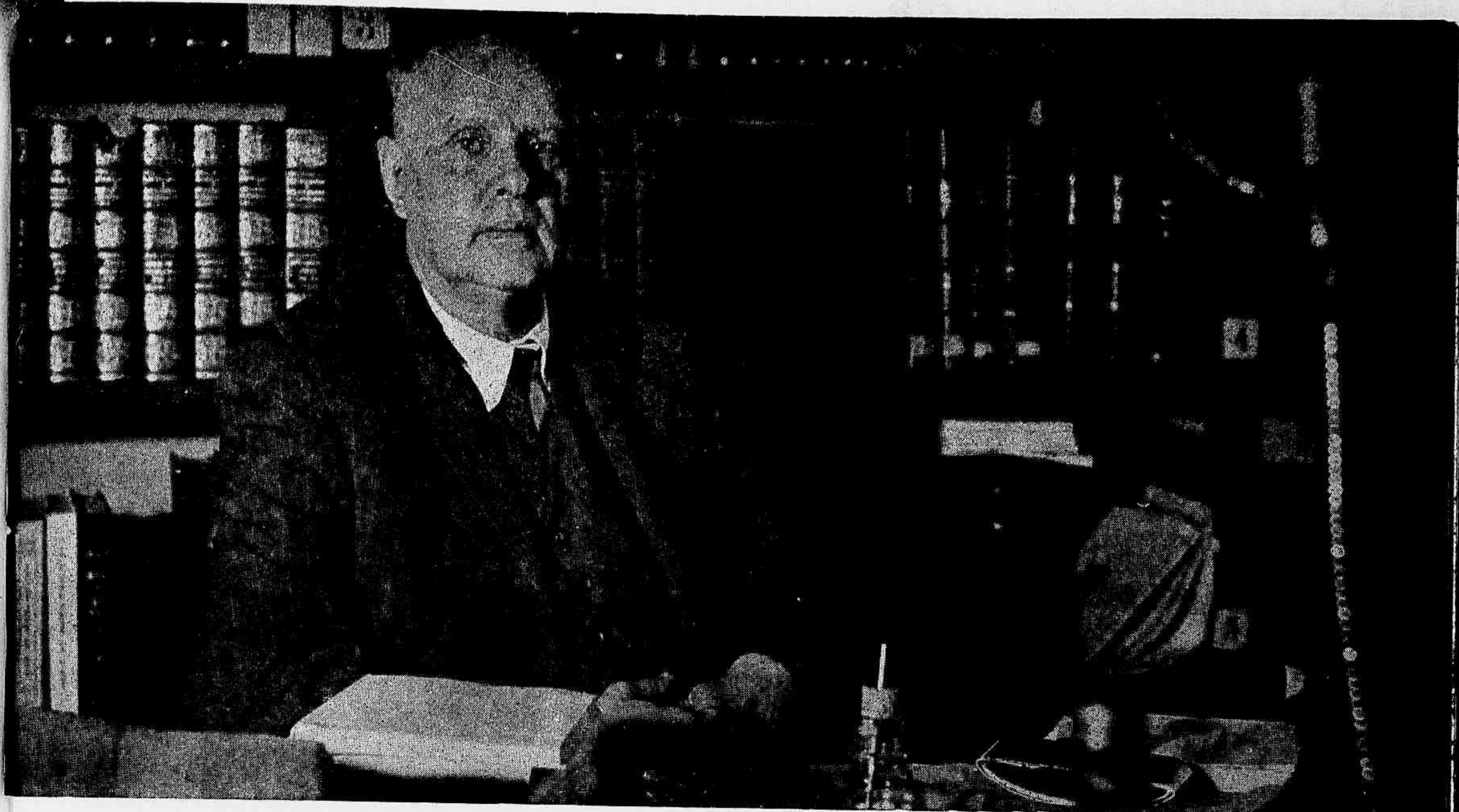
Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
Fotos de Arnaldo Vieira

dência foi acometido de uma súbita enfermidade, tal como sucede com os seres humanos. A tela deu para esbranquecer, pequenos flocos amarelados surgiram mais aqui, mais ali, e todos sentiram apreensões. Dir-se-ia que o patrimônio nacional viesse a privar-se daquele documento artístico de tão grande valia, quando surgiu um salvador para a enferma. Engenhoso funcionário da casa, munido de uma composição química de sua descoberta, comprometeu-se a restaurar a pintura famosa, e se bem o anunciou melhor o fez. Foi o grande quadro retirado da parede, a tela arrancada da moldura e, submetida à terapêutica engenhosa, voltou a "restabelecer-se", readquirindo as cores naturais primitivas e, de tal modo, com tanta perfeição e habilidade, que ninguém pode, examinando-o, dizer onde e de que modo se procedeu à operação.

Quando nos dizem que o casebre do quadro da Independência ainda existe, ao nosso lado, alguém sorri com incredulidade. Poderá ser? A proclamação deu-se há cento e vinte e dois anos, a construção é por demais tôca, e dificilmente se compreenderá que tenha resistido até hoje. Mas resistiu, e de que maneira admirável! Descemos a ladeira, desde o topo da pequena montanha onde existe o edifício do Museu, e suportando a chuva impertinente de um fim de tarde de verão, pro-

Liteiras dos tempos coloniais, expostas na ala principal do Museu do Ipiranga, nas quais se transportavam os viajantes da época, conduzidos por vigorosos escravos. Na gravura inferior, a "cadeirinha" de dona Domitila de Castro, marquesa de Santos, ainda muito bem conservada. Ali dentro a favorita do Imperador empreendia suas frequentes jornadas para encontrar-se com o proclamador da Independência. Os visitantes do Museu, principalmente os estrangeiros, interessam-se vivamente pelas evocações da marquesa, mas, além desse objeto, só vão ali encontrar um retrato a óleo, recentemente pintado, da romântica personagem do Primeiro Império.





Na gravura superior, o professor Affonso de Taunay, diretor do Museu do Ipiranga, a quem está confiado aquele importante patrimônio histórico, num flagrante batido em seu gabinete de trabalho. A gravura abaixo reproduz o retrato de seu pai, o visconde de Taunay, autor de "Inocência" e "Retirada da Laguna", quadro que se encontra na residência do filho. Vê-se na parte inferior as "maquetes" das estátuas de Fernão Dias Paes Leme e Antonio Raposo Tavares, que se encontram no "hall" do Museu.

curamos distinguir o casebre. A aléia central, em direção ao monumento, é um declive suave e macio por entre duas filas de gramado, arbustos e pequenos jardins ingleses, que os trabalhadores municipais tratam com desvelos paternais. Já estamos próximos do monumento e nossos olhos não viram, nem podiam ver, o casebre rústico, porque ele é realmente de muito pequena altura e o arvoredo, em volta, protege-o por inteiro. E' preciso indagar de um guarda florestal, que nos aponta à direita, uma clareira entre a floresta. E ali, cem ou duzentos passos adiante, vamos descobrir, no seu esconderijo, como envergonhado do confronto com os requintes de civilização e progresso que o rodeiam, o mais difundido casebre do Brasil, tão difundido quanto o próprio quadro de Pedro Américo, desde que faz parte integrante do seu panorama descritivo. E' esse mesmo, não pode haver dúvida. Mas como pode estar conservado assim, com as janelas de guilhotina perfeitas, as portas de madeira antiga, sentindo-se não terem sido substituídas, sólidas e sem empeno nem falhas no conjunto!

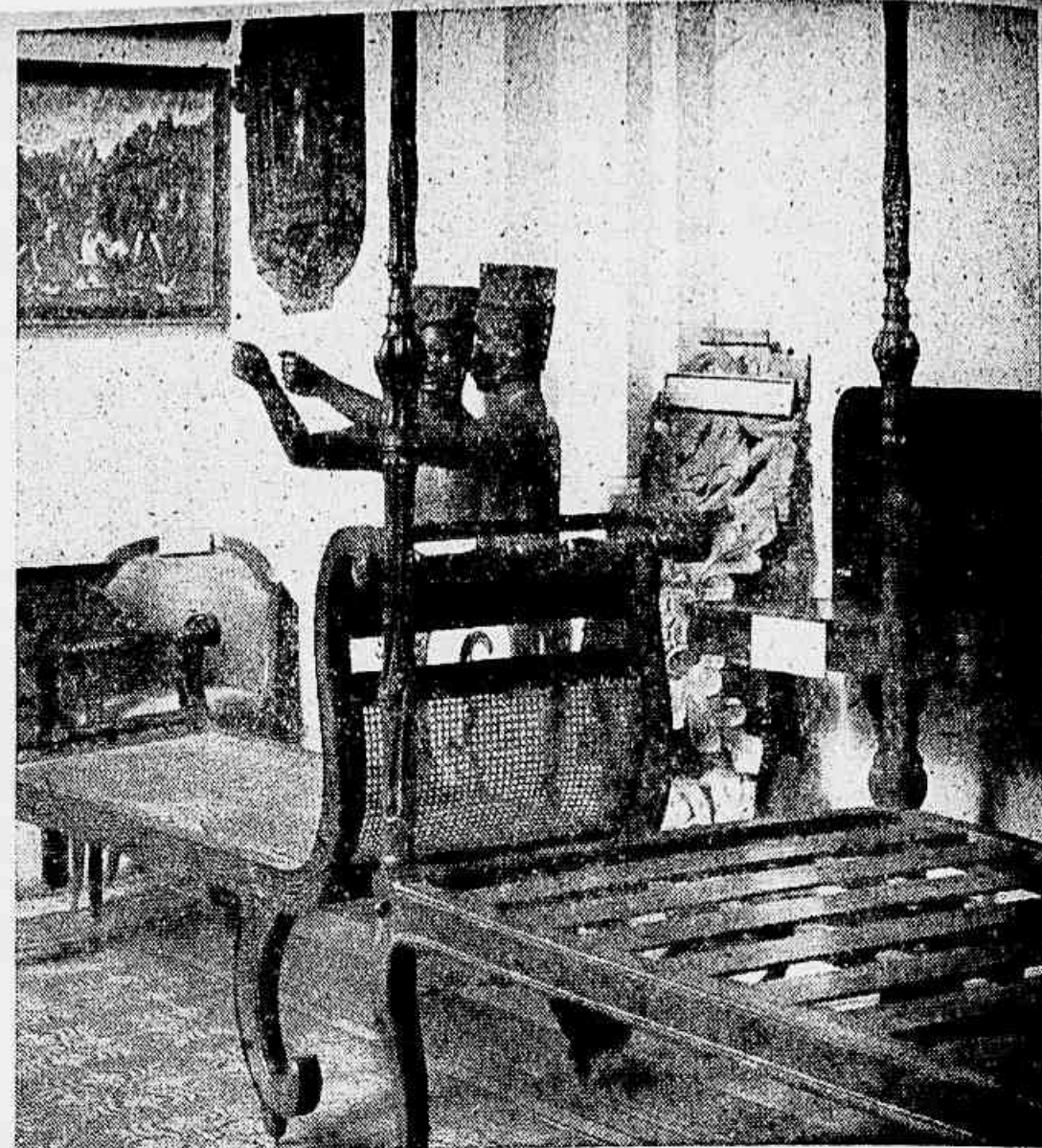
O telhado acusa a ação do tempo nas telhas carcomidas e gastas, se bem que algumas denotam estar substituindo as que se partiram outrora, enquanto frágeis arbustos, mato e tiririca repontam na parte mais alta. Nossa curiosidade é aguçada quando vemos sair um pequeno rôlo de fumo claro, da pequena chaminé de tijolo, no ângulo esquerdo do telhado. Mas as portas e janelas, daquele lado, estão fechadas — quem poderá fazer fogo no interior da choupana do Ipiranga?

Batemos palmas, sacudimos as portas e aparece, não pela janela, mas colando-se à parede, lá no fundo, uma figura de mulher humilde, quase uma indigente, espantada com a presença do reporter e do fotógrafo. Agarram-se às saias da criatura três crianças mal-

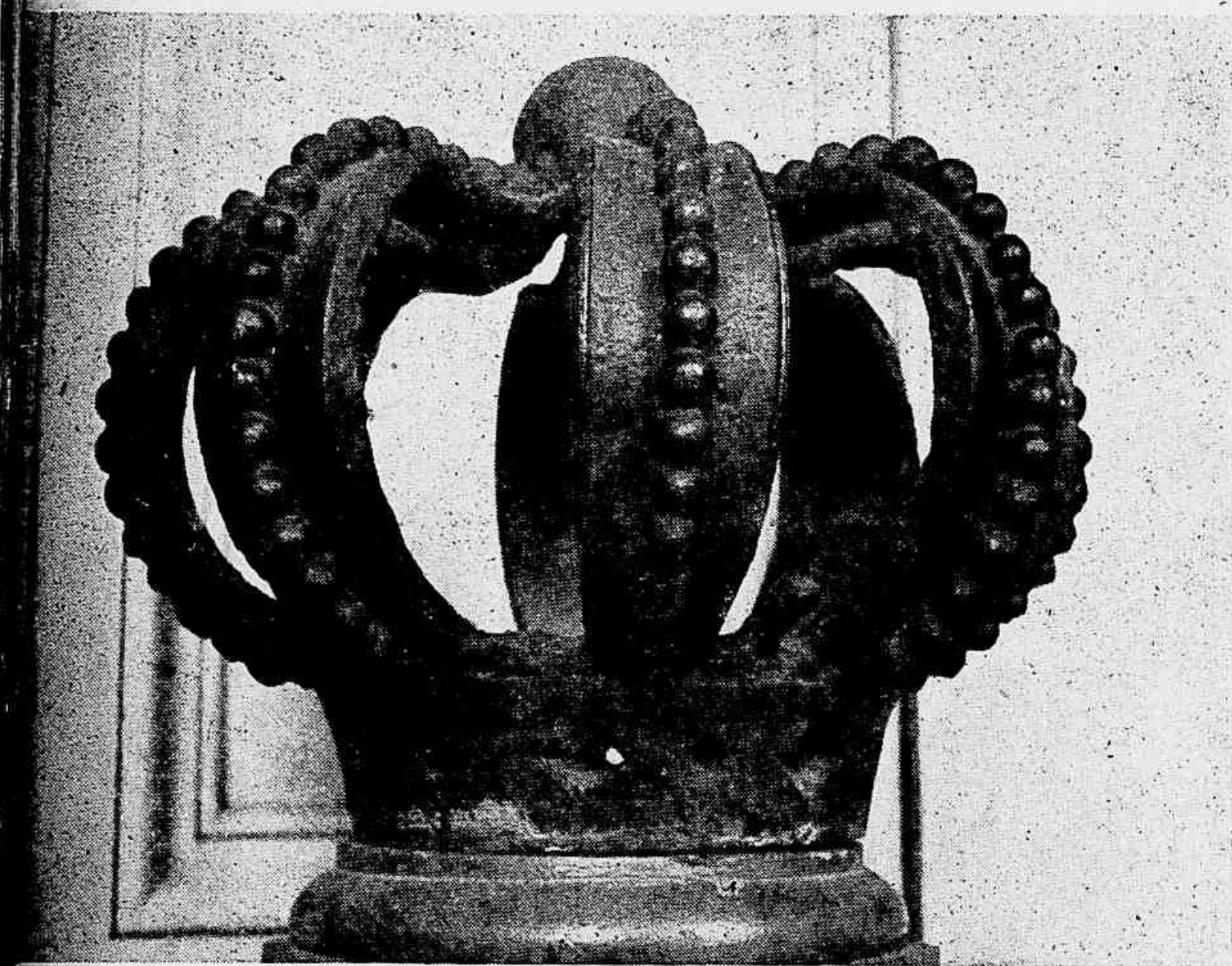




A mais antiga inscrição conhecida no Brasil. Data de 1559 e esteve na frontaria da matriz de São Vicente. Foi feita após o maremoto que em 1542 destruiu a vila fundada por Martim Afonso de Souza.



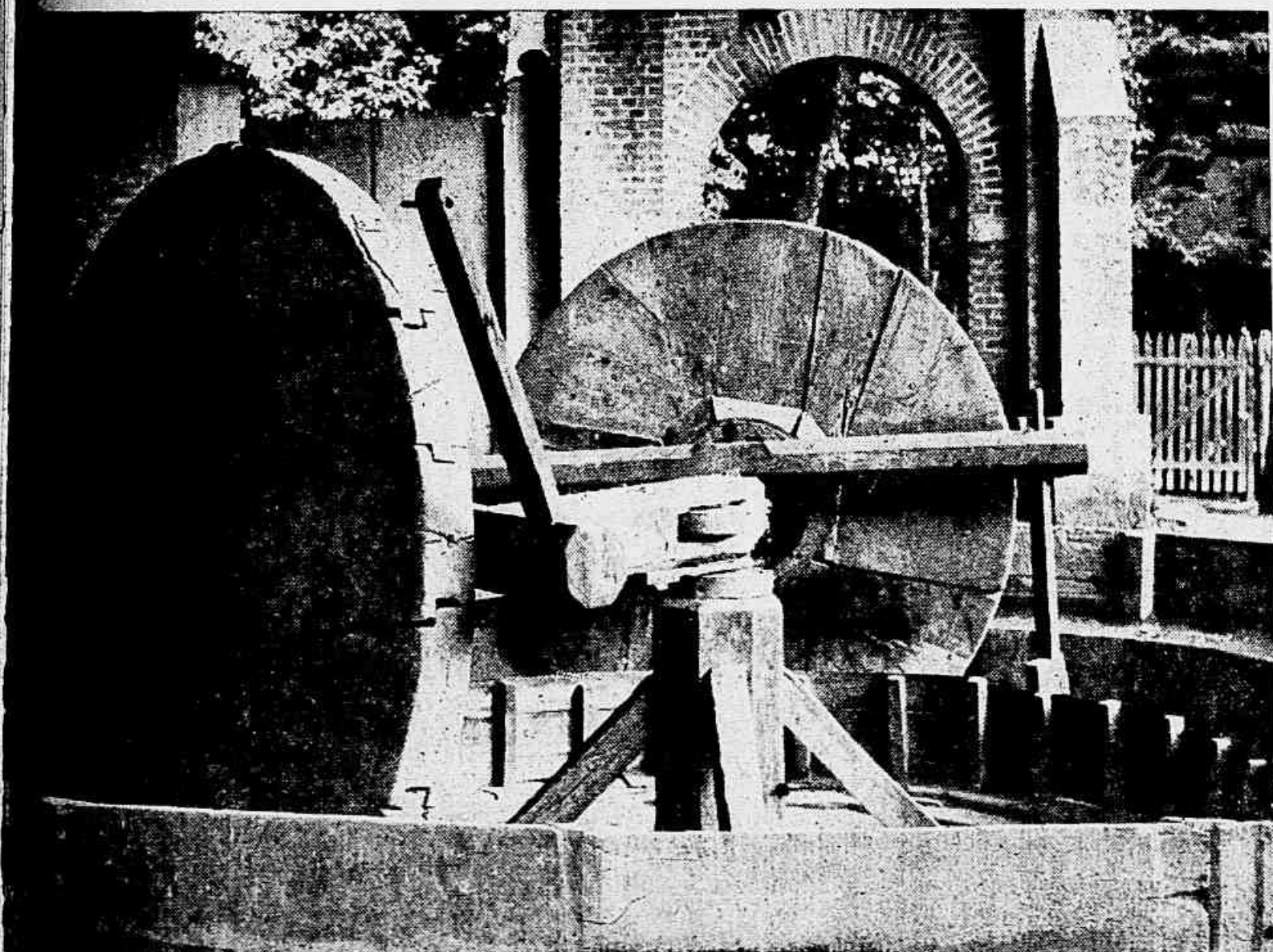
Cama onde morreu o padre Diogo Antonio Feijó, vendo-se também a mesa, um sofá, cadeira e um consolo. Arte primitiva brasileira.



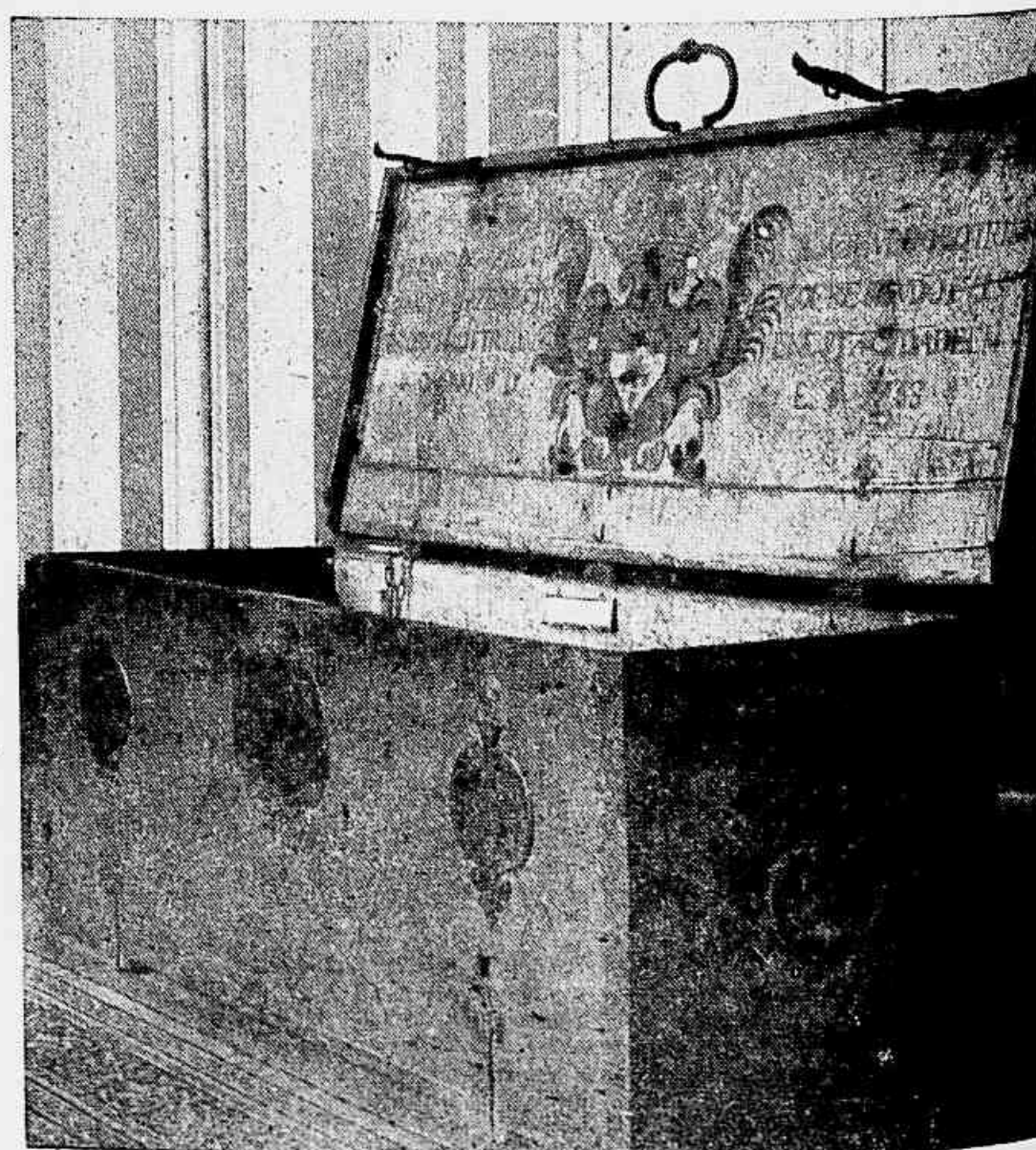
Coroa fundida de ferro de Ipanema, no Estado de São Paulo, em dimensões acentuadas. Ignora-se a procedência, mas de qualquer modo é um atestado eloquente da habilidade dos antigos. Também exposta no Museu.



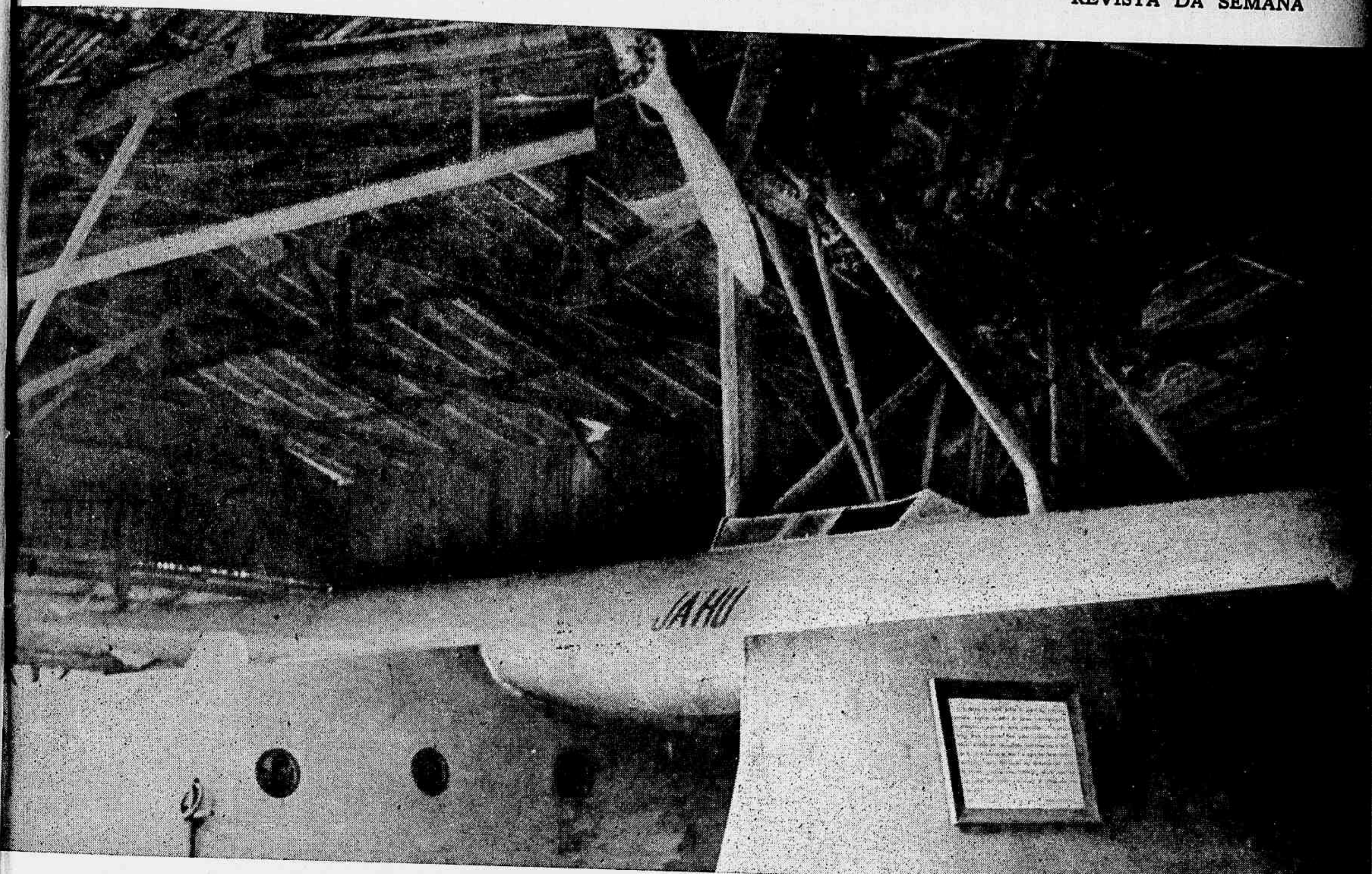
Flâmula que assinalava a tenda do Duque de Caxias na guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852), com o dístico: "C. de Caxias" (Comando de Caxias).



Moenda de um velho engenho de província. Peça antiga, admiravelmente conservada, resistindo à ação do tempo e colocada, com outras peças complementares do engenho, num...



Cofre onde se guardavam os tesouros da antiga Câmara Municipal de São Paulo, datando de 1738 e ainda bem conservado.



trapilhas e pouco limpas. São, efetivamente, moradores da casa, entregue a um humilde guarda-florestal que tem a incumbência de vigiar o "próprio" do governo.

Não é com facilidade que arrancamos dessa assustadiça senhora algumas informações. Eles têm o direito de morar ali dentro, sob a condição expressa de não deixarem entrar pesosa alguma sem ordem superior, e de não abrirem os aposentos principais, facultando-lhes apenas a ocupação da cozinha e dois quatinhos menores, ao lado.

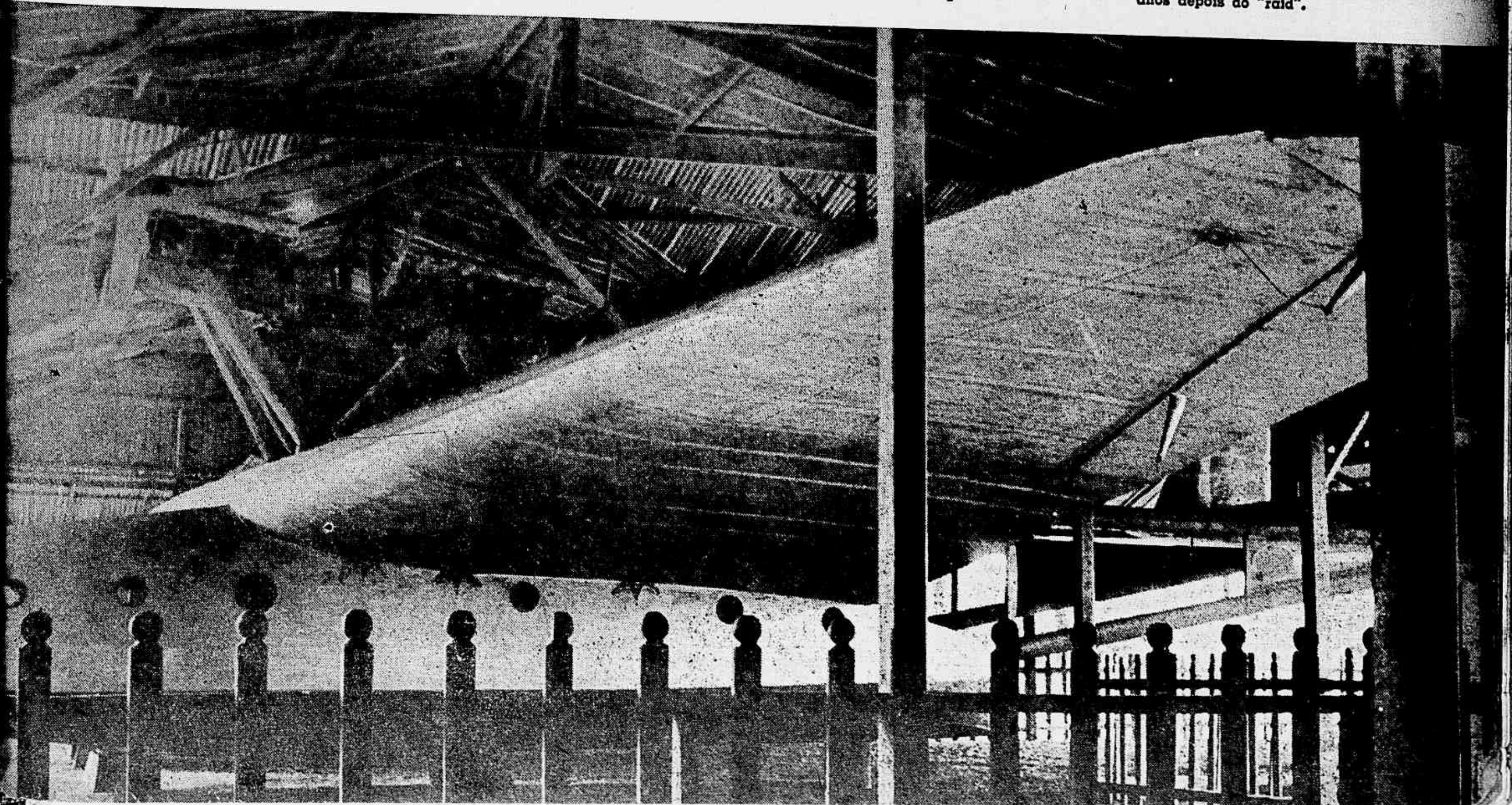
— Mas por que não abre as outras portas e janelas?

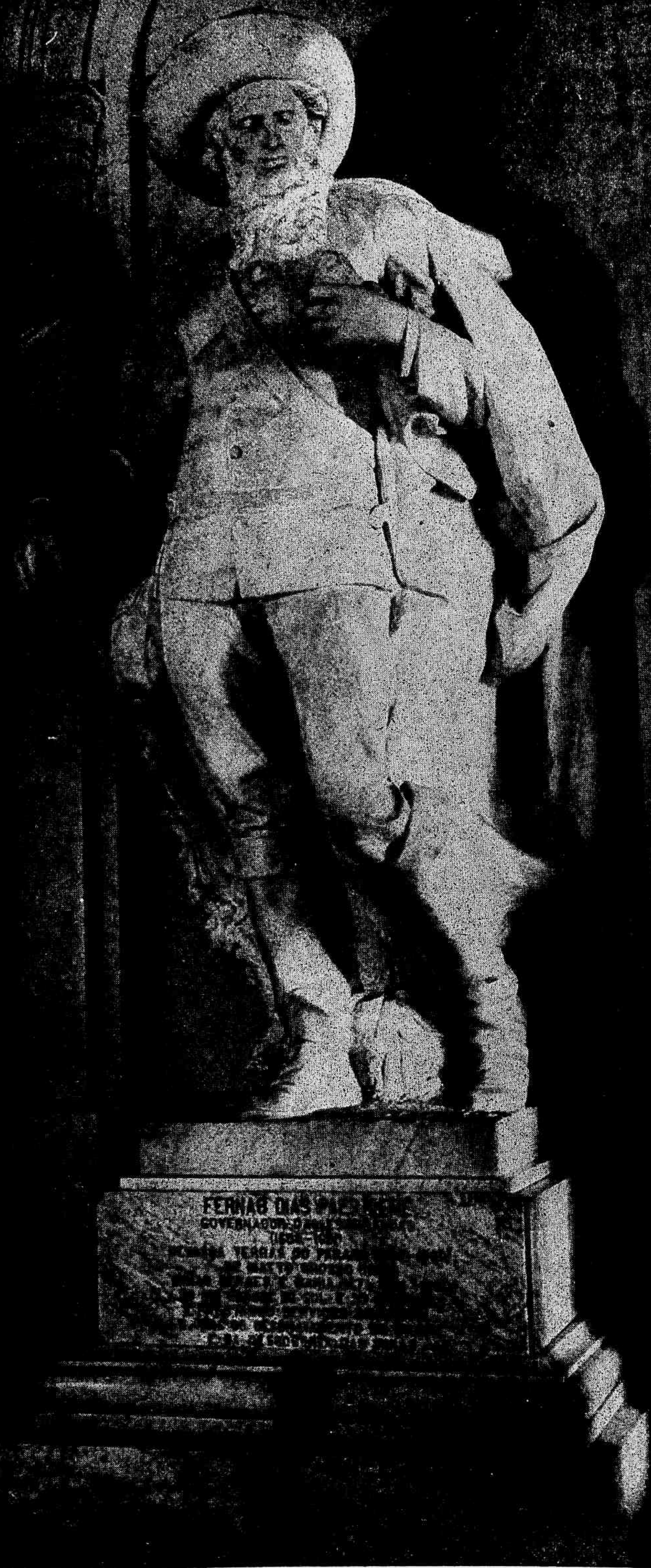
A mulherzinha sorri um sorriso forçado, deixando ver duas filas de gengivas com alguns cacos de dentes de espaço em espaço.

— Porque as outras peças eram ocupadas pelo Imperador, e ninguém pode entrar lá sem ordem do diretor do Museu.

Também não há muito que ver nessas peças. Custa a crêr que o primeiro Imperador do Brasil ali chegasse a passar noites — quem sabe se algumas muito bem acompa-

Foi em julho de 1927 que o "Jahú" amarou na Guanabara, depois de realizar a sua memorável travessia do Atlântico, trazendo os Bandeirantes do Espaço, como foram designados seus tripulantes: João Ribeiro de Barros, Newton Braga, Negão, Cinquini e o mecânico Mendonça. Ninguém mais falou no histórico "Jahú", decantado em prosa e verso. Nós o fomos encontrar agora, recolhido ao Museu do Ipiranga, ou melhor, guardado em um galpão anexo ao Museu, com um guarda que impede a aproximação dos visitantes. Mas os curiosos, em dia de visita, são ainda numerosos, dezolto anos depois do "rald".





O pedestal da estátua, situada no "hall" do Museu, diz: "Fernão Dias Paes Leme — Governador das Esmeraldas (1608-1680). Devassa terras do Paraná, de Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia. Do Rio Grande do Sul e do Uruguai, prestando serviços imensos à obra do desbravamento do Brasil para descoberta das Minas". O glorioso bandeirante parece dar as boas vindas a quem vai percorrer as dependências do Museu que Affonso de Taunay administra.

nhado! — e ali se deliciasse com as guloseimas dos seus serviços inseparáveis!

A moradora da cabana continua, agora mais loquaz:

— Parece que Dom Pedro trazia para aqui também a tal marquesa... E ambos, aqui, longe dos olhares curiosos, podiam conversar à vontade...

Esse é um detalhe que poucos talvez conheçam. No casebre rústico tão divulgado através da tela da Independência, ocorreram alguns devaneios e outros derriços sentimentais do filho de Dom João VI, se não falharem os esclarecimentos da mulher do guarda-florestal.

Os garotos descalços, de olhos súplices, mostram os dentes claros para o reporter. E quando deixamos alguns níqueis em suas mãos pegajosas, é a mãe dos meninos quem nos diz:

— Todos eles nasceram na casa onde morreu Dom Pedro I, vejam os senhores!

Um detalhe importante: dentro de mais alguns meses, pelo que nos foi dado observar, outro molequinho simpático irá nascer naquela vivenda tósca, mas famosa e celebrada.

Nem tudo quanto existe de curioso para ver no Ipiranga está dentro do museu que o professor Affonso Taunay administra. Na parte dianteira deparamos com o casebre do quadro de Pedro Américo, e na de trás vamos dar com um espaçoso alpendre, descoberto dos lados, e dentro dele um aeroplano.

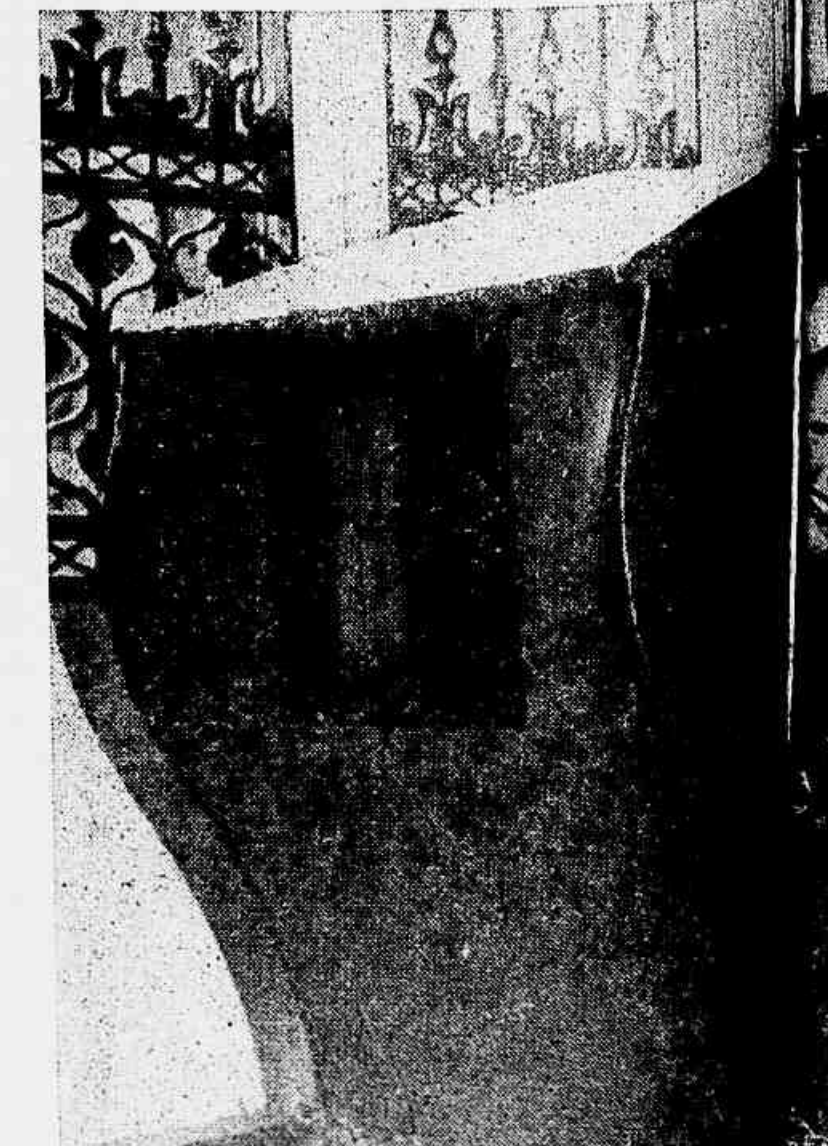
— Que vem a ser isso? — indagamos.

— Aquê ali é o "Jahú"... O avião onde Ribeiro de Barros e Newton Braga fizeram a travessia da Europa ao Brasil, sim senhor...

A informação do nosso cicerone improvisado vem pôr-nos a cabeça à roda, evocando outro episódio nacional, este muito mais recente: o famoso "raid" do "Jahú", o nosso velho amigo "Jahú", cantado em verso e prosa que provocou um feriado de improviso, na capital da República, no dia em que pouca de seus flutuadores nas águas plácidas da Guanabara. Isto aí por volta de julho de 1927.

Foi uma alucinação nacional em grande estilo! O brasileiro, coitado, pouco afeito a verdadeiras páginas de heroísmo — estavam tão longe de admitir a investida do Monte Castelo! — via na proeza daqueles moços alguma coisa de incomparável, de muito acima das forças comuns da Humanidade. Quer não foi ver o "Jahú", quem não bateu palmas aos seus tripulantes, quem não sentiu, dentro, uma pontinha de vaidade e orgulho.

Paulistas de 1945, em vista ao Museu, ocupam os lugares e parecem dizer: — "Quantos romances podem ter vindo a lume, mas entanto é tudo, hoje, apenas um fato."



ecididamente nacional? Os jornais, depois dos anteriores "raids" de Sacadura, Gago Coutinho e outros pioneiros, soltavam "manchetes" ocupando o mesmo espaço que hoje dedicam às ocorrências de guerra: "Chegou a nossa vez!" "O "Jahú" é a própria glória do Brasil!" "Um fato inesquecível e imortal!"...

E no entanto ali estávamos, agora, frente ao arcabouço do "possante" Savoia Marchetti batizado com o nome da cidade bandeirante. Só o arcabouço, porque os motores foram, naturalmente, aproveitados para outros mistérios. O "Jahú" é agora uma carcassa de madeira e de algumas ferragens, quase esquecido, sob aquêle alpendre situado na parte traseira do Museu. Uma cêrca de madeira o protege e um guarda municipal, por ordens superiores, permanece em vigilância. Quando nos preparamos para fixar o instantâneo, êle corre, pressuroso, disposto a tudo para impedir o trabalho do fotógrafo. Não acertamos com o motivo dessa vigilância, mas o homem investe.

— E por que não se há de fotografar o "Jahú"?

— Não sei. Mas estou aqui para isto: para impedir que alguém se aproxime.

O guarda faz-nos lembrar a anedota do operário da ferro-carril, incumbido das pancadinhas no eixo das rodas, durante trinta anos seguidamente, sem saber por que o faz. Também o guarda ignora o motivo da vigilância ao "Jahú". Porém mais tarde, de pazes feitas conosco, é êle próprio a dizer:

— Homem, com franqueza, eu penso que isto é um "espêto". Tomar conta de um aeroplano dêste tamanho, que não pode guardar-se no Museu, não é incumbência agradável, não, moço. O Museu gasta um dinheirão anualmente, na vigilância e na conservação do "Jahú"...

Deixamos o alpendre, o arcabouço do histórico aparelho de Ribeiro de Barros e o seu feroz vigilante policial, meditando na inconsistência das coisas, dos homens — e nos fatos históricos. Tudo tão frágil!

No entanto, quando o "Jahú" chegou, os jornais apregoavam, nas "manchettes", tantas frases bonitas! Ainda há quem acredite na imortalidade?

O fato de encontrarmos fora do Museu do Ipiranga motivo para o desenvolvimento maior desta reportagem, não traduz que, lá dentro, o interesse pelos objetos expostos se-

(Continua na pág. 51)

as vovozinhas nas liteiras de séculos passados. Elas sorriem e capítulos mais belos dentro destes transportes rústicos! E noção. Relíquia de museu, mais nada...

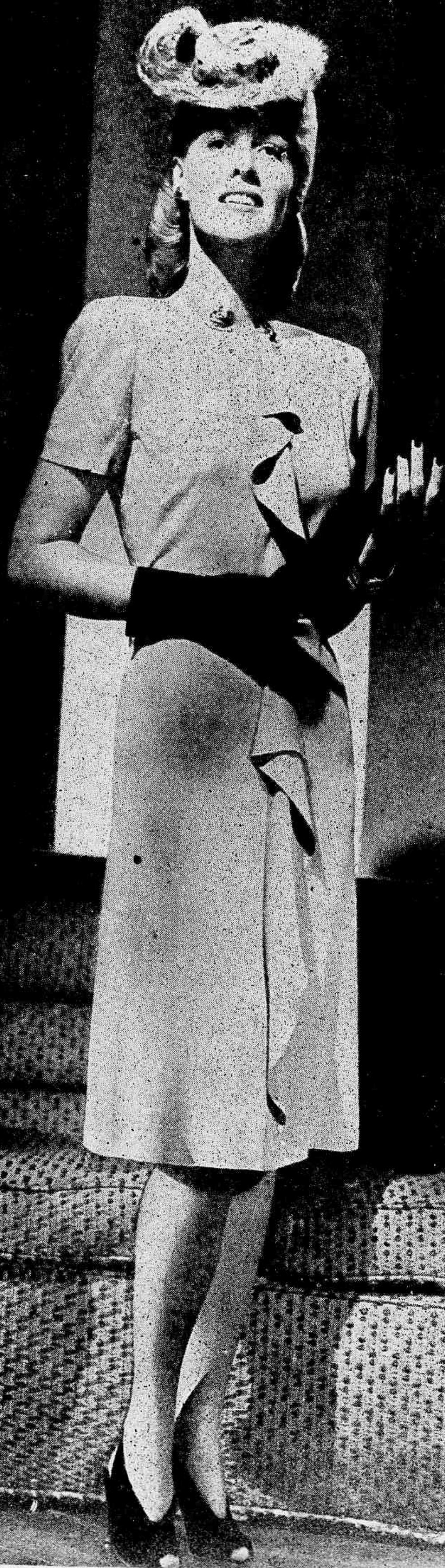


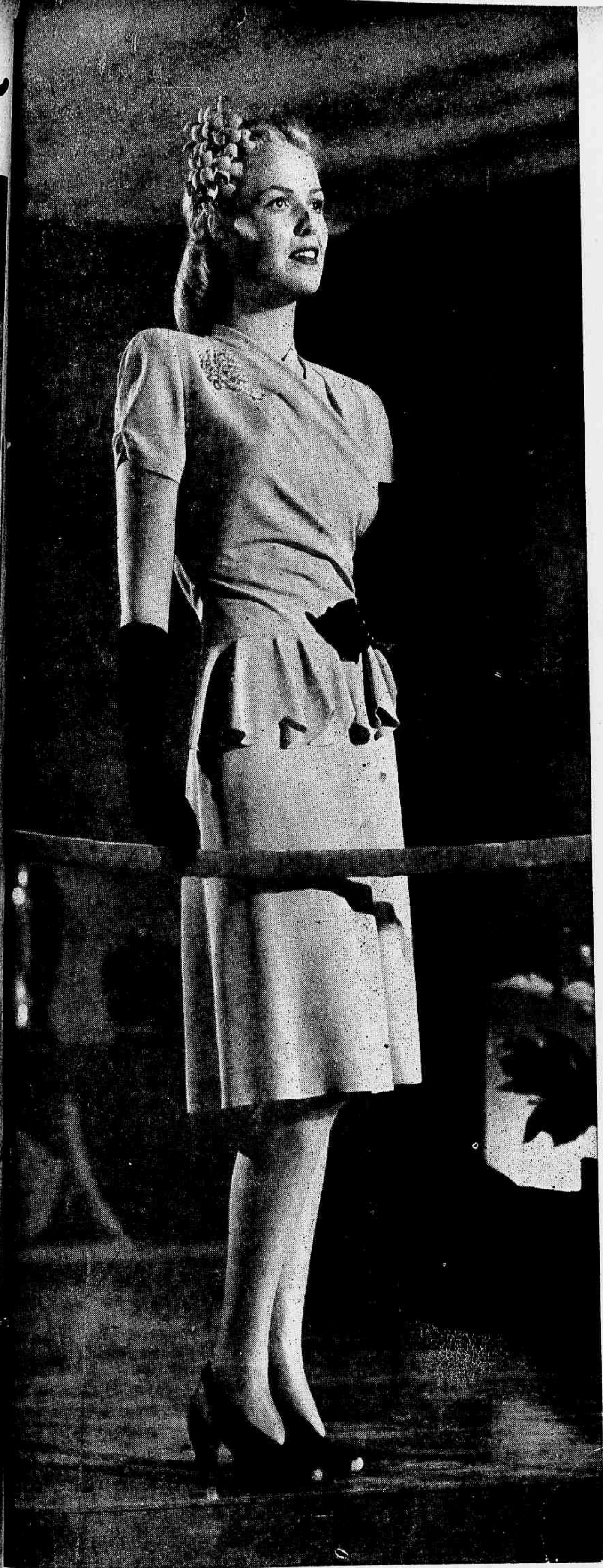
Legenda no pedestal: "Mestre de Campo Antonio Raposo Tavares (1598-1658). Conquista aos espanhóis o Paraná, o Mato Grosso, e o norte do Rio Grande do Sul. Comanda o socorro paulista contra os holandeses. Aclama D. João IV em Paulo. Vence em armas os Andes do Perú e da Nova Granada"... — além de outras datas e outros fastos heróicos. A escultura de Raposo está no "hall" do Museu, do lado oposto ao de Fernão Dias.



os Modelos da Semana

Elegante e moderno é este modelo, apresentado por Janis Carter, confeccionado em seda "pistache". O corte é simples e seu único enfeite é um babado godet, que vai do decote à barra da saia.





Para a hora do chá sugerimos às nossas leitoras este elegantíssimo modelo. A blusa é transpassada na frente. Um babado godet sobre a saia e grande clip do lado.



Interessante vestido em seda mostarda. Decote quadrado. Botões cobertos abotoam do lado. Sobre os quadrís uma tira acabando em laço.



Modelo original em shantung, com pala recortada em bicos. O mesmo trabalho é feito nas mangas (Fotos Columbia).

MEMÓRIAS DE UM CACHORRO AMARELO



de estar estofada, de 1903, umas óleo-gravuras com "geishas" numa casa de chá, plantas artificiais de caucho e o marido.

Aí está um bípede que me causava tristeza! Era um homem pequeno, de cabelos amarelados parecidos com os meus. Era um dominado, um boneco que enxugava a louça e escutava sua mulher falar mal da vizinha do segundo, de quem dizia que usava capa de peles de esquilo, mas que a roupa interior era barata e estarrapada, e tinha a ousadia de exibí-la, pendurando-a a secar. E todas as noites, enquanto ela ceava, fazia com que seu esposo me levasse a passeio, amarrado à ponta de uma corda.

Se os homens soubessem como passam o tempo as mulheres quando estão sozinhas em casa, nunca se casariam! Laura não fazia mais do que comer bombons e tomar sorvetes de amêndoa, falar com o orçateiro durante meia hora, ler um maço de cartas antigas, comer uns quantos "pickles" e beber duas garrafas de cerveja maltada e passar as horas mortas olhando para o andar em frente, através de um buraco feito na cortina. Vinte minutos antes da hora em que o marido devia regressar do trabalho, começava ela a pôr tudo em ordem, inclusive sua dentadura postíça, e tirava uma porção de roupa afim de passá-la em dez minutos.

Eu, naquela casa, levava uma vida de cachorro. A maior parte do dia passava-a deitado no meu canto, observando como a gorducha matava o tempo. Algumas vezes dormia, e sonhava que perseguia os gatos até fazê-los desaparecer nos portões, e que rosnava a todas as velhas que usavam luvas negras com os dedos de fora: coisas próprias de um cachorro. Depois a dona me dava palmadinhas com melosa bajulação, e me beijava no focinho. Porém, que podia eu fazer? Um cachorro não pode comer pedra.

(Continua na página 53)

NÃO creio que a nenhum de vós inco-mode ler o que diz um cão. Kipling e muitos outros demonstraram que os animais podem expressar-se num inglês sofrível; e, hoje em dia, não se imprime revista alguma que não publique a história de um animal; somente as revistas mensais de eleição antiga continuam pintando os horrores de Bryan e Monte Pelado.

Entretanto, não deveis procurar aqui literatura pegajosa, como a do urso, do tigre ou da serpente da selva antilhana. Qualquer surpresa se pode esperar de um cachorro amarelo que passou a maior parte de sua vida num sobrado barato de New York, dormindo num canto, sobre um velho vestido de setim: o mesmo vestido em que a dona derramou o vinho do Pôrto, num banquete oferecido por lady Longshoremen.

Vim ao mundo como um cachorrinho amarelo. A data, local, genealogia e peso me são desconhecidos. O que primeiro recorde é que uma velha me tinha metido numa cesta, e que estava em entendimentos para me vender a uma robusta dama na Broadway.

A velha, mamãe Hubbard, enaltecia-me, dizendo que eu era um fox-terrier pomeriano — hambletoniano — irlandês roxo — Cochinchina — Stoke — Pogis.

A gorducha dama esgravatou entre as amostras de muletão que levava em sua bolsa de compras, até que encontrou uma nota de cinco, e entregou-lha. Desde aquele momento fui um favorito mimado

da dama gorducha. Dize-me, gentil leitor: alguma vez em tua vida uma gorducha de duzentas libras de peso, de hálito misto de queijo Camembert e Couro de Espanha, te levantou no ar e bamboleou, enquanto esfregava teu corpo com o nariz, dizendo ao mesmo tempo palavrinhas como: Amor! Encanto! Riqueza!, etc.?

„De cachorrinho amarelo de raça fui crescendo até me converter num cão amarelo vira-lata, parecendo descender do cruzamento de gato Angorá com caixa de limões. Porém, minha dona jamais hesitou: sempre imaginou que os dois primitivos cães que Noé meteu na arca pertenciam a um ramo colateral de meus antecessores. Fiz com que dois guardas impedissem que minha proprietária me apresentasse no jardim da Madison Square para que eu concorresse ao prêmio dos podengos siberianos.

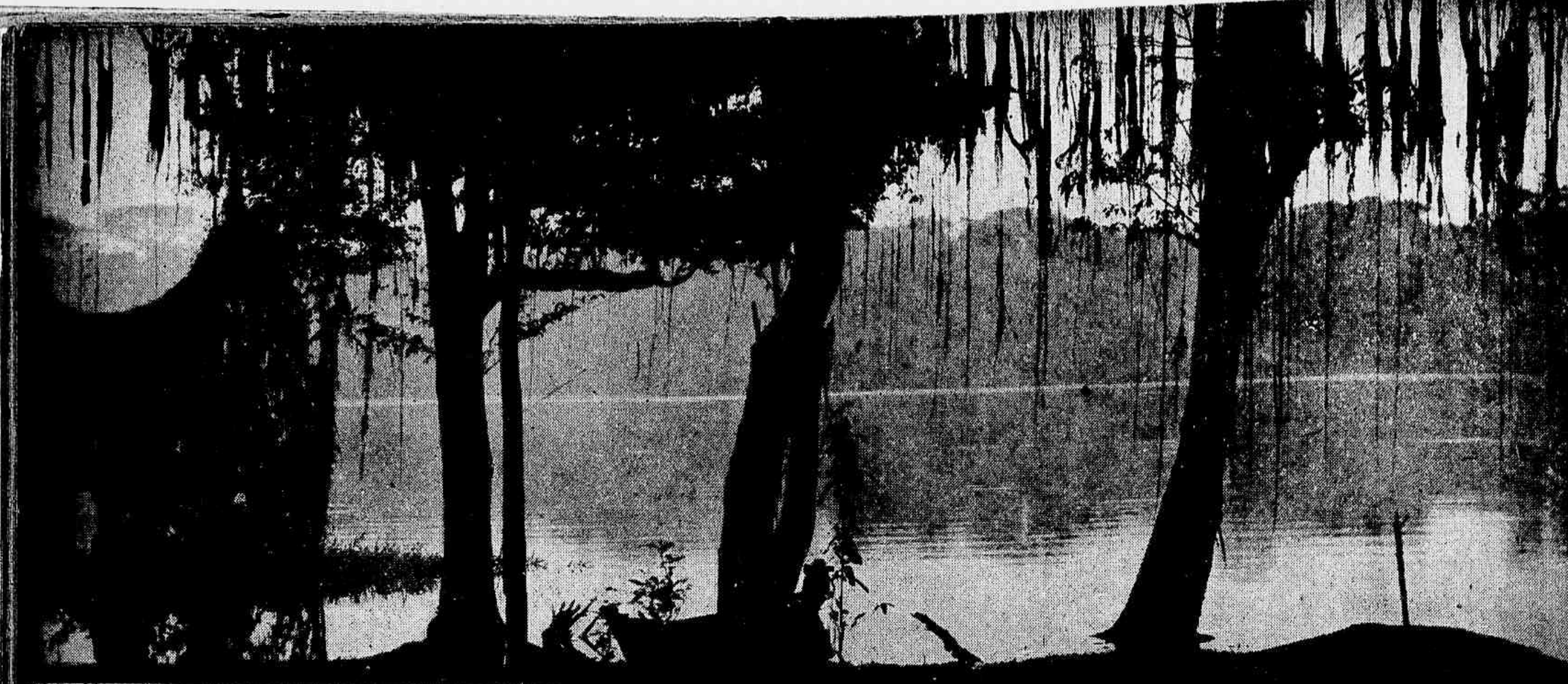
Vou contar algo a respeito daquele pavimento. A casa era como o são ordina-

riamente em New York: de mármore no portão e seixos nos pavimentos superiores. Ao nosso, era preciso trepar em vez de ascender. Minha dona o alugou desmobilado, e instalou nele uma antiga sala

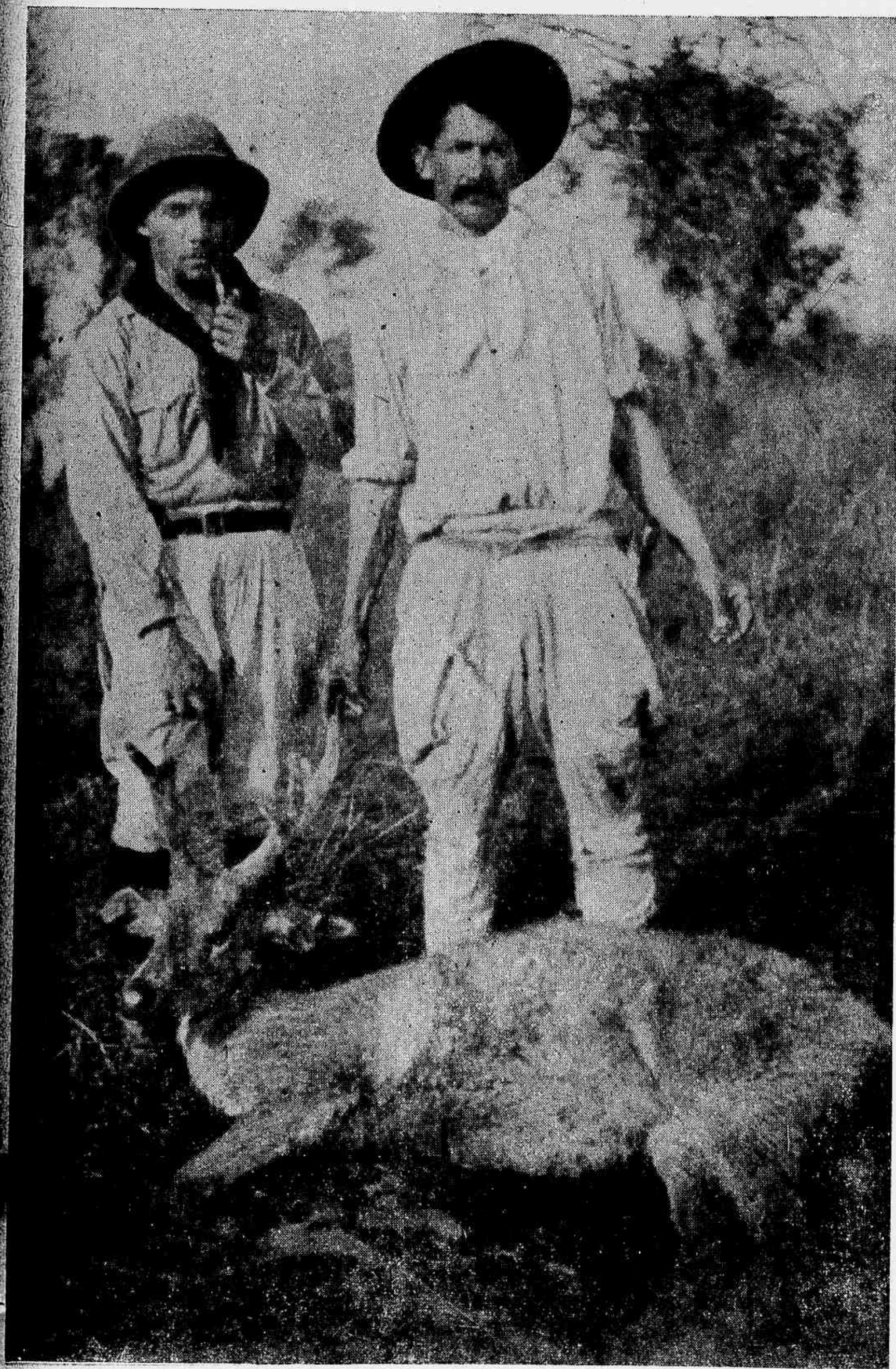
Conto de
O. HENRY
Ilustração de
JOSÉ ANTONIO



JOSE
ANTONIO



Coisas do Brasil



Nem as pirâmides milenares do Egito, nem a cúpula do Empire Building, nem as pontes de aço e concreto poderão se igualar, em magnitude e beleza, ao espetáculo que nos oferece a selva amazônica, a um tempo exuberante e solene, bela e terrível.

A majestade dos gigantes vegetais, que dominam a floresta tropical, a estática sonolenta das águas dos lagos marginais do Rio-Mar, tudo se junta numa sucessão de aspectos inteiramente novos para as vistas dos forasteiros que se aventuram pelos caminhos fluviais que conduzem ao coração da Amazônia.

E os habitantes da região, na luta pela subsistência, se embrenham pelas matas perigosas onde uma emboscada sinistra pode se esconder em cada ramo, e onde a morte os espreita em cada moita pelos olhos hipnóticos das serpentes ágeis.

Nas águas mansas dos igarapés nadam jacarés traiçoeiros e morosos. Do alto das seringueiras as sussuaranas espreitam silenciosamente a presa fácil que bebe despreocupadamente à sombra dos jaboticabais.

E a luta pela vida faz de cada ser vivo um inimigo, sempre pronto a desferir o golpe contra o mais fraco, alerta todo o tempo para se defender contra o mais forte.

De um momento para outro a morte pode surgir de um tronco na forma de uma giboia, que se enrosca em espirais sinistras.

Mas o farfalhar das folhas, a queda dos frutos sazoados, o canto dos pássaros ariscos, os gritos dos tucanos, a beleza sensual das orquídeas ribeirinhas... tudo enfeita a paisagem com uma falsa tonalidade de paz e de descanso.

Nas águas lípidas das lagunas adormecidas refletem-se as árvores carregadas de cipós retorcidos, e as raízes adventícias formam uma cortina natural que convida os homens a se acolherem à sua sombra, para se refazerem da jornada árdua através dos trilhos intermináveis da mata cerrada. Mas atrás dessas redes verdes pode se ocultar o perigo, e ao se abrir a cortina o viandante corre o risco de acordar um jaguar que dorme a sesta.

O homem amazônico não se intimida, porém, com os mistérios e os perigos da mata.

Ei-lo aqui, representado pelos seus tipos clássicos, entregues à caça, exibindo o troféu de um dia de trabalho. Após uma perigosa correria pelas veredas impraticáveis o veado foi abatido a azagaia, a arma primitiva e rústica dos amazonenses.



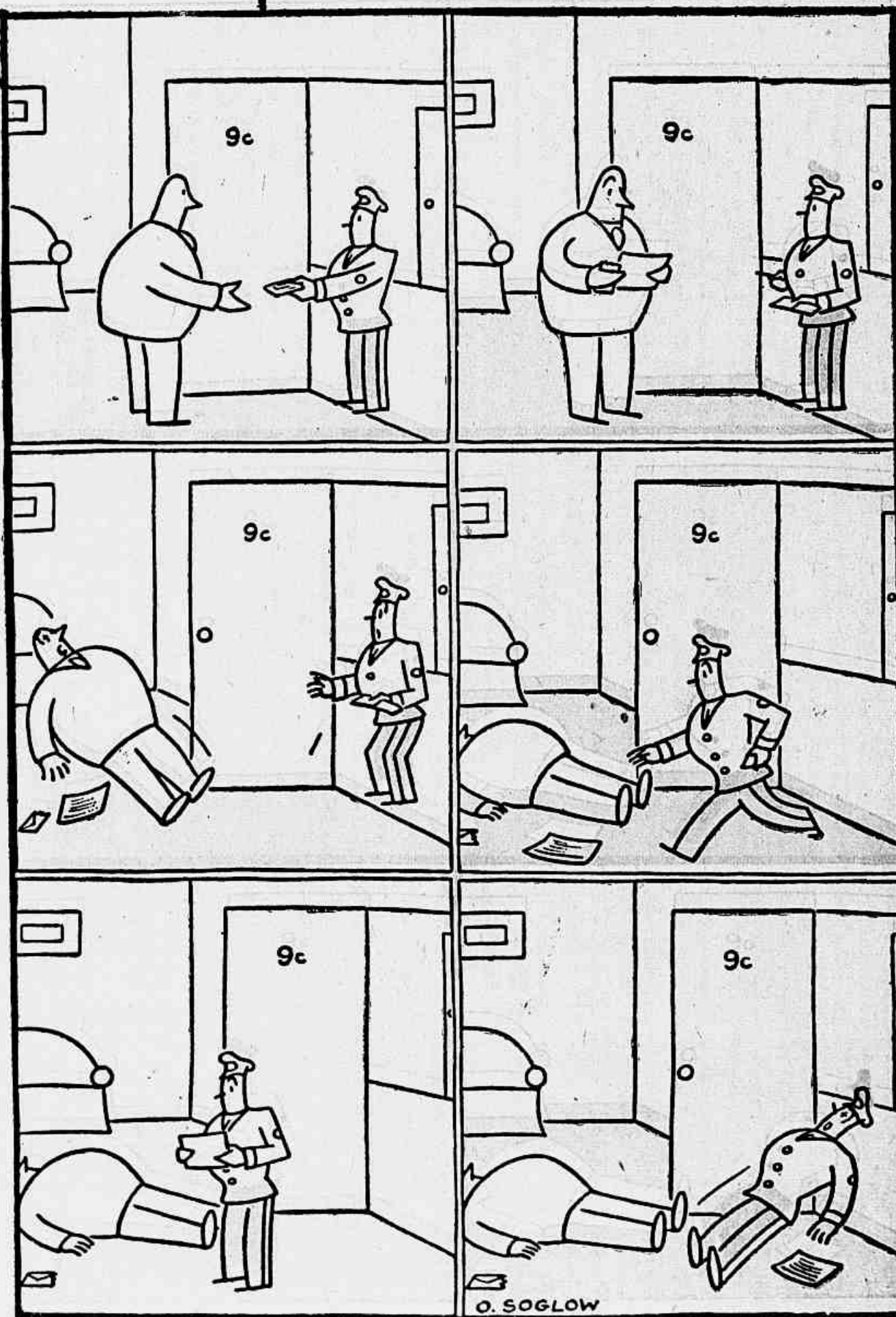
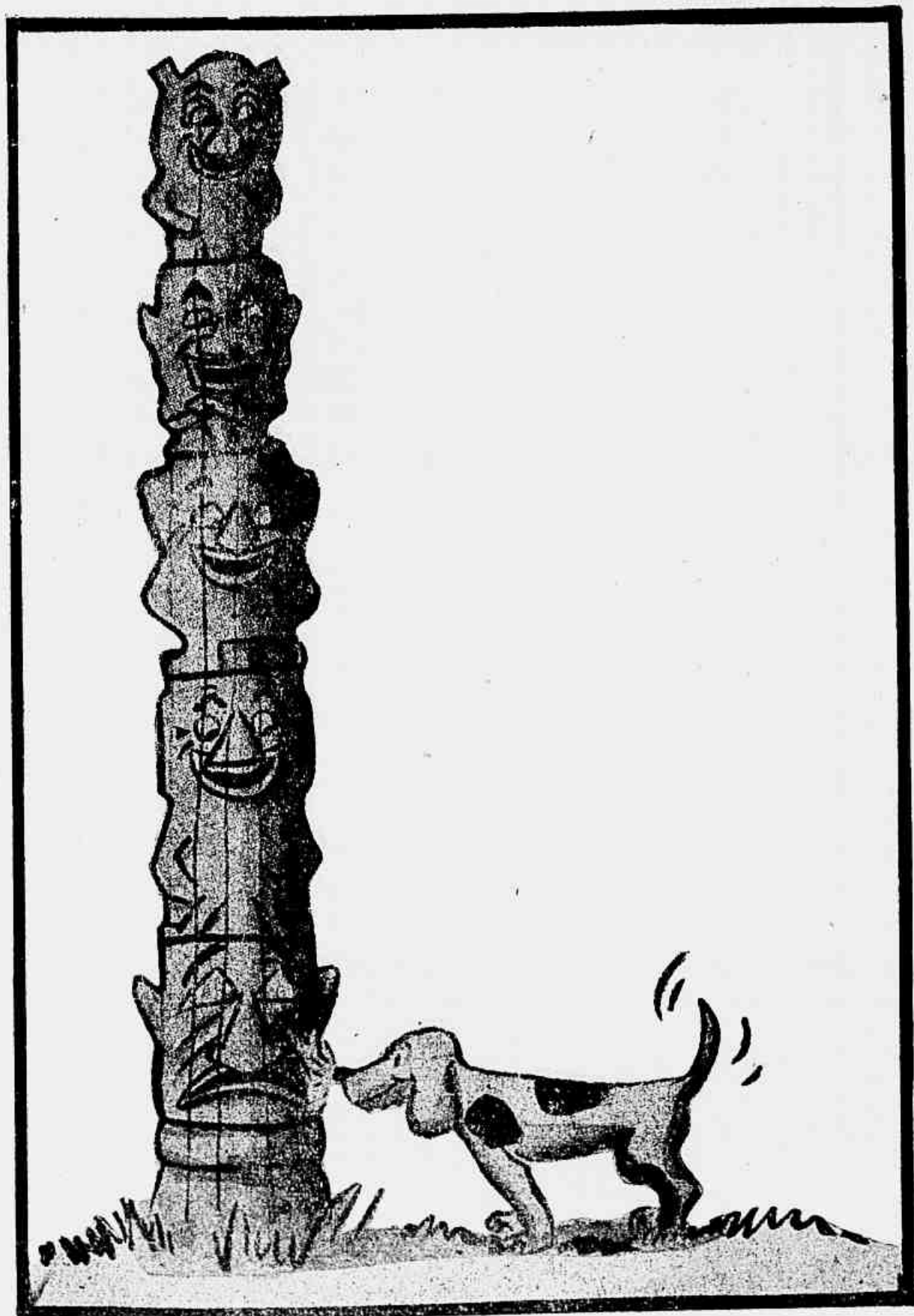
REA-REVUE

"Sargento Luiza! Sua combinação está aparecendo".



Idílio mexicano, 1945.

DE BOM HUMOR



O romance e a aventura entraram inesperadamente na vida pacata de George

CAVALEIRO ANDANTE

Adaptação de um conto de
FRANCIS BRETT YOUNG

Na sua ascendência deveria ter havido um cavaleiro andante. Como explicar de outra forma aquela sede de aventuras, que se escondia sob a aparência pacata de George? Timido, não era dotado de inteligência fora do comum; era o protótipo do homem médio: conservador, honesto e... desinteressante. Na verdade, esta última particularidade não era segredo para ele: a esposa se encar-

regava de proclamá-la, todas as vezes que uma discussão provocava em ambos o desejo de magoar um ao outro. Por fim faziam as pazes, mas a repetição do libelo surtia um efeito. George sabia muito bem que nada tinha de interessante, nada tinha de capaz de atrair uma mulher, o que não o impedia de sonhar. Afinal de contas, é o sonho a nossa escapatória. Consciente ou inconsciente. O de Ge-

orge era perfeitamente consciente. Ele passava horas e horas contemplando o seu pobre jardim suburbano, com a calçada cheia de aventuras. Via-se correndo para um lado e para outro, salvando moças em apuros, fazendo justiça a punido viúvas. E, mais curioso: a sensação era quase a de uma vitória. Os seus músculos sentiam-se fortes, e de repente George era super-homem. Que delícia! Sentia-se forte e ao mesmo tempo leve. Voava... subia...

Era a embriaguez das sensações. Sentia nos seus lábios a carícia de beijos de damas belas e agradecidas; amorosamente agradecidas. Via-se apolíneo, encarnação da virilidade alenteja.

— George, você já foi buscar aquele açúcar que eu pedi? Não lhe disse que não posso fazer o bolo sem açúcar? Se você quer passar o dia inteiro estirado numa cadeira sem fazer nada, passe, mas não venha reclamar o bolo depois.

A mulher se intrometia nos seus sonhos. Estava estragado o domingo.

Viu o cartaz, primeiramente. "UM FIM DE SEMANA NA FRANÇA"...

Imediatamente a imaginação disparou, réleas soltas. França, mulheres, mulheres notoriamente belas, belas e... O sangue subiu ao rosto de George. Viu-se amado, acariciado, beijado pelas mulheres mais excitantes da França. Um fim de semana? Abandonar, por dois dias que fosse, o noivo de Londres e ir gozar o sol francês e ver a mulher francesa? Mas como livrar-se da esposa? Ah! sim... Ela passaria o fim de semana com a mãe. Havia tanto tempo vinha falando em passar um fim de semana com a mãe...

— ...E você compreende, meu amor, que eu não posso. Não me dou bem com sua mãe e seria desagradável. Além disso, o médico me aconselhou passar uns dias num lugar onde haja sol. Ora, como perder a oportunidade? O navio parte de Dover, atravessa o canal, deixamos na França, depois vai nos apanhar na segunda-feira pela manhã...

— Não sei...

— Mas você não compreende que...

— Bem, está bem. Está combinado.

Livre! Livre! Livre! Oh, a delícia de andar sem ser seguido pela cara metade! Oh, o prazer de estar só e senhor de seu nariz! Oh, o gozo de poder seguir com o olhar qualquer bonito par de pernas sem sentir uma mão reprovadora na manga do casaco: "P'ra onde é que você está olhando, George?"

O navio atracou. George sentia o coração aos pulos.

Tudo George era uma só onda de reprovção e de irritação. Ora essa! Nada e absolutamente nada. Era digna de pena a fisionomia desapontada do nosso herói. Vagabundava pelas ruas da cidade francesa. Nada do que imaginara. Gente indo para o trabalho. Gente voltando do trabalho. Gente desocupada. Onde a imoralidade do povo francês? Onde as famosas mulheres?

O navio partia dali a poucos minutos e ele nada viu, nada acontecera que pudesse mais tarde contar como uma aventura sensacional, mesmo com o maior exagero.

— Impossível!

— Ch, patife!

A dama esqueceu a distinção e fez estalar no rosto do vaixeiro que a acompanhava uma enorme bofetada.

— Escute, Alina...

— Não escuto nada, ora essa!

— Mas...

— Você sabe muito bem que não me prestarei a isso!

— Mas...

— Você não sabe muito bem que quando eu decido uma coisa não há nada que me faça mudar de idéia?

— Sei... Infelizmente.

— E então?

— Mas você não pode abandonar tudo assim...

— Mas da maneira que me fizeram?

— Não, não! Não foi uma coisa assim tão grave. Não se preocupe...

— Como ousa pronunciar na minha frente o nome dessa mulher?

— Ora...

— Fasta!

Aquilo foi como que uma mola. George pulou e adiantou-se:

— Esta mulher é a mais impudica, minha senhora? perguntou ao seu francês estrepido.

— Claro! Não vê?

— Mas Alina...

— Não adianta!

George encheu o peito:

— Tenha a bondade de se retirar.



Broadcasting House, em Londres, sede da British Broadcasting Corporation, de onde são transmitidos os programas diários largamente ouvidos em todo o mundo. Dali também fazem-se irradiações especiais para o Brasil, com locutores patrícos

OS PROGRAMAS LATINO-AMERICANOS DA BBC

Londres, março. — Alguns dos primeiros bombardeios históricos, da guerra passada e desta, tiveram uma testemunha curiosa em J. A. Camacho, diretor dos programas especiais da BBC para toda a América Latina. Aos seis anos de idade estava em Paris, e, perto do Hospital Boucecault, na rua da Convenção, olhava os aviões alemães sobrevoando a capital francesa. Aconteceu que a primeira bomba lançada (naquela época não havia chuva de bombas, como hoje) rebentou justamente sobre o hospital.

Mudou-se para a Inglaterra e assistiu então ao primeiro bombardeio (desta vez naval) marítimo contra a Grã Bretanha. Pouco depois, em Ramsgate, viu o primeiro bombardeio aéreo da guerra passada contra a Inglaterra. E, no dia 7 de Setembro de 1940, viu também o primeiro bombardeio devastador sobre Londres. "Não esqueço a data — 7 de Setembro — porque nessa mesma noite irradiámos um programa especial comemorativo da Independência do Brasil" — disse ele a um redator da "Voz de Londres". Certamente para uma grande maioria do público latino-americano da BBC o nome de J. A. Camacho não impõe recordações especiais. Mas se escrevermos "Atalaya", de certo que esse grande público o conhece bastante. Com efeito, Atalaya foi o primeiro comentarista a falar para a América Latina, naqueles dias negros de 1940. Encarregava-se de repetir aos povos latino-americanos de fala espanhola — da mesma forma que o faziam primeiramente P. Xysto, e depois M. A. Braune, sob o nome de "Aimberê", para o Brasil — que havia esperança na Inglaterra de que Londres não se rendia; que o povo britânico sofria mas arremetava-se; e que o momento da retribuição, embora demorado, chegaria infalivelmente. De certo modo Atalaya transformou-se numa espécie de "correspondente pessoal", em Londres, dos ouvintes latino-americanos que ouviam e sabiam através da BBC da odisséia da cidade. Centenas e centenas de cartas, com aplausos e encorajamento, lhe chegaram. Hoje, "Atalaya" continua no ar, com os seus comentários regulares, e suas palestras contam com umas quarenta e cinco retransmissões em estações latino-americanas — o que é realmente um "record".

Europeu de origem latino-americana, J. A. Camacho estava especialmente enquadrado para aquela correspondência direta e íntima entre Londres e os ouvintes latino-americanos. Ele próprio sempre insiste em salientar que as diferenças entre o povo inglês e os latino-americanos são mais superficiais do que se imagina geralmente. E esta ausência de diferenças básicas, no seu entender, explica a atmosfera calorosa e simpática que se criou entre a BBC e a América Latina. A conclusão a seguir é lógica, segundo ele: "Esse fácil entendimento somente pode produzir confiança, uma grande confiança no intercâmbio entre esses povos. Eu próprio estou satisfeito e orgulhoso de, na medida das minhas possibilidades, estar concorrendo para esse fortalecimento afetivo e espiritual".

J. A. Camacho foi o primeiro locutor da BBC a falar para a América Latina, e conhece portanto, mais do que qualquer outro, a crônica do departamento latino-americano da BBC. A sua própria carreira, nesse departamento, exemplifica curiosamente as etapas do departamento, os seus momentos fáceis ou difíceis, sobretudo quando a guerra foi desencadeada sobre Londres. "A Voz de Londres" tem primazia, agora, de historicar em termos gerais a existência do departamento, através das declarações do atual diretor dos programas para todo o público latino-americano.

Antes da guerra, em Janeiro de 1938, J. A. Camacho enquadrara-se no corpo de funcionários da BBC, na qualidade de locutor. Foi, mesmo, o primeiro locutor de fala espanhola da Corporação — da mesma forma que M. A. Braune foi o primeiro brasileiro a falar para o Brasil. Mas um microfone exige mais do que uma boa voz: exige escola. A guerra era inevitável, e o locutor foi levado à "Escola de Treinamento da BBC" para um curso de três meses. A seguir foi designado para o posto que ainda hoje ocupa, diretor e organizador dos programas para a América Latina. Seguiram-se três meses de planos, preparativos, recrutamento de pessoal, etc.

A inauguração do serviço, segundo J. A. Camacho, foi um acontecimento "típico de pré-guerra": casacas, diplomacia, vestidos de solrêe, e a Orquestra Sinfônica da BBC pela primeira vez irradiando para a América.

O serviço latino-americano ensaiava os passos: Camacho e Braune faziam os anúncios simultâneos em espanhol e português. E quase a seguir um novo e grande tropeço: dois dias antes da guerra o serviço foi suspenso. O país necessitava imediatamente de transmissores, técnicos e canais para fins militares. Em consequência, o serviço ficou restrito mais uma vez a quatro boletins diários de notícias e, simultaneamente, lidava com as seções para Espanha e Portugal, a cargo do departamento latino-americano. A guerra prosseguia e com ela o interesse na América Latina pelas irradiações especiais da BBC. Os ouvintes enviavam cartas e mais cartas, exigindo sempre mais. O serviço foi-se ampliando aos poucos e ganhando mais tempo no ar. Surgiram as palestras, e com elas a colaboração regular de Salvador de Madariaga e as traduções especiais de Wickham Steed. E em Julho de 1940 foi possível irradiar um serviço regular completo; com um aviso de três semanas apenas o departamento latino-americano viu-se obrigado a irradiar três horas e meia por dia...



Murilo Marroquim, jornalista brasileiro que percorreu a frente ocidental em fins de 1944, de onde enviou comentários transmitidos para o Brasil. Em baixo, Don Salvador de Madariaga, conhecido homem de letras, cujas correspondências radiofônicas são popularíssimas em todo o continente.





Ainda o inverno estava no período agudo quando esta foto foi batida "em um ponto qualquer da Itália". A conquista de Monte Castello preparava-se com todo ardor, e um trenó, puxado a tração animal, fazia o transporte da "boia" e de alguma bebida quente para os soldados no "front". Os "pracinhas" precisam alimentar-se a tempo e horas, para melhor resistirem ao frio e simultaneamente ao calor da metralha. Vários trenós semelhantes são necessários para transportar uma refeição.



Ao alto, grupo de oficiais de marinha em visita ao Q. G. da Força Expedicionária Brasileira. Em baixo, tropa de artilharia na linha de frente, onde os nossos bravos patrícios aparecem, na maioria, de barba crescida, para melhor proteger a epiderme contra o frio. A tropa conta com a "mascote do regimento", o cachorro que se vê em primeiro plano, nas mãos de dois "pracinhas". Esse flagrante é das vésperas da grande arremetida brasileira contra Monte Castello, em fevereiro último.

ONDE A COBRA

Este serviço fotográfico especial que vimos oferecendo aos leitores tem alcançado um sucesso além das melhores expectativas. São vários os parentes de soldados brasileiros no "front" que os têm reconhecido nos flagrantes aqui estampados, podendo assim matar saudades de seus entes queridos. Outras pessoas têm vindo à nossa redação, solicitando os originais das fotografias para melhor identificar um filho, um irmão ou um noivo. A todos procuramos servir com a maior dedicação, pois nenhum





Este serviço especial proveniente do "front" deve-se ao nosso patricio Horacio de Gusmão Coelho, que se vê no "clichê" com todo o equipamento de guerra. Enfrentando os mesmos perigos da tropa, o fotógrafo consegue mandar para o Brasil preciosa documentação.



Grupo feito em pleno "front", num dia de combate, quando os soldados aguardavam ordens superiores. Observem que todos estão devidamente equipados e prontos para entrar em luta no momento preciso, que não demorou. Antes de iniciado o fogo os rapazes posam para Horacio de Gusmão Coelho, enviando esta mensagem de saudades a todos os patricios que daqui acompanham seus atos de bravura.

ESTÁ FUMANDO

outro conforto maior nos pode ser concedido que este, de trazer boas notícias a quem possui alguém da família distante, no campo da luta.

Além dos "clichês" hoje divulgados, outros aguardam vez de publicação, o que faremos em edições vindouras. Como temos dito, este serviço fotográfico deve-se ao nosso patricio Horacio de Gusmão Coelho, que lá se encontra, na Itália, acompanhando o desenrolar das atividades dos brasileiros em campanha.

Em baixo, o sargento Antonewton Arinelli Heredia, num retrato tirado "em qualquer ponto da Itália". À direita, soldado brasileiro, alerta, na trincheira cavada em pleno gélido. Seu posto de observação é perigoso, sob a ação do fogo. Ali ele cumpre o seu dever.





PEIDIDOS Á LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE
TRAVESSA DO OUVIDOR, 27- CAIXA POSTAL 2956
RIO DE JANEIRO

AOS CLIENTES DO INTERIOR: SI NÃO ENCONTRAR NO SEU LIVREIRO, PEÇA PELO NOSSO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

**Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:**

— **Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.**

**Informações: — Serviço de Turismo e Publi-
cidade da Estrada de Ferro Central do Brasil —
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas
700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.**

HEMORROIDAS? tome

LC 3518-
ENC?

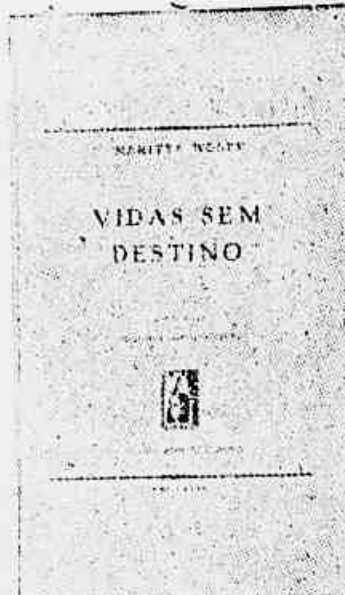
QMSR

2. CLASSE: POBRES

**Garantias! Óptimas!
Infallíveis!**

Livros

VIDAS SEM DESTINO, romance de Maritta Wolff, tradução de Masloewa Gomes Venturi — Livraria Martins editora — São Paulo, 1944.



Neste romance correm paralelamente várias ações, cada qual para o seu desfecho. De quando em quando tem-se a impressão de que o sentido da narrativa foi desviado e di-
fícilmente se renovará o interesse da leitura. Mas o en-
drio da autora vence todos os problemas que e'a própria, di-
rimos, fez questão de armar e complicar. Ha uma espécie
de ginástica e até um pouco de acrobacia nos seus pro-
cessos que, mais ou menos arbitrários, ás vezes, nunca chegam
ao inverossimil.

ou as três juntas, sorrindo, sofrendo, reagindo, sacrificando-se, se não em dignas delas votos que, esquecidos de toda a ficção, faz mais por que, no epílogo, as vejamos em plena alegria, gosando a vida. Não sucede rigorosamente assim. Paciência. Nem por isso deixa de nos ficar da obra em geral uma impressão deveras agradável — apesar de certo excesso de detalhes que parecem dispensáveis e do alongamento, em algumas passagens, de diálogos que, consideravelmente reduzidos, se tornariam, acreditamos, mais eloquentes.

HISTORIA DA CRUZ VERMELHA, por Martin Gumpert, tradução de Cláudio de Araújo —
Ocidente Limitada, editora — Rio de Janeiro, 1944.



E' este um livro deveras edificante. Nas suas páginas surgem, para nos entrarem no espirito e no sentimento, as lições mais salutares. Quem só conhece a Cruz Vermelha pelo que é hoje, espalhada pelo mundo inteiro e com um prestígio, por assim dizer, incondicional, não presume, a humidade da sua viagem nem pode imaginar as vicissitudes através das quais ella se tornou tão grande e tão gloriosa. E' o que nos vêm contar as tresentas e tantas páginas do presente volume.

HISTÓRIA DA CRUZ VERMELHA



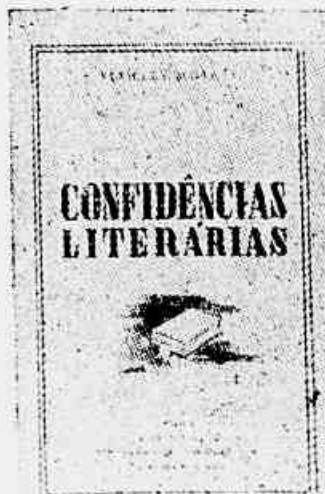
ropa de 1850, faz-nos assistir ás batalhas de Napoleão; leva-nos á América do Norte; ena a linha nos aos ligares históricos (e a aq) de D n n t i a p r e g r e t a m e n t e a f i r m a n d o a s u a i n f l u e n c i a p r a c t i c a . E s s a i m a g e m v a i a v u l t a r d o a o s n o s s o s o l h o s a t é a o a p o g e u , e m 1901, q u e f o i p a r a e l a o p r ê m i o N o b e l d a P a z . J á e n t ã o o p r i n c í p i o s a g r a d o d o a u x í l i o e a s s i s t ê n c i a n a g u e r r a e v o l v i a p a r a o i d e a l d a p a z . E o a u t o r d o p r e s e n t e l i v r o e n t e r r a o ú l t i m o c a p í t u l o , i n t i t u l a d o *A Cruz Vermelha*, c o m e s t a s b e l a s p a l a v r a s :

belas palavras:

“A Cruz Vermelha, que cuida dos feridos, deve também evitar que os homens cheguem a ser feridos. A Cruz Vermelha, que, em nossa desolada atualidade, ainda se destaca como um dos poucos refúgios do humanitarismo, será uma das poucas fontes desse humanitarismo possa irradiar-se e derramar-se sobre a terra ameaçada de aniquilamento. E assim será, se ela se declarar resoluta e radicalmente ao lado da paz, disposta a estimular a cooperação entusiástica duma juventude que tem a alma desperta e que não é mais insensível aos brados da humanidade, pois foi modelada para sempre dentro dos princípios da Bíblia e da Aniquidade.

A vida e a obra de Henri Dunant terão atingido a fusão e a síntese final quando delas só restar esta realidade — a Cruz Vermelha da Paz”!

CONFIDENCIAS LITERÁRIAS, estudos críticos de Péricles de Moraes — Empresa Gráfica "O Cruzeiro", editora — Rio de Janeiro, 1945.



Ao que podemos depreender do título deste livro, o Sr. Péricles Moraes faz de conta, como em certas páginas, Stendhal ou Machado de Assis, que tem diante de si um leitor, um único, com quem se comunica em perfeita intimidade. Essa condição familiar, imaginária embora, o anima a ser mais sincero, a falar sem rodeios nem restrições, sem nenhuma prudência convencional, e como se o ouvinte pudesse interromper algum entusiasmo excessivo, dizendo-lhe: "Espere, isso, assim, é demais" ou, nalgum desvio da lógica e do bom senso, intervir severamente: "Desculpe, mas, por esse caminho, não o posso acompanhar!". E, levando por diante aquele sonho de fraternidade confidencial, naturalmente o Sr. Péricles de Moraes espera que tais reparos ou avisos lhe sirvam para alguma coisa.

ou avisos lhe sirvam para alguma coisa.

Nunca, no correr destas páginas, o autor se dirige ao companheiro invisível. Mas a ideia da associação afectuosa, da aproximação dos dois espiritos e dos dois sentimentos, não existe apenas na capa do volume. Sem nunca dizer, à maneira antiga e da guma modo eterna: "Tu, leitor..." em verdade o escritor revela as suas observações e expande as suas emoções como em conversa com um velho amigo ou, melhor ainda, e n'isso mesmo. Todas as suas apreciações, todos os seus conceitos dão ideia duma lealdade que se não interrompe nem sofre alteração e que deve atrair e prender a todos os leitores como se cada um se sentisse convertido naquele leitor, indispensável, inconfundível, único, que o frontispício da obra nos faz, um momento, imaginar.

Novos

Tratam outros capítulos de Anibal Teófilo, Coelho Neto, d'Annunzio; do Sr. Renato Viana, dos homens de letras da Amazônia, de "uma grande figura amazônica" (Leopoldo Peres). E, na prosa escurrita, veemente, não raro arrebatada, do autor, todos os assuntos ganham relevo e importância, além de manterem um constante cunho pessoal.

[illegible]

O Sr. Câmara Cascudo seguiu por vezes, nas suas pesquisas, os passos de Teófilo Braga, Adolfo Coelho ou Consiglieri Pedroso. Escusado, porém, seria dizer que fez também, e grandemente, obra sua. Pode-se ainda notar no presente volume uma contação curiosa. É que alguns, não poucos, destes contos adquiriram já certa feição brasileira. Ha particularidades de linguagem que não vieram directamente para estas páginas nem da versão oral portuguesa nem da maneira como se escreve em Portugal. É a evolução que continua. As letras brasileiras remodelaram esse material, dalgum modo ou em alguma proporção o tornando seu. E assim, doutra maneira se confirma o conceito sentimental do prefaciador quando diz: "O conto português no Brasil está misturado com o leite das amas pretas; as bá, contadeiras de histórias, Scheherazadas que nenhum Sultão das Indias desposará na última das mil e uma noites, mas guardando no côncavo das mãos enrugadas todos os tesouros faiscantes do maravilhoso e do sobrenatural.

DIRETRIZES
 DE
JOAO RIBEIRO
 LITOGRAFIA LACINHO

“Nenhum brasileiro trabalhou mais, e mais devotadamente, nesse sentido, do que mestre Ribeiro, o professor de sol a sol, o divulgador constante das conquistas espirituais do gênero humano. A sua existência transcorreu ininterrupta entre aprender e ensinar. Não foi, absolutamente, apenas um gramático, como é de uso classificá-lo, mas um homem de sensibilidade *vária*, dominando múltiplos aspectos da vida, assenhoreando-se num relance dos mais delicados problemas científicos e morais da sua época.”

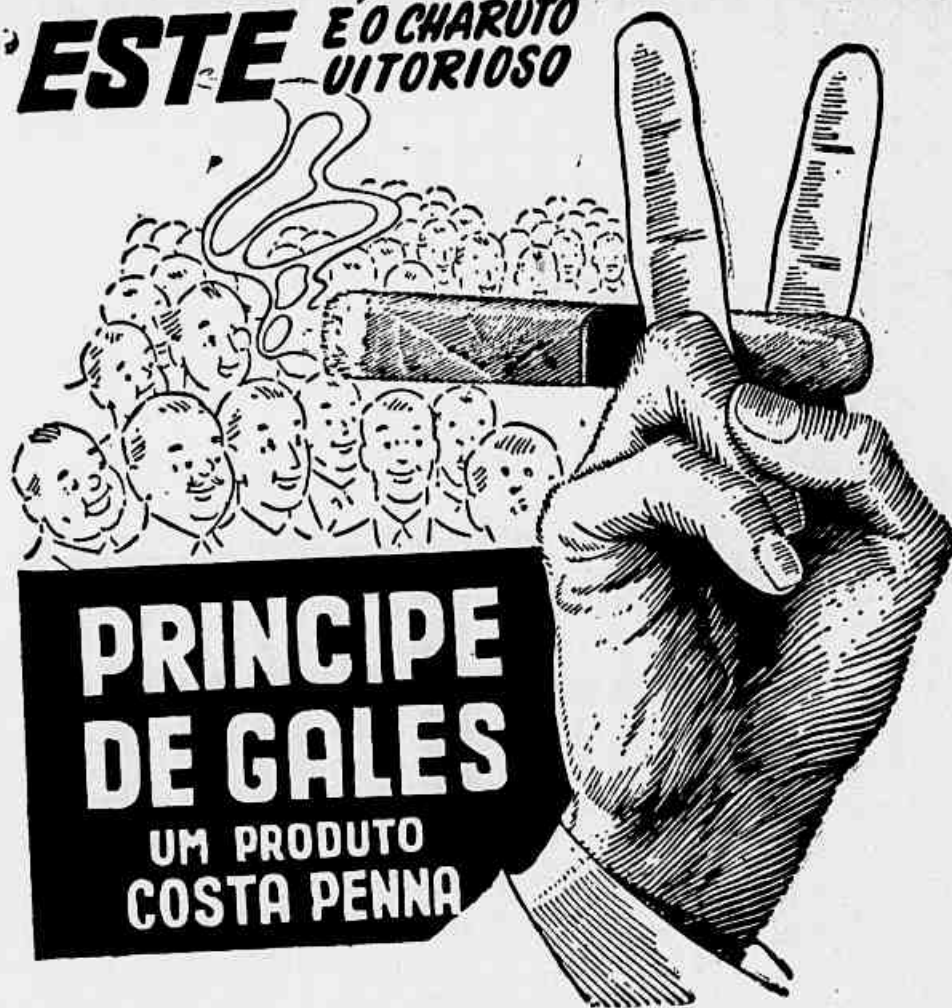
O livro do Sr. Devinelli obedece a uma nobre intenção e por todos os motivos é merecedor da melhor simpatia.

J. L.

O livro do Sr. Devinelli ob-
merecedor da melhor simpatia.

J. L.

ESTE E' O CHARUTO VITORIOSO



FAÇA UM "TEST"

FAÇA UM "TEST"
em suas próprias mãos!

Muitos sabões atacam os tecidos, enfraquecendo-os, e em pouco tempo inutilizando a roupa. A sua ação se faz sentir na própria pele das mãos, durante as lavagens prolongadas. As roupas não se queixam... mas... e suas mãos?!

Experimente *Sabão MINERVA*, um sabão que elimina as impurezas e nódoas de quaisquer tecidos sem prejudicá-los — e sem ferir suas mãos. O *Sabão MINERVA* sai barato porque protege o que lhe é caro.



McCann

SM-7

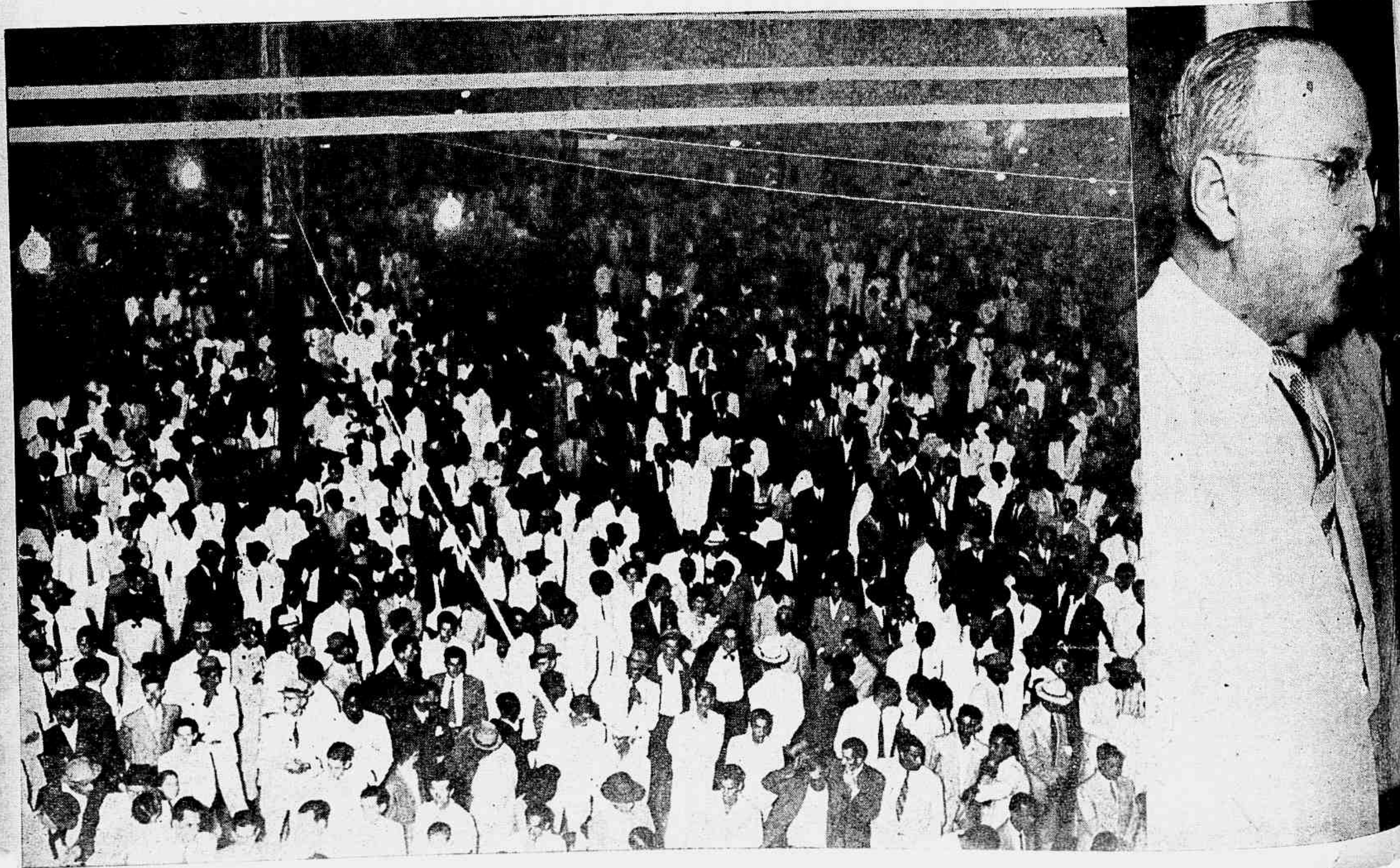
Sabão MINERVA

PRODUTO DA COMPANHIA GESSY INDUSTRIAL



Flagrante do comício realizado na noite do sábado 17, em Belo Horizonte, na praça Sete, pró-candidatura Eduardo Gomes, ao qual compareceram várias delegações dos Estados. Precisamente às 21 horas teve início o "meeting", que se prolongou até depois da meia-noite, ocupando a tribuna os srs. Afonso Arinos de Melo Franco, que leu uma mensagem do brigadeiro Eduardo Gomes; Tristão da Cunha, Odilon Braga, Barros Cassal e Emil Faraht.

Em Campos, Estado do Rio, foi por sua vez levado a efeito no domingo 18 um comício com o mesmo objetivo, em prol da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, do qual oferecemos na gravura abaixo um aspecto, vendo-se à direita o sr. Prado Kelly usando da palavra. O "meeting" teve lugar na praça São Salvador, onde também se fizeram ouvir os srs. Osvaldo Cardoso de Melo, professor Gentil de Castro Faria, Hermeto Silva e vários outros.





O professor Abdon Lins realizando, na Escola de Medicina e Cirurgia, sua conferência sobre o *Penicilium notatum*, o micróbio que produz penicilina em grande escala. Durante a conferência o orador fez demonstrações práticas do modo de diluir e de aplicar a penicilina, sendo muito aplaudido.

FIGURAS E FATOS

Aspecto do almoço oferecido no Automóvel Clube ao sr. Presidente da República, no dia 11 do corrente, por jornalistas do Rio e dos Estados, sob os auspícios do Sindicato de Jornalistas, em sinal de reconhecimento pelo decreto que instituiu o salário profissional para a laboriosa classe.



General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, atual ministro da Guerra, cuja candidatura, nas próximas eleições, à Presidência da República foi lançada em São Paulo, no Palácio dos Campos Elíseos, por elementos da política situacionista, em dia da semana transata.



Para todas as horas

Tailleur de linhas simples, em fazenda azul com bordados brancos. Chapéu de organza branca.



Para a tarde este conjunto listrado, com botões e cinto azuis. Chapéu de feltro branco com fita de terciopelo e tule azul.



Vestido de baile, em crepe imprimé de tons suaves. Na frente um cinto com laço em cetim verde.



Elegantíssimo é este
modelo para a tarde,
em crepe branco, com
acessórios pretos.

Também para a tar-
de é este vestido, com
pregas na cintura,
realizado em impré-
mé multicolor. Acompa-
nhado por acessó-
rios pretos.

Vestido para praia,
em algodão impré-
mé. Os ombros e bolsos
em linho grosso bran-
co. Chapéu de palha.

Tailleur em gabardi-
ne celeste com botões
dourados. Luvas e
bolsa de couro de
porco.

CAVALEIRO ANDANTE

(Continuação da pág. 38).

O homem encolheu os ombros e afastou-se. Alina virou-se para ele, com um sorriso:

— Muito obrigada...

O coração de George bateu mais depressa...

Sabia muito bem que a mulher haveria de reclamar. Mas que outro modo?... Não, decididamente, era preciso ser firme. Afinal de contas, só no mundo... Livre daquele bruto a dama fizera amizade com ele e confessara que não tinha ninguém no mundo que velasse por ela. E ele, George, num impulso cavalheiresco, pusera à sua disposição a sua casa e sua fortuna... Se é que podia chamar fortuna ao magro ordenado que percebia todo mês. Em todo o caso ela aceitara. Como, porém, convencer a esposa? Ele sabia muito bem que ela haveria de desconfiar que a dama... não... Era preciso tomar providências urgentes...

George parecia estar inscrito no rol dos que têm todos os dias uma decepção. A esposa não reclamara, antes parecera muito satisfeita. As duas tinham se dado muito bem e, na verdade, já agora, depois de duas semanas de estadia na casa de George, Alina parecia íntima da esposa dele. Ora, isso de certo modo o decepcionava. Ele esperava grandes tragédias... A esposa reclamando, abandonando a casa... Ele sacrificando-se pela outra mulher... Alina agradecendo... Nada disso, nenhuma dificuldade. A esposa aceitara a situação, como se fôsse a coisa mais natural do mundo o marido trazer francesas sem lar para casa depois de um fim de semana duvidoso...

Foi na hora do café que ela lhe deu a notícia:

— Alina vai embora...

— Que?

— Eu disse que Alina vai embora, e você me ouviu muito bem... Não se faça de surdo...

— Mas...

— Ela arranhou um ótimo emprego nos Estados Unidos e parte amanhã...

E assim terminava a aventura que ele sonhara como uma coisa muito romântica... George não pôde, entre-

E' jovem...

MAS PERCEBE A IMPORTÂNCIA QUE TEM O EMPRÊGO DE UM DENTIFRÍCIO INOFENSIVO...

ELA usa o Creme Dental Squibb porque desde criança aprendeu que pode confiar na sua pureza... que qualquer produto da Casa Squibb merece ampla confiança... O esmalte destes lindos dentes jamais será estragado nem irritadas estas rosadas gengivas — porque o Creme Dental Squibb limpa sem conter substâncias ásperas ou adstringentes.

E, também, ela usa o Creme Dental Squibb porque o adora! Adora a sua maravilhosa fragrância — seu delicioso sabor — a admirável sensação de frescor que produz na boca! Escovar os dentes com o Creme Dental Squibb não é uma obrigação monótona, é um prazer!

Experimente também um tubo... hoje!

Creme Dental SQUIBB



Mande procedera uma limpeza preventiva dos dentes duas ou mais vezes ao ano, tantas quantas o dentista recomendar. Mande executar prontamente todo o tratamento necessário. Inclua em sua alimentação as vitaminas e os sais minerais adequados. Pratique rigorosa higiene bucal. E faça questão de que seu dentifrício seja puro e seguro.



Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

tanto, deixar de ver que alívio era a partida de Alina, que tornara as despesas de casa bem pesadas, sendo que ele não ousava falar sobre isso com a esposa, porque a resposta dela seria: "Quem a trouxe para cá?".

Terminara a aventura e Alina ia embora. Estava tudo acabado...

Uma semana depois da partida da francesa ele recebeu uma longa carta com um cheque. Ficou surpreso. Um cheque? Olhou os algarismos e quase caiu para trás. Duas mil libras?

Leu a carta.

"Mon cher:

Agradeço penhorada a sua hospitalidade e peço licença para mandar-lhe uma pequena contribuição para atenuar de certo modo as grandes despesas que deve ter tido durante

a minha estadia. Muito obrigada e até breve, quando eu passar por Londres.

Cordialmente,
Aline De la Reine."

Havia, também, um recorte de jornal. E a história ali era contada de outra maneira...

"CHEGOU A ESTA CAPITAL A CANTORA DO OPÉRA COMIQUE ALINE DE LAREINE

A ilustre cantora da Ópera chegou a Nova York hoje à tarde e contou aos reporters a acidentada viagem.

— Imaginem que quando cancelei o meu contrato com o Opéra Comique, fiquei completamente desamparada, sem ninguém, numa cidade como Londres. Uma aventura encantadora entretanto fez-me conhecer o sr. George Morton, industrial, que me recolheu na sua residência, apesar de não me conhecer e, com a esposa, me proporcionou todo

Neurastenia? Insônia? Angústia?

BENAL

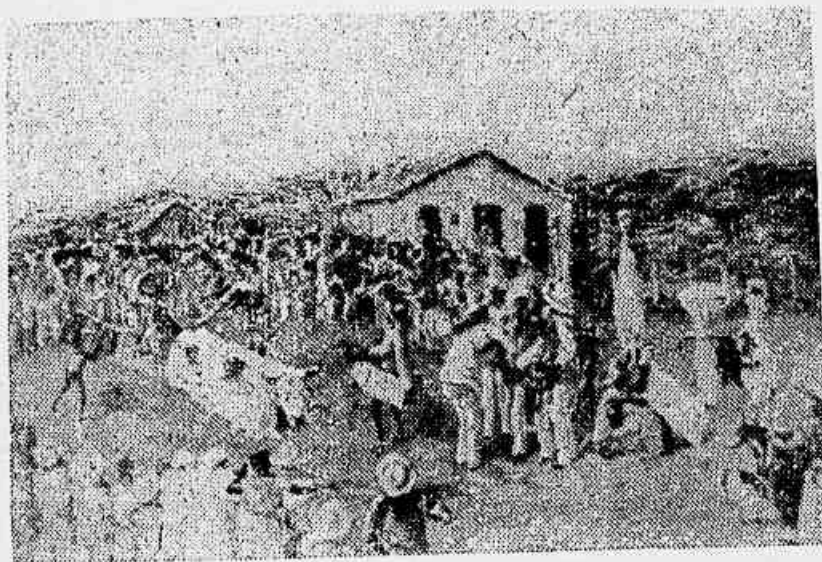
SEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésilo.

o conforto de sua hospitalidade principesca. Na minha próxima viagem a Londres tenciono convidar o sr. Morton e a esposa para me visitarem nos Estados Unidos, para, de certo modo, retribuir a sua gentileza...

A caminho do escritório modesto, George levava o recorte do jornal americano no bolso...

— Que dirá o pessoal quando vir isso?

E, afinal, a aventura não fôra desapontadora de todo.



"Boi de mamão", óleo de W. Zumblick.

WILLY ALFREDO ZUMBLICK, jamais frequentou uma aula de pintura, jamais viu uma pinacoteca, jamais aprendeu como empunhar um pincel e uma palheta. E no entanto fez-se pintor. Pelo prazer de pintar, apenas. Sem outra finalidade que a de gravar as cenas populares da sua terra natal — o Estado de Sta. Catarina.

Aliás, Sta. Catarina tem um velho compromisso com as vocações inatas. Vitor Meirelles é um exemplo. As suas composições feitas aos 15 e aos 16 anos, antes, muito antes de passar pelo modesto curso do seu primeiro professor local, o argentino Dom Mariano Moreno, são bem uma prova de que nascera para ser famoso. Cruz e Souza na literatura e Lauro Muller na política são outros exemplos preciosos...

Zumblick não desmentiu em nada essa bela tradição de espontaneidade. Sem padrinhos, sem querer ser pintor, a fama dos seus quadros eroa hoje em dia por todo o sul do Brasil. E ele continua em Tubarão, sua terra natal, ocupado com os seus afazeres, fazendo arte como sempre a fez — nas horas vagas, contando só com a sua emoção.

Recentemente os seus amigos o levaram a Porto Alegre. E ele expoz ali os seus quadros. O sucesso foi completo. A glória não o seduziu, porém. E ele voltou para o seu Tubarão tranquilo.

Mas o público continua a exigir a sua presença aqui e ali. Os seus quadros são procurados por todos. Porque são diferentes, deliciosamente diferentes. Não fixam paisagens, nem burguezes, nem crepusculos, nem velhas ruas. Fixam a vida popular da sua terra — a bandeira do Divino, o Boi de mamão, as brigas de galo, as procissões de N. S. dos Navegantes... E tudo isso sem convencionalismos, sem compromissos com escolas ou críticos. Tudo isso tal como é, como ele sente, com as tintas que ele cria.

Zumblick é mais do que uma revelação — é uma estrela de primeira grandeza, que, sem o querer, impoz-se nos cenários da nossa arte pictórica. Eis aí a reprodução de um óleo desse jovem artista patricio. É uma cena do "Boi de mamão", a festa tradicional da gente simples do litoral catarinense. É um momento da alegria ingenua das populações esquecidas, que, mesmo sem dinheiro, mesmo de pé no chão, teimam em não abdicar desse prazer supremo da vida que é o riso.

As telas de Zumblick começam a chegar ao Rio. E aqui começam elas a ser admiradas por todos. Isso porque tem um delicioso sabor de cousa nova. Nova e bem nossa.

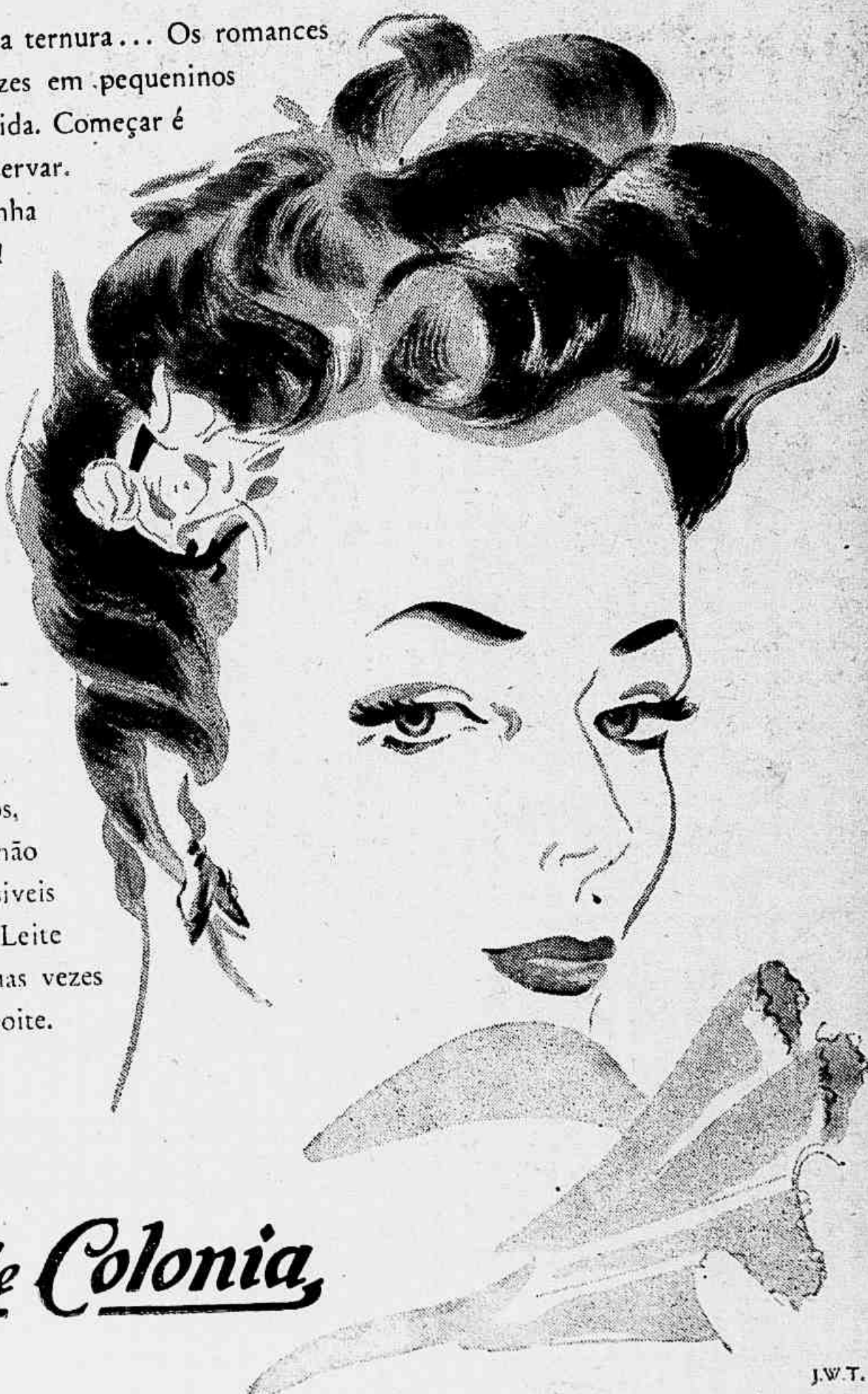
Prolongue o seu romance de amor preservando a sua

Cutis Juvenil!

Os olhos, o sorriso, a voz, a ternura... Os romances de amor vão buscar, às vezes em pequeninos detalhes, o seu ponto de partida. Começar é fácil... Mas é preciso conservar.

E isso é uma arte! Mantenha sempre vivo o seu romance!

E a suavidade da sua cutis, a sua frescura juvenil, há-de ajudá-la a manter a chama sagrada! Preserve esse tesouro. Para isso, faça o que milhares de juventudes permanentes sempre fazem: preserve a sua cutis juvenil com Leite de Colônia, que protege a pele contra o sol, o vento, as intempéries, e remove manchas, cravos, sardas e espinhas! E não esconda, corrija os possíveis defeitos de sua pele com Leite de Colônia! Aplique-o duas vezes ao dia: pela manhã e à noite.



Leite de Colônia

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Loção DISCRETA CONTRA CASPA

Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

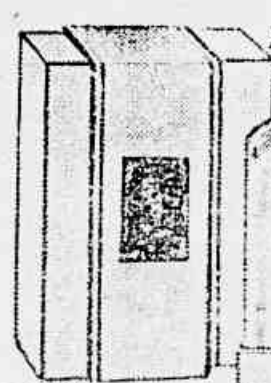
O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.



- 1 — ENCANTADORA CAMISA DE NOITE EM CAMBRAIA BRANCA COM BORDADOS NAS MANGAS, GOLA, CINTURA E BARRA DA SAIA.
2 — BASTANTE "CHIC" ESTA CAMISA DE NOITE EM SEDA BRANCA, COM OMBROS E MANGAS EM FENDAS.

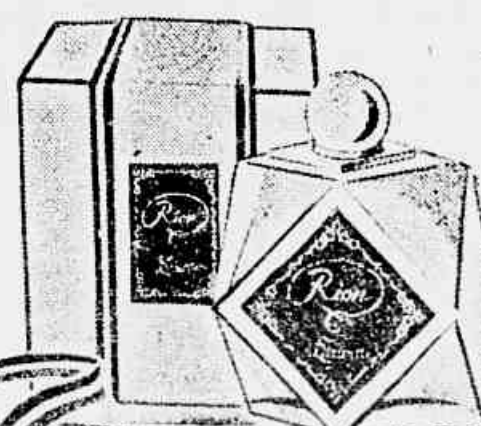
LINGERIE

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Rosa



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05

Onde Foi Proclamada a Independência

(Continuação da pág. 31)

ja menor. Há muito que ver, e além do material antigo instalam-se novas dependências, abrem-se salas novas, onde o documentário se estende e multiplica. Demos em edição anterior reportagem ampla sobre a Sala Santos Dumont, que é realmente a mais completa, útil e curiosa de todo o Museu, neste momento. Outras salas, dedicadas a assuntos vários e a personagens históricos, inclusive o padre Bartolomeu de Gusmão, preparam-se para inaugurações próximas. Quer-nos parecer que escasseiam os objetos, as relíquias, os documen-

tários rigorosamente da época e isso leva o professor Taunay a contratar o trabalho de um artista do pincel para as reconstituições de épocas. Há em São Paulo quem alimente fortes receios de se tornar o Museu uma simples pinacoteca, mas acreditamos que, além dos quadros, também objetos, peças, instrumentos, roupas, móveis, continuem sendo anexados às novas dependências do Museu.

De qualquer modo, é sempre um mergulho no passado histórico da nossa terra, a visita que se faz aos domínios do velho Taunay. Ele nos recebe em seu gabinete, com a mo-

déstia e o recato dos que têm pudor, muito pudor e aversão às exibições ridículas. E tanto no Museu como no seu lar o filho do visconde de Taunay recebe a reportagem da REVISTA com simplicidade e cordura, com a hospitalidade tradicional do bandeirante que se educou na escola da velha nobreza imperial. E, bem, o continuador do nome lendário de quem assistiu e historiou à "Retirada da Laguna", o romancista de "Inocência", que nos abre as portas do lar e nos põe em contacto maior com outros legados da São Paulo antiga, a São Paulo do Campo de Piratininga, do planalto onde se fez ouvir o grito do Ipiranga e dos alcantás da Serra do Mar.

MEMÓRIAS DE UM CACHORRO AMARELO

(Continuação da página 35)

Comecei a compadecer-me de Hubby, o marido; pareciam-nos tanto, que a gente o manifestava quando sciamos juntos. Em amável companhia percorriamos as ruas que percorre o carro de Morgan, e pisávamos as últimas neves que dezbombo deixava nas vielas habitadas pela gente pobre.

Uma noite, quando passeávamos assim, enquanto procurava adotar a aparência de um São Bernardo premiado e meu amo tratava de parecer um homem incapaz de assassinar o primeiro organista que executou a *Marcha nupcial* de Mendelssohn, levantei para ele a cabeça, e disse-lhe, a meu modo:

— Por que tendes esse gesto de amargura? Ela não vos beija. Não tendes que sentar-vos sobre seu regaço nem escutar sua tagarellice, essa tagarellice capaz de fazer que a letra duma opereta vos pareça o livro de máximas de Epiteto. Deves agradecer por não serdes um cachorro. Dai o fora na melancolia.

Aquela infelicidade conjugal desceu até mim os olhos, quase com inteligência canina em seu semblante.

— Que há, cachorrinho? Olhas-me como se fosses capaz de falar. Que é que há? Gatos?

E' claro que não podia compreender-me. Aos humanos é vedada a linguagem dos animais. O único terreno comum de comunicações em que homens e cachorros estão acordados, é o da ficção.

ESTANHO NACIONAL

MARCA "APOLLO"
NICOLAU PANZERA

SÃO JOÃO DEL-REI — MINAS

DISTRIBUIDORES:

OCTAVIO MARTINS & CIA.

RUA DA ALFANDEGA 95 — Sob.

RIO DE JANEIRO

ANÁLISE

ANÁLISE QUÍMICA

INSTITUTO NACIONAL DE TECNOLOGIA

RIO DE JANEIRO, R. P.

Em 7 de dezembro de 1944.

Assunto: Análise química.

Protocolo: I.R.T. 2-51/44

Divisão: 1ª (N. 246/44)

Natureza do material: Amostra de estanho, (marca "Apollo").

Procedência: do interessado.

Instaurado: Nicolau Panzera.

Observações:

A análise química procedida na amostra enviada.

Chumbo	0,015 %
Ferro	0,004 %
Zinco	0,005 %
Estanho (p.d.)	99,97 %

VISTO

VISTO

No andar em frente ao nosso morava uma dona que tinha um *fox-terrier* com manchas negras e canela. O marido daquela senhora punha-lhe a corrente e levava-o a passear também todas as noites, mas sempre regressava a casa satisfeito e assobiando. Um dia juntei meu focinho com o do *fox-terrier* malhado e pedi-lhe que me fizesse um esclarecimento.

— Escuta — disse-lhe eu — já sabes que é coisa imprópria de verdadeiros homens fazer o papel de ama-seca com um cachorro em público. Eu nunca vi um que, indo com um cachorro, não pareça senão querer bater em quantos olham para ele. Porém teu amo volta à casa todos os dias tão galhardo e bem pôsto como um prestidigitador diletante que fizesse o truque do ovo. Como faz isso? Não me venhas dizer que lhe agrada.

— Ele — respondeu o *fox-terrier* — usa o Próprio Remédio da Natureza. Quando saímos de casa é tímido como um coelho; mas depois de termos passado por umas oito tabernas, tanto se lhe dá que o que leva na extremidade da corrente seja um cachorro ou um peixe. Já perdi duas polegadas de cauda entre as portas de *vai-vem* desses estabelecimentos.

Pus-me a meditar sobre o que me disse o *fox-terrier*.

Uma tarde, lá pelas seis horas, minha ama ordenou ao seu marido que desse banho em seu *Amante*. Oculteí até agora o meu nome, porém era assim que eu me chamava. Aquêlê nome era para mim uma espécie de lata amarrada ao rabo do meu próprio respeito.

Num lugar tranqüilo de certa rua, soltei a corda de meu guardião em frente a uma atraente e refinada taberna. Empurrei com a cabeça as portas, ladrando como um cão que avisa urgentemente à família que a pequena Alice caiu ao arrêlo quando estava colhendo flores.

— Ou estou cego — disse meu amo, fazendo um muxoxo — ou este bicho me está dizendo que tome um gole. Há quanto tempo não gastei as solas dos meus sapatos pisando o chão destes estabelecimentos! Se...

Vi que era meu. Tomou assento a uma mesa e serviram-lhe "whiskey" quente. Ali estive uma hora tomando goles. Eu permaneci a seu lado, batendo com a cauda para que o empregado acudisse, e comendo uma rica merenda, jamais igualada pelos condimentos caseiros, que mamãe

Hubbard comprava numa tendinha oito minutos antes de papai chegar em casa.

Quando se esgotaram os produtos da Escócia, exceto o pão de centeio, o velho me desamarrou da perna da mesa e tirou-me dali como um pescador tira os salmões. Já fora da casa, arrancou-me a coleira e atirou-a à rua.

— Pobre cachorrinho! Já não te beijará mais essa sem-vergonha! Vai-te, cachorrinho! Corre, e sê feliz!

Não quis abandoná-lo, e comecei a traquinar e pular em volta dele, contente como um luluzinho sobre um tapete.

— Mas não vês, cabeça de bôlo, imbecil, que não quero deixar-te? Não compreendes que ambos somos os meninos perdidos no bosque, e que tua mulher é o tio cruel, que nos persegue, a ti, com o pano de cozinha e a mim, com a pomada para matar pulgas e a fita encarnada para me enfiar a cauda? Por que não cortas de uma vez essas coisas pela raiz, e seremos camaradas toda a vida?

Direis talvez que não me compreenderia; talvez assim fôsse. Mas ficou pensativo um pouco, ereto, apesar dos goles que levava no corpo, e, finalmente, disse-me:

— Cachorrinho, nesta vida ninguém vive mais de uma dúzia de vidas. Eu não quero voltar para casa, e se tu o quiseses, apesar do muito que te sova minha mulher, me-reces que a carrocinha te leve.

Eu não estava amarrado; mas continuei junto do meu amo, saltando, até à estação ferroviária da rua Trinta e Três. E os gatos que achei no trajeto viram que tinham razão para agradecer por terem sido dotados de unhas afiadas.

Ao chegar à janelinha, meu amo disse a um desconhecido que estava comendo um bôlo com passas de Cerinto:

— Meu cachorro e eu vamos para as Montanhas Rochosas.

Porém, o que mais me agradou foi que o velho, puxando-me as orelhas até me fazer gritar, disse:

— Ó cachorrinho vulgar, cabeça de macaco, rabo de vato e côr de enxôfre! Qual é o teu nome?

Eu, pensando no nome de *Amante*, soltei um triste lamento.

— Vou chamar-te *Pedro* — disse meu amo; e ao ouvir aquilo, ainda que tivesse cinco caudas, ter-me-lam parecido poucas para agitá-las em ação de graças, fazendo justiça à ocasião.

STANDARD CRB 100

FEDERAL CRB 160

INCA CRB 260

"ANEL ZODIAICO", QITAVA MARAVILHA Com o Signo, Planeta e a Pedra do Dia e Mês do seu nascimento. Feito de Prata fina com Ouro 18 Kil. e também todo de Ouro. UM PRESENTE INESQUECÍVEL. Mande o dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo; e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo sistema de reembolso postal. Também remetemos jolas de ouro e brilhantes, tudo pelo preço da fábrica. Fábrica de Jolas "AZTECA", Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro. Pedem catálogo

AMERICA CRB 135

CAPITAL CRB 260

BRASIL CRB 280

Energica

DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

E' o tônico de todos

DYNAMOGENOL

E' um produto do

Laboratorio Sian

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas de secreção interna.
METABOLISMO BASAL e TUMAGEM DUODENAL
CLINICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia
Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

A mulher de Paris e Londres

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extraídos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de

sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

Dra. HELENA N. DAHER

CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

Lingerie

Ao alto: — Combinação de seda, guarnecida de rendas aplicadas com ponto de Paris. Em baixo: — Da esquerda para a direita: conjunto de 3 peças, em seda branca com incrustações de renda verdadeira; conjunto de duas peças, enfeitado com babadinhos do mesmo tecido e entrelaçado de renda; combinação de setim, de corte original, enfeitada com folhas feitas do mesmo tecido.

iancarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

* UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO *

**PERFUMES
finissimos**

Perfumes recém chegados
de Nova York.

Parfumerie "BOURJOIS"**EXTRATOS:**

Extratos Chanel N.º 5
" " " " 22
" " " " Gardenia
" " " " Cuir de Russie

"MAIS OUI"**"SOIR DE PARIS"**

Pó de Arroz "SOIR DE PARIS"
e "MAIS OUI"

Rouge "SOIR DE PARIS"

Batons "EVENING IN PARIS"
Talco "EVENING IN PARIS"

Água de Colonia e loção "SOIR
DE PARIS"

Brilantina "SOIR DE PARIS"
SAO PAULO

CASA MASETTI

A Casa dos bons perfumes

MATRIZ - SEMINARIO, 131-133
FILIAL - MARCONI, 44

Crime

(Con)

Quando che
a ele, já com
leza — da s
sentou a trag
Chorou jun
cabeça sobre
nino descon
fícios, tentan
estrela que
magistralmen
ge, no caso
que se valer
se mostrass
Não que hou
era preciso t

Encontrar
péu na cab
de chegar d
e chamei a p
Depois viu
moçara na c
ra a tarde lã
fiz parecer
da briga. I
telefone e v
lemente, un
volta de se
em casa, a
tôra assass

Mas o á
mente inat
Ele passar
três acima
o tinham c
ele se diri
e, daí por
cido, a co
Como m

Entretan
começara
saparecer
às seis e
E se recu
Daí por d
peito. De
duta que
Recusou-s
o dia. A
Foi prése
mento, o
dramatic
solvido.
absolvido
— tivesse
descobri
péu na
péu não
lado, na
colocá-lo
que não

**OS D
NA
TRA**

Data
de dois
encontr
secreção
mulher
grande
zação
disposi
de va
Possui
os rec
elica
sexual
tardia
excess
com r
sos d
flacidi
doang
nopa
prime
intele
"Pa
da en

R
Prod

Crime sem castigo

(Continuação da página 19)

Quando chamei a polícia e comuniquei a ele, já com a suspeita — quase a certeza — da sua culpabilidade, ele representou a tragédia com perfeição.

Chorou junto de mim e deixou cair a cabeça sobre o meu colo como um menino desconsolado. Usou de todos os artifícios, tentando perturbar-me, como uma estrela que faz uma cena de tragédia, magistralmente, sem estragar o maquiagem, no caso dê a atração de que tinha que se valer para que a solteirona não se mostrasse demasiadamente curiosa. Não que houvesse falha no seu plano, mas era preciso tomar tôdas as precauções...

Encontrara Jean caída, na cama. O chapéu na cabeça ainda, pois ela acabava de chegar da rua, atirada, imóvel. Gritei e chamei a polícia.

Depois vieram as testemunhas. Joan almoçara na casa de umas amigas e passara a tarde lá. Não falara no marido, o que fez parecer mais convincente a hipótese da briga. Mais tarde, fôra chamada ao telefone e voltara muito contente. Evidentemente, uma reconciliação. Depois, por volta de seis horas partira. Mal chegara em casa, ainda antes de trocar de roupa, fôra assassinada.

Mas o álibi do marido era verdadeiramente inatacável, impossível de destruir. Ele passara o dia com três amigos, todos três acima de qualquer suspeita, e estes o tinham acompanhado até o hotel, onde ele se dirigira imediatamente para o bar, e, daí por diante, o seu álibi era fornecido, a contragosto, por mim.

Como matara a mulher? Impossível...

Entretanto, mal descoberto o crime, ele começara a agir de maneira suspeita. Desaparecera, desde a hora da descoberta, às seis e trinta, até a chegada da polícia... E se recusara a confessar onde estivera. Daí por diante fez tudo para parecer suspeito. De tal modo exagerou essa conduta que eu principiava a desconfiar... Recusou-se a dizer o que fizera durante o dia. Agiu como um criminoso vulgar. Foi preso e julgado e, no dia do julgamento, o seu advogado apresentou, com dramaticidade, o álibi irrefutável. Foi absolvido. Era isso mesmo que queria. Ser absolvido antes que alguém — que eu — tivesse tempo de reparar que, quando descobri o corpo, Joan estava com o chapéu na cabeça e que, mais tarde, o chapéu não estava na cabeça, mas ao seu lado, na cama e que, experimentando-se colocá-lo na cabeça dela, verificou-se-lhe que não cabia...

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e tôdas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drágias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em tôdas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo.
Remetemos pelo Reembolso Postal
Cr\$ 20,00 o vidro.
Produtos PANVITAL — Rua da Estréla, 6
RIO DE JANEIRO

No dia seguinte à absolvição ele veio se despedir. Mal tive forças para falar com ele. Sabia que era culpado, mas não conseguia atinar como cometera o crime... E já era tarde. Ele agora, segundo a lei inglesa, não poderia mais ser julgado pelo crime... Estava de qualquer forma absolvido...

Foi o gerente quem me lembrou da moça morta no primeiro andar. Com a história do julgamento e a excitação, eu a esquecera. O gerente veio agradecer-me a discreção. Disse-me, naquela ocasião, que o crime não perturbara os hóspedes, antes os interessara.

Quando ele me falou na moça, eu compreendi a solução do mistério. Era tarde de mais...

— Ele tinha morto a esposa?
— Sim. Fôra hábil. Antes do crime, precisava de álibi, mas depois do crime descoberto, poderia agir como entendesse... Que fez? Descobriu que eu me preocupava com a esposa, que deveria ter contado as insinuações, ele resolveu esco-

lher-me como a pessoa mais indicada para pular as consequências... Era isso que queria. E corria um risco relativamente pequeno. Havia uma moça morta no primeiro andar e ele sabia disso... Um criado, talvez, uma indiscrição qualquer, pusera-o ao par de tudo. Então, ele roubou o cadáver. Pense que coragem e sangue frio não foi preciso para retirar o cadáver do quarto no primeiro andar e levá-lo para o quarto da esposa, no mesmo andar porém mais no fundo do corredor! Vestida com a roupa da esposa, a moça foi colocada sobre a cama. Mas o chapéu da esposa era grande de mais para ela e ele foi forçado a ir buscar um dos da própria moça... Em seguida, mandou-me até o quarto. Sabia que eu, vendo a moça jogada na cama, imóvel, sacudindo-a levemente, nem me daria ao trabalho de verificar se era, verdadeiramente, Joan. Sairia a gritar que fôra cometido um assassinato! Ele preparara tudo pela manhã, depois da esposa sair e antes de ir se encontrar com os amigos. Depois de trancada a porta do quarto com a vítima e estando todos à espera da polícia, ele

foi esperar a esposa no jardim, onde marcara um encontro pelo telefone. Matou-a e levou-a ao primeiro andar, onde entrou pela sacada. Era perto e havia uma escada de incêndio. Muito simples... Substituiu o corpo, mas não pôde mudar o chapéu, porque não cabia na cabeça da esposa. Por isso, deixou-o ao lado do corpo e fugiu, colocando novamente o cadáver da moça no quarto que esta ocupara em vida, entrando ali também pela escada de incêndio...

Quando Miss Marple acabou de contar a história, ficou, um momento, em silêncio. Depois, levantou-se, apanhou um álbum que havia perto da mesa e mostrou-o ao coronel.

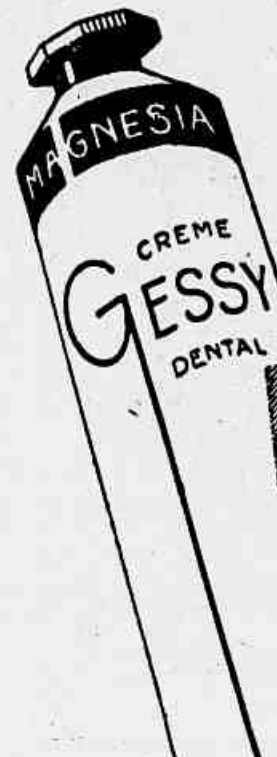
— Foi num piquenique... Fomos eu, ele e a esposa. Veja...

Era o retrato de um jovem de calção de banho, pronto para mergulhar, de pé, num barco. Corpo de atleta, feições regulares, um sorriso que iluminava o rosto... Os olhos brilhantes e azuis, pareciam francos, ingênuos... Um assassino. Miss Marple suspirou, e guardou a fotografia:

— Morreu o ano passado, na Itália.

Seu Dentista lhe dirá:

De cada
5 cáries
4 começam
aqui...



PARA PROTEGER seus dentes no Ponto Vital — nas faces ocultas onde a escôva não atinge — use Gessy. Sua espuma, de ação ultra-

GESSY CUSTA MENOS
que os demais dentífricos de alta qualidade. Use Gessy e economize até 20% em cada tubo de creme dental.

... Gessy protege no Ponto Vital!

penetrante, limpa onde a escôva não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Proteja seus dentes no Ponto Vital: use Gessy três vezes ao dia. Gessy higieniza, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito.

A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA



vai-se o sol e o dia continua...

Pelas ruas e avenidas, longos colares de luzes se acendem - gastas imagens de poesia antiga. Nos lares, escritórios e fábricas, miríades de pontos luminosos dizem em uníssono: a cidade inda vibra, palpita, vive. Ante o espetáculo que seus olhos assistem diariamente, quantas vezes seu pensamento se voltou para os degraus galgados até a democratização da luz? Entretanto, das aventuras do progresso, o capítulo iluminação elétrica é dos mais significativos. E nele se inscreve, com toda a justiça, a decisiva contribuição da General Electric por uma vida mais radiosa, confortável e feliz.

uma promessa para o futuro próximo

Para a guerra, inventos e técnicas revolucionárias nascem nos laboratórios da General Electric, nas mãos dos cientistas que há tanto dedicam à humanidade o melhor do seu gênio. Após a Vitória,

esse influxo criador estará novamente a serviço da saúde, da cultura, do progresso, da civilização. Recorde-se desta promessa e prefira G. E. sempre que adquirir lâmpadas e outros produtos elétricos.

LÂMPADAS EDISON - MAZDA

GENERAL  ELECTRIC

GRANT

B.038

Roubo sem ladrão

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

— Meu caro senhor, principiou. Tenho "sense of humour" e sou capaz de compreender que um americano goste de fazer piadas. Mas acreditava que estas se limitavam aos amigos íntimos. Parece que me enganei. Em todo o caso, vamos esquecer o que passou. Vim buscar o quadro.

— Quanta palavra perdida...

— Não compreendo.

— O senhor está mesmo convencido de que levará o quadro daqui?

— Estou.

— Pois engana-se...

— Cavalheiro, o senhor sabe que o que cometeu foi um roubo.

— Não senhor, vou novamente devolver isso ao dono.

— O senhor sabe que nesse país há polícia?

— Sei. Mas sei também que o senhor quer manter a transação em segredo...

— Será necessário preveni-lo de que há outros melos?

— Como assim?

— Podemos impedir que o senhor saia de casa com o quadro. Podemos fazer-lhe um cerco que o senhor não será capaz de aguentar.

— Meu amigo, eu comprei umas latas de comida em conserva...

— ...que não durarão a vida toda.

— Tenho a certeza de que isso não será necessário.

— Pois bem. Como queira. Previno-o, entretanto, de que o quadro será arrebatado de suas mãos, da mesma maneira por que o senhor o arrebatou, se tentar sair daqui.

— Passe bem, cavalheiro.

— Vou esperar em casa o resultado da sua obstinação ridícula.

— Vá. Vá. E puxe uma cadeira, pois vai sem dúvida cansar-se de esperar de pé.

Começaram vigiando a linha de seu telefone. Mas Harrison não temia que ou-

Alegria e otimismo

No estado normal há sempre motivo para encarar a vida com alegria e otimismo. Os tristes devem, pois, fazer um auto-exame para descobrir a razão do desânimo e combatê-lo. Quando não obtiverem resultado, torna-se necessário recorrer a um médico, que verificará se a tristeza e a depressão nervosa correm por conta de alguma doença ou de simples alteração do humorismo humoral. Neste último caso bastará, muitas vezes, modificar a alimentação e usar um medicamento de base fosfórica para restabelecer-se.

Simplese desequilíbrio da glicemia ou do metabolismo dos açúcares causa desordens nervosas que podem resultar, também, da falta de elementos fosforados no organismo. A medicina atual tem recursos para ambos os casos. Em se tratando de deficiência de fósforo, a medida é fácil e consiste em algumas injeções de Tonofosfan, que concorrem para que o paciente apresente animadores resultados logo nas primeiras vinte e quatro horas.



vissem o recado que ia dar quando muito eles desviariam a atenção do quadro para investigar uma coisa sem importância. E era justamente isso que ele queria, que desviassem a atenção.

— Alô! Fala Lucio?

— Sim, senhor.

— Escute, Lucio, eu me esqueci de dar um recado a você, outro dia...

— Sim, senhor...

— E' o seguinte. Em cima da mesa da minha secretária eu deixei um presunto...

— Um presunto?!

— Sim, um presunto alemão que comprou para fazer presente ao sr. Brandon, que parte hoje para a América. Ele gosta muito daquele presunto. Leve o embrulho para ele no avião, ouviu?

— Sim, senhor.

— E depois me telefone dizendo se ele mandou algum recado.

— Sim, senhor.

Desligando o telefone Harrison refletiu.

— Que é que eles vão fazer agora?

Não demorou muito em saber. Pensando que ele estava dormindo, eles tentaram arrombar a porta, à noite, mas ao primeiro estalido Harrison pulou:

— Se continuarem a tentar arrombar a porta, berrou, atirei. Tenho bastante munição aqui.

Era mentira, mas surtiu efeito. Ouviu passos que desciam a escada.

Riu.

Na manhã seguinte Lucio telefonou.

— Não pude telefonar ontem...

— Não tem importância. Diga: entregou o presunto?

— Entreguei e ele pareceu ficar muito satisfeito, mandou agradecer.

— Muito bem.

Naquela mesma noite eles prepararam um raid. Quatro homens armados. Já estavam impacientes e haviam arranjado um pretexto para arrombar a porta e prendê-lo.

Bateram, mas não houve resposta. Finalmente, sem hesitar mais, puseram abaixo a porta.

— Onde está ele?

O apartamento estava deserto. Mas, na lareira, de pé, coberto por um pano, estava o quadro. Eles agarraram o tesouro mas, de repente, um deles soltou uma exclamação:

— Oh!

Nas suas mãos estava somente a moldura.

— Por onde saiu ele?

— Pelos fundos. O homem que estava vigiando a saída tinha ordens de deixá-lo

passar somente se ele não tivesse um quadro nas mãos.

— Sim...

— Mas, apesar de tudo, resolveu revisá-lo, por que imaginou que ele poderia ter feito exatamente o que fez, tirado a tela da moldura.

— E...

— E não encontrou nada. Ele riu muito. Depois foi embora. Não tinha um quadro no bolso.

— Mas, então, como?

— Não sei.

No dia seguinte um avião chegava a Nova York. Esperavam-no no aeroporto Van Schouven e Carlota. Começaram a descer os passageiros. Finalmente apareceu Harrison...

— Carlota!

A moça correu para o noivo.

Depois dos cumprimentos o velho Van Schouven disse:

— Recebi uma visita do sr. Brandon esta manhã... Como é que você conseguiu?

— Muito simples. Eu tinha um avanço: por isso, passei pelo escritório, mandei comprar um presunto, embrulhei-o com o quadro, protegido por papel celofane e,

RUGOL

O RUGOL

depois, enviei-o para Brandon, enquanto os outros pensavam que eu tinha o quadro. Era só a moldura... X... quando me visitou viu a moldura na parede e não descobriu que eu não tinha a tela...

— Engenhoso.

— Eu imagino só a cara de Brandon, ao descobrir um Rembrandt embrulhando um presunto...

— Ele me contou que quase rasga a tela... Que susto!

— Tinha de correr aquele risco...

— E' verdade. E, afinal, foi a primeira vez que uma obra-prima de pintura serviu de papel de embrulho como um jornal velho...

— E' isso, disse o rapaz, mas seu olhar dirigia-se para seu lado e não para o velho. Olhava carinhosamente para a noiva.

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & CIA. RIO DE JANEIRO

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Beijaflor



● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.



P. Ferraz

O sabonete das famílias!

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★



A alegria do lar

é o seu filho quando está com saúde. Entretanto a diarreia pode pôr-lhe em perigo a vida.

Recorra imediatamente aos famosos comprimidos de Eldoformio, producto da casa «Bayer».

Contra as diarreias em geral nada melhor que comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



PORQUE DÁ SAÚDE A BOCA!



ILUMINE o seu sorriso usando o CREME DENTAL ANTISSEPTICO!

Limpa mais... agrada mais... rende mais.

Anúncios vulgares



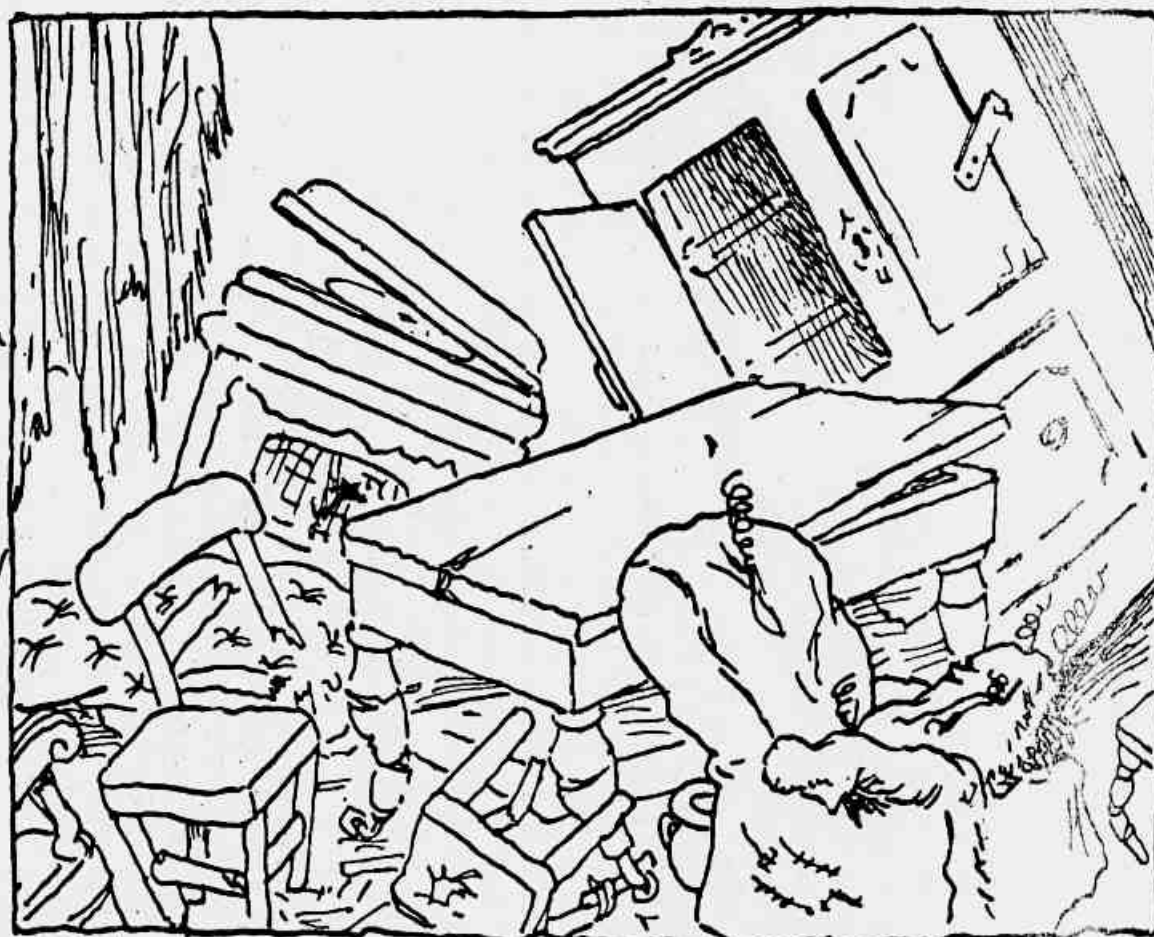
"Oferece-se uma dactilógrafa para lavar e cosinhar qualquer trivial."



"Senhor de responsabilidade precisa banheiro anexo em apartamento."



"Aluga-se uma âma de leite condensado com fiador."



"Passa-se contrato de apartamento novo a quem ficar como os móveis e as cortinas."

Preço: Cr\$60.000,00."



"Compra-se roupa usada..Paga-se bem."



"Precisa-se de um bom copêiro para uma fábrica de copos."

JOSEFA — Mas procure se acalmar. Imagine se você adoecesse? A gente havia de chamar um médico, não é? Tinha que ser um médico de uma dessas cidades aí pela estrada. Ele podia ser indiscreto, e era capaz de estragar os seus planos.

REGINA — Está bem, Josefa. Você tem razão. (chorando) Mas eu não posso. O meu desespero é horrível. Oh, meu Deus.

JOSEFA — Escute, Regina. Você está arrependida? Quer que diga ao Zé Pedro que volte? Quer voltar para o Rio?

REGINA — Não. De maneira nenhuma. O Luiz nunca há de pôr os olhos no aleijão em que eu me transformei. Ao contrário — eu quero pedir ao Zé Pedro que ande mais depressa.

(Automóvel parece que se arrasta)

REGINA (chamando) — Zé Pedro... Zé Pedro...

ZÉ — Senhora, dona Regina.

REGINA — Por que segue tão devagar? Ande um pouco mais depressa, Zé Pedro. Ainda temos tanto que caminhar...

ZÉ — Mas, dona Regina, eu estou fazendo hora para só chegar de noite na próxima cidade. Não foi o que a senhora pediu?

REGINA — Ah, sim. É verdade. Está bem... É... de dia a gente pode chamar a atenção.

(Música)

ROGÉRIO — Você está curado, hein Luiz? Eu não dizia que você ficava bom? Agora é recomeçar. Vamos ter muito breve as experiências de seu invento, pois não?

LUIZ — Muito breve, não, Rogério. Eu quero primeiro fazer uma viagem. A Regina precisa distrair-se. Ela anda tão nervosa. Você não acha esquisito que ela ainda não tenha vindo aqui? Onde está o Geraldo? Você sabe se ele saiu?

ROGÉRIO — Não. Quando entrei apenas estive com a Celeste, que ia saindo. Ela me pareceu tão agitada. Que houve, hein?

LUIZ — Não houve nada, Rogério. Aquela mulher é uma doída. Saiu de repente. Tinha dito que ia demorar. E, inesperadamente, num dado momento se despediu.

ROGÉRIO — Ela continua com o vampirismo para o seu lado, não é?

LUIZ — Cada vez pior. E eu fico numa situação desagradável! Você compreende. Afinal ela é a esposa de Geraldo.

ROGÉRIO — É uma mulher diabólica.

LUIZ — Ela tem artes. Mas, eu lhe confesso uma coisa — depois que me casei, eu só me interesso é mesmo pela Regina. A Regina é uma mulher esplêndida. Eu sou um escravo da beleza de minha mulher. Todas as outras que passaram pela minha vida não exerceram sobre os meus sentidos o domínio que exercem os encantos de Regina. Eu sou um apaixonado, sou um eterno enamorado da minha própria esposa. A sua beleza me domina por completo, Rogério.

ROGÉRIO — É o diabo, isto...

LUIZ — Por que esta exclamação, Rogério? Você não aprova o meu entusiasmo? Por que esta exclamação?

ROGÉRIO — Bom... não é que eu... que eu... não aprove. Mas, eu acho que o seu amor pela Regina devia ser... mais espiritual...

LUIZ — Mas eu não compreendo, Rogério. Você não acha que a base de todo o amor deve ser a atração física?

ROGÉRIO — O afeto conjugal deve ser mais calmo, deve ser temperado com um pouco mais de espírito. Não deve apenas alimentar-se de materialismo.

LUIZ — Ora, Rogério. Eu só compreendo o amor como sendo uma atração física entre o homem e a mulher.

ROGÉRIO — Você está errado, Luiz. A esposa nós precisamos dedicar uma outra afecção. Ela é a mãe de nossos filhos. De um momento para outro pode perder a

beleza. A própria maternidade pode deformar o seu corpo, as noites de vigília com os filhos terão que lhe roubar o viço. A esposa é a mulher que irá envelhecer ao nosso lado. Nós teremos que amá-la sempre, feia ou bonita, sadia ou enferma, moça ou velha. Era de outra maneira que você devia amar a sua mulher. Seu amor é perigoso, seu amor é muito frágil, Luiz. Como eu me compadeço de sua mulher!

LUIZ — Ora, não seja tolo. No momento o que me interessa é tê-la junto de mim. E ela não aparece? Por que será que ela ainda não veio? E o Geraldo? Teria ido mesmo buscá-la? Onde está Regina?

ROGÉRIO — Naturalmente, está em casa.

LUIZ — Mas, você não acha que ela já devia estar aqui? Responda alguma coisa, Rogério?

ROGÉRIO — Que quer você que eu responda? Eu... Eu... afinal eu não sei de nada...

LUIZ — Ah, é verdade. Eu tenho uma carta que ela me escreveu antes de eu me operar. Eu ainda não a posso ler. Tenho os olhos vendados, como você vê. Mas, você quer ler essa carta para mim? Eu vou mandar buscar. Tome a campainha, Rogério. Eu a guardei no bolso do outro paletó.

ROGÉRIO — Não, Luiz. Espere pelo Geraldo. Pode ser uma carta confidencial. E a Regina depois se zangará sabendo que você deu para ler a um estranho como eu. O Geraldo não deve tardar.

LUIZ — O Geraldo? Só o Geraldo? Não. Eu espero que a Regina venha com ele. Eu estou achando um mistério qualquer em tudo isto. Afinal o que há, Rogério. Que me ocultam vocês? Fale Rogério (pausa). Rogério?

ROGÉRIO — Que é, Luiz?

LUIZ — Por que não responde, Rogério? Que mistério existe em tudo isto. Eu quero saber, eu preciso saber.

(Vozes ao longe, passos que chegam)

ROGÉRIO — Aí vem o Geraldo. Naturalmente ele vai lhe dizer o que há. Prepare-se para ouvir uma notícia má, Luiz.

LUIZ — Como? Que foi que você disse?

ROGÉRIO — Sim... Luiz... uma notícia má.

LUIZ — Oh...

(Passos)

LUIZ — É você, Geraldo? (pausa) Vamos... diga o que há.

GERALDO — Regina...

LUIZ — Que tem Regina?

GERALDO — Ela...

(Acorde musical)

LUIZ — É, Geraldo. Você tem razão. O melhor mesmo é deixar que ela se esconda, que ela desapareça. Eu não teria coragem de olhar o seu rosto deformado. Ela era tão linda! Pobre da minha mulher!

GERALDO — Eu sabia, Luiz. Eu tinha certeza de que seria esta a sua resposta. E veja que coisa tão contraditória, hein? O seu pouco amor está sendo útil a Regina, que o ama de mais...

LUIZ — Que diz você, Geraldo?

GERALDO — Digo que, se você amasse a Regina com um amor mais profundo, mais espiritual, você não quereria perdê-la, embora deformada como está. E eu teria então que lutar com você para que a deixasse fugir. Ao passo que, com a sua concordância indiferente, tudo ficou tão fácil, não é?

LUIZ — Ora, Geraldo. Você então acha que eu devia gritar e esbravejar para que a trouxessem diante dos meus olhos? E para que? Para contemplar, egoisticamente, o seu desgosto diante do meu desencanto? Para me deliciar com a sua humilhação? Oh, não... A mim me parece, mais humano, mais nobre, mais abnegado — apesar da minha dor e da minha saudade — deixar que ela se refugie por aí e não perturbar a sua vida já tão infeliz.

REGINA — Vai sim. O Luiz vai ter esplêndidas surpresas.

(Aumenta a velocidade)

CELESTE — Mas não corra tanto. Você me faz medo, Regina...

(Música)

(Ainda rumor de automóvel em corrida)

CELESTE — Você não quis ficar na casa de saúde, Regina? O Luiz vai ficar tão só.

REGINA — Não, Celeste. As esplêndidas, as ótimas surpresas que você tão generosamente, lhe profetizou, eu as quis retardar um pouco mais.

CELESTE — Ah, sim? Mas não corra tanto, Regina! A única passageira agora sou eu. Você devia ser mais gentil.

REGINA — E você devia ser menos venenosa, ouviu? Afinal de que servem as nossas vidas? Eu, uma aleijada, com um físico estroplado. Você, uma mulher vasta, sem alma, um aleijão espiritual.

(Automóvel aumenta a velocidade)

CELESTE — Mas, não corre tanto, Regina. Você enlouqueceu? Mas, o que é isto, meu Deus? Você está atirando o carro em cima das calçadas. Olhe o caminhão, Regina.

(Automóvel correndo mais)

REGINA — Celeste. Eu acho que nós duas não precisamos viver. Eu e você somos duas criaturas inúteis. Vamos libertar o Luiz e o Geraldo? Vamos?

(Carro desentreado)

CELESTE — Regina... Regina... parel... não... não corra dessa maneira!

(Automóvel que derrapa)
(Intervalo)

CELESTE — Mas que susto, Regina! Que susto você me pregou. Porque fez esta maldade, Regina?

REGINA — Não foi maldade, não. Foi, apenas, vontade de exibir minha capacidade de automobilista. E' a única coisa que me resta. Eu nada mais tenho que se possa admirar.

CELESTE — É, mas, por outra vez, procure um outro espectador. Não me escolha. Oh, não! Por favor.

REGINA — Mas, como o medo é humilhante, Celeste! E como é ridículo também! Se você soubesse as caretas que fez enquanto eu corria. E como eu me diverti, aqui no espelho do carro. Como você, de bonita que é, na hora do medo, fica feia. Mais feia do que eu com todo o meu defeito no rosto.

CELESTE — Então, pelo que vejo foi uma pequenina vingança, o que você fez?

REGINA — Vingança? E porque?

CELESTE — Falemos claro, Regina. Você não gostou de certas coisas que eu disse ao Luiz, não foi?

REGINA — Bem, Celeste. Já que você quer franqueza eu vou lhe dizer. Aliás, aqui nesta estrada tão bonita, sob um luar tão claro, é bem agradável uma expansão — não foi apenas o veneno que você usou hoje. Não foi apenas o que você disse há pouco, não foi apenas isto que não me agradou. Há algum tempo já eu venho notando a sua ronda em torno do Luiz.

CELESTE — Que diz você, Regina?

REGINA — Isto mesmo. E' isto mesmo. Você, me vendo sem encantos, compreendendo que eu nada mais serei para o meu marido, resolveu conquistá-lo. Pois con-

quiste-o, Celeste. Apanhe-o para você. Apenas eu não acredito que ele esteja disposto, com o caráter que tem, a trair o Geraldo a quem ficará devendo tanto, de amanhã em diante.

CELESTE — Regina. Basta de insultos. Continuemos andando. Vamos. Ponha o carro em movimento. Não estou disposta a lhe responder.

REGINA — Você não quer franqueza? Nada mais fiz que lhe atender.

(Carro em movimento)
(Música)

JOSEFA — Outra vez as flores, hein, Regina? E estas de hoje como são lindas.

REGINA — Que trabalho inútil o dessa criatura. Enfim. Para uma morta viva como eu, só mesmo mandando flores.

JOSEFA — Mas, quem será que manda estas flores? Eu hoje perguntei ao mensageiro.

REGINA — E que foi que ele disse?

JOSEFA — Disse ele, que é um senhor de cabelos grisalhos, mas que não sabe quem é.

REGINA — Ora. Não vale a pena saber. Ele tem que deixar de mandar. Ele tem que acabar com isto. (pausa).

(Passos)

JOSEFA — Posso colocá-las aqui?

REGINA — Coloque-as onde quiser, Josefa. (pausa).

(Passos)

JOSEFA — Você sabe que horas são, Regina?

REGINA — Eu tenho até medo de saber.

JOSEFA — Mas, não é preciso saber?

REGINA — É... Josefa. E' preciso saber. Já está na hora da operação, não está, Josefa?

JOSEFA — Faltam apenas 15 minutos para as dez.

REGINA — Como o tempo voa, meu Deus. Você já fez tudo o que mandei?

JOSEFA — Tudo, Regina.

REGINA — Zé Pedro está aí?

JOSEFA — Está.

REGINA — Bem, Josefa. Eu preciso agora ficar só. Quando o telefone chamar eu atenderei. Vou escrever uma carta. Não deixe ninguém me interromper.

JOSEFA — Está bem. Até já.

(Música)

GERALDO — Então, Luiz? Está animado?

LUIZ — Bastante, meu amigo. Só o que me causa estranheza e me preocupa é o fato de Regina não estar aqui.

GERALDO — A Regina anda muito nervosa. Eu mesmo achei preferível que ela não ficasse aqui.

LUIZ — Mas eu gostaria tanto de poder vê-la assim que me tirassem desta maldita cegueira. Eu queria ter, como prêmio a tantos dias de sofrimento, a visão da sua beleza. Era a Regina que eu queria ver, antes de tudo, Geraldo.

GERALDO — Mas é preciso também que lhe poupemos uma tamanha emoção. Ela também tem sofrido muito, Luiz.

LUIZ — Mas eu queria tanto sentir o calor das suas mãos na hora que se aproxima. Como me havia de confortar!

GERALDO — Que é isto, Luiz? Você, o homem forte, o materialista descambiando para o pieguismo?

LUIZ — Então você acha pieguismo desejar o calor das mãos de Regina? Você não compreende que isso me seria um estímulo, até mesmo para a circulação?

GERALDO — Você é invencível, Luiz. Dê-me o braço. Vamos à injeção. Faltam apenas cinco minutos para começarmos a intervenção.

LUIZ — Mas você tem certeza de que eu vou enxergar? Eu vou mesmo recuperar a vista, Geraldo?

GERALDO — Já lhe disse, Luiz, que só uma fatalidade, um desses imprevistos a que nenhum operador pode fugir, impedirá a realização de sua cura, completa, como eu espero realizar.

LUIZ — E como eu lhe agradeço a dedicação que tem tido, o desvelo com que você tem acompanhado o meu caso!

GERALDO — Gratidão, você deve apenas a Regina, que lhe salvou a vida, arriscando-se como uma verdadeira heroína. Para ela é que eu exijo a sua eterna gratidão.

LUIZ — Mas por certo. Se antes eu já a amava tanto, agora então, você bem pode calcular a que extremos não chegará o meu afeto.

GERALDO — E agora, mais que nunca você terá que lhe dedicar um afeto especialíssimo, um especialíssimo carinho. E' esta uma recomendação que lhe quero fazer, e esta é a recompensa que você me dará.

LUIZ — Ora, Geraldo. Não é preciso recomendar, nem pedir uma coisa que, para mim mesmo, é um prazer. Amar a Regina. Passo eu desejar outra coisa senão isto mesmo? Não é esta a suprema das minhas alegrias? Acariciá-la, contemplá-la, viver para ela, para o seu carinho, não foi sempre êsse o meu maior prazer?

GERALDO — A propósito, Luiz: Regina lhe escreveu uma carta.

LUIZ — Uma carta? E para que?

GERALDO — Não sei. Está lacrada. E' para que você mesmo a leia — assim que puder ler — Sendo assim, você só poderá abri-la dentro de alguns dias, pois, não lhe será permitido e nem mesmo possível, fixar a vista para a menor leitura, antes de um certo tempo.

LUIZ — Mas que conterà esta carta? Antes disso Regina não vem aqui?

GERALDO — Virá. Naturalmente que virá. Mas, com certeza, ela escreveu alguma coisa que não tem coragem de dizer.

LUIZ — Eu tenho uma desconfiança, um quase palpite. É... é isso mesmo. Tolinha que ela é.

GERALDO — De que se trata, Luiz? Eu posso saber?

LUIZ — Pode sim, Geraldo. Naturalmente é para anunciar a vinda de um herdeiro. Eu já andava desconfiado. E' isso. Com certeza é isso.

GERALDO — Pobre da minha irmã!...

LUIZ — Que é isso, Geraldo? Não me parece motivo para lamentações, o fato de Regina vir a ser mãe.

GERALDO — Tolices de irmão piegas. Luiz. Perdoe-me, sim?

LUIZ — Você queria abrir a carta e lê-la para mim?

GERALDO — Tenha paciência e espere, Luiz. Agora não seria possível. Estamos na hora da sua operação.

LUIZ — Bem, então guardo a carta. Terêi eu mesmo o prazer de abri-la. Eu acho uma graça nestas cerimônias da Regina. E' um encanto a minha mulher!

(Música)

CABELEIREIRO — Está bem assim, madame?

CELESTE — Sim. Está muito bem.

CABELEIREIRO — Seu cabelo ficou com uma esplêndida tonalidade. E como está boa a ondulação.

CELESTE — Realmente. O senhor é um artista, senhor Levy.

CABELEIREIRO — Quer fazer as unhas agora, madame?

CELESTE — Sim. A Julieta já está desocupada?

CABELEIREIRO — E' só mais um minuto. Ela já vai atendê-la. A senhora quer o massagista hoje também?

CELESTE — Quero. Mande-o ao meio dia. (sorrindo) Eu resolvi ficar bonita hoje, senhor Levy.

CABELEIREIRO — A senhora resolveu apurar-se. Porque, bonita, já o é. Vai a alguma recepção, madame?

CELESTE — Não. Mas, a manhã, uma pessoa que, há algum tempo não me via, irá me rever. E a gente gosta sempre de dar uma boa impressão.

CABELEIREIRO — A propósito. Se a madame permitisse, eu gostaria de lhe contar a impressão que a senhora despertou num patricio meu que a viu outro dia numa re-

cepção. A senhora não esteve, há umas duas semanas, em uma festa de caridade?

CELESTE — Estive, senhor Levy. Mas conte, conte! Eu já estou curiosa.

CABELEIREIRO — A senhora permite?

CELESTE — A vontade, sephor Levy.

CABELEIREIRO — E' que, êsse cavalheiro é meu freqüês antigo. Desde os tempos em que eu tinha salão apenas para homens. Aliás é um cavalheiro riquíssimo. De maneira que eu continuo lhe servindo particularmente.

CELESTE — Sim.

CABELEIREIRO — E, outro dia, êle me telefonou pedindo que fôsse ao seu apartamento com a máxima urgência. Fui, naturalmente, pensando que iria exercer o meu mister, e no entanto o que êle queria, era apenas indagar a seu respeito.

CELESTE — Mas, como pode êle, adivinhar, que eu era sua freguesa?

CABELEIREIRO — Disse-me êle que já uma vez a vira entrar aqui no meu salão.

CELESTE — E que desejava êle?

CABELEIREIRO — Como todo o homem apaixonado parece que, o que êle mais queria era falar a seu respeito.

CELESTE — E não lhe pediu meu telefone?

CABELEIREIRO — Bem, êle me disse que não encontrara o seu número na lista. E que, desejava convidá-la a patrocinar uma festa de caridade. É... é isso mesmo... êle vai lhe telefonar.

CELESTE — Bem, desde que seja um cavalheiro distinto, não vejo nenhum inconveniente nesse convite. A Julieta já está desocupada, não está? Então, não se esqueça. Ao meio dia me mande o massagista.

(Música)

CRIADA — Dá licença, d. Celeste?

CELESTE — Entre, Maria.

CRIADA — Ao meio dia telefonaram da casa de saúde. Mas eu não disse nada porque a senhora estava ocupada com o massagista.

CELESTE — Tudo bem, não foi?

CRIADA — Mandaram dizer que o dr. Luiz já está curado.

CELESTE — Eu não tinha dúvida nenhuma sobre isto.

CRIADA — Hum... o dr. Geraldo é um grande doutor.

CELESTE — Maria. Depressa. Dê-me aquêlê costume azul.

CRIADA — A senhora vai sair sem almoçar?

CELESTE — Mande pôr o almoço correndo. Vou ao hospital. Vou visitar o dr. Luiz.

CRIADA — Está aqui o costume. E' tão bonito êste vestido.

CELESTE — Você acha, Maria? E vai muito bem em mim, não vai?

CRIADA — A senhora fica tão bonita com êle! Fica parecendo uma menina.

CELESTE — E eu tenho mesmo uma alma de menina. Eu sou uma criança eterna, Maria. E hoje eu estou com uma vontade doida, de dançar, de cantar, de pular. Eu sou uma eterna criança, Maria!

(Música)

GERALDO (ao telefone) — Alô... alô... mas, será possível? Regina não responde? Alô... alô... (chamando) Irmã Luiza... Irmã Luiza...

IRMÃ — Que há, dr. Geraldo?

GERALDO — A senhora não disse que Regina havia telefonado para aqui?

IRMÃ — Sim. Há, mais ou menos, meia hora ela telefonou.

GERALDO — E a senhora lhe disse o resultado da operação?

IRMÃ — Sim, doutor. Como era uma boa nova eu não tive dúvidas em lhe dizer que o doutor Luiz estava curado.

GERALDO — Pois há bem uns vinte minutos que estou

lhe telefonando, que estou ligando para lá, e ninguém responde. Escute, irmã Luiza, o doutor Novais me disse que iria até lá para lhe dar pessoalmente a notícia. Ele já saiu?

IRMÃ — Sim, doutor. Há bem uns vinte minutos eu vi sair o carro do dr. Novais.

GERALDO (insistindo no telefone) — Alô... alô... mas eu sinto que o telefone está chamando. E ninguém atende. Que coisa estranha, meu Deus.

IRMÃ — Por que não vai até lá, doutor Geraldo? Eu me encarregarei de atender o doutor Luiz.

GERALDO — E' isso mesmo, irmã, eu vou até lá, mande chamar o meu chauffeur. Oh, meu Deus, que tera havido, meu Deus?

(Música)

CELESTE — Pois é, Luiz. Corri logo. Assim que soube do esplêndido resultado. Você não calcula como eu estou contente. Eu estou alegre como um passarinho.

LUIZ — E cheirosa como uma flor.

CELESTE — E no entanto, é lamentável que você não lhe possa ver o colorido ou não queira aspirar, mais de perto, o seu perfume.

LUIZ — Deixemos de brincices, Celeste.

CELESTE — Eu vim toda bonita para receber a aprovação do seu olhar e ainda o encontro de olhos vendados.

LUIZ — Tenho que ficar uns dias com a vista em repouso. De maneira que ainda não me é possível contemplar a sua formosura.

CELESTE — E eu estou com uma saudade dos seus olhos verdes, Luiz!

LUIZ — Celeste. Mais uma vez lhe peço — vamos deixar de brincices.

CELESTE — Está bem, Luiz. Acima de tudo eu gosto de lhe obedecer.

LUIZ — Você já esteve com o Geraldo?

CELESTE — Não. Não estive. Assim que entrei, a irmã Luiza me disse que ele tinha saído e só voltará daqui a meia hora. E ela até me pediu que lhe fizesse companhia durante esse tempo.

LUIZ — E a Regina que até agora não apareceu? Estou ansioso por estar com ela. Eu não sei por que ela ainda não está aqui.

CELESTE — Colhada da Regina! Você ainda não compreendeu que ela está se escondendo?

LUIZ — Escondendo-se? E por que?

CELESTE — Você saberá, Luiz.

LUIZ — E quem foi que disse que eu não sei? Eu sei... mas... (confidencial) Está assim tão visível, é?

CELESTE — Se está, hein? Você vai ficar penalizado, Luiz.

LUIZ — Mas então a Regina me enganou todo esse tempo?

CELESTE — Ela receia, naturalmente, que isso diminua o seu amor.

LUIZ — Mas que tola. Ela então não compreende, que, ao contrário, isto será um motivo de triunfo para mim?

CELESTE — Triunfo, Luiz? Mas você chega a ser cruel!

LUIZ — Por certo. Além disso, agora, depois desse fato, vai tornar-se mais forte o vínculo entre nós dois. Esplêndido! Esplêndido!

CELESTE — Mas ela está disforme, Luiz. E você aprecia tanto a perfeição... você que é um esteta!...

LUIZ — Mas é uma deformidade passageira. Sua beleza voltará. Será como o desabrochar de uma rosa. E há de ser lindo o nosso filho!

CELESTE — Ah, sim! Compreendo!... Você está falando no filho que vai nascer?

LUIZ — E não era disso que falávamos, Celeste?

CELESTE — Era, era, era isso mesmo, Luiz... Bem... eu já vou... até logo, Luiz... até logo, sim?

(Música)

GERALDO — Que coisa estranha. A casa aberta? (chamando) Regina, Josefa... Zé Pedro. Mas, não há nin-

guém nesta casa? (caminhando, abrindo portas, subindo escadas) Regina... vejamos aqui no quarto. Regina... Regina... mas, que vejo? Que será isto? Oh!... que será isto, meu Deus?

(Encerramento)

CAPÍTULO V

LOCUTOR — No dia em que Regina vai levar seu marido Luiz para o hospital, acha-se em casa dos mesmos Celeste, que se convida para acompanhá-los até o hospital. Durante a viagem, Celeste aproveita para insinuar de, que após a cura de Luiz, este irá ter uma profunda desilusão. Regina percebe a ironia maldosa de Celeste, mas se contém para evitar que Luiz venha a perceber a verdadeira tradução daquele diálogo. Depois de deixar Luiz no hospital, voltam no mesmo automóvel, Celeste e Regina que vem na direção do carro. Regina acelera o carro e diz a Celeste que o momento era oportuno para acabarem com aquela comédia. Deixariam desse modo em completa liberdade Luiz e Geraldo. Celeste se acovarda ante a situação e pede encarecidamente que Regina faça parar o carro. Regina chega em casa e encontra novamente as misteriosas flôres. Misteriosas porque ela não sabe quem costuma mandá-las. Sabe apenas que é um senhor de cabelos grisalhos e nada mais. Luiz é operado continuando entretanto com a venda nos olhos. Celeste vai ao seu cabeleleiro, onde vem a saber que um cavalheiro que a conhece de vista deseja convidá-la para tomar parte numa festa de caridade. Após a operação Geraldo telefona para a casa de sua irmã e de lá o telefone não é atendido. Pressentindo alguma coisa de anormal, Geraldo vai imediatamente à casa de Regina e lá...

GERALDO — Que coisa estranha. A casa aberta? (chamando) Regina, Josefa... Zé Pedro. Mas, não há ninguém nesta casa? (caminhando, abrindo portas, subindo escadas) Regina... vejamos aqui no quarto. Regina... Regina... mas, que vejo? Que será isto? Oh!... que será isto? Uma carta... uma carta de Regina... que terá feito a minha irmã? Vejamos o que diz... (lendo) Geraldo, meu queridíssimo irmão:

VOZ DE REGINA — Naquele dia tremendo em que resolvemos devolver a vista ao Luiz, lembra-se que lhe exigi, sob juramento uma promessa? Pois bem — eu venho agora reclamar de você que respeite essa promessa, respeitando, ao mesmo tempo, não só a sua palavra, como o meu sossêgo. Ao invés da covardia do suicídio, preferi o heroísmo de uma fuga. E você vai me ajudar impedindo que me procurem. Não procure nem mesmo saber para onde me evadi. Reflita, Geraldo e veja se não era essa a melhor solução. Quanto ao aspecto financeiro, não se preocupe — vendi minhas joias e dinheiro não me há de faltar. Sozinha também não estarei — levo comigo Josefa, Zé Pedro... e meu filho que vai nascer... veja pois. Geraldo, que fugindo, ainda poderei ter alegrias, ao passo que ficando, só me aguardaria uma vida de humilhações e de amargor. Não me procure, não me denuncie. Não permita ninguém no meu encalço. Respeite o meu exílio. Algum dia então voltarei e hei de lhe beijar as mãos, grata pela atitude que espero e exijo de você. Até um dia, meu adorado irmão. E, acima de tudo, não diga ao Luiz que vou ter um filho — a única alegria que me vai restar. Sua Regina.

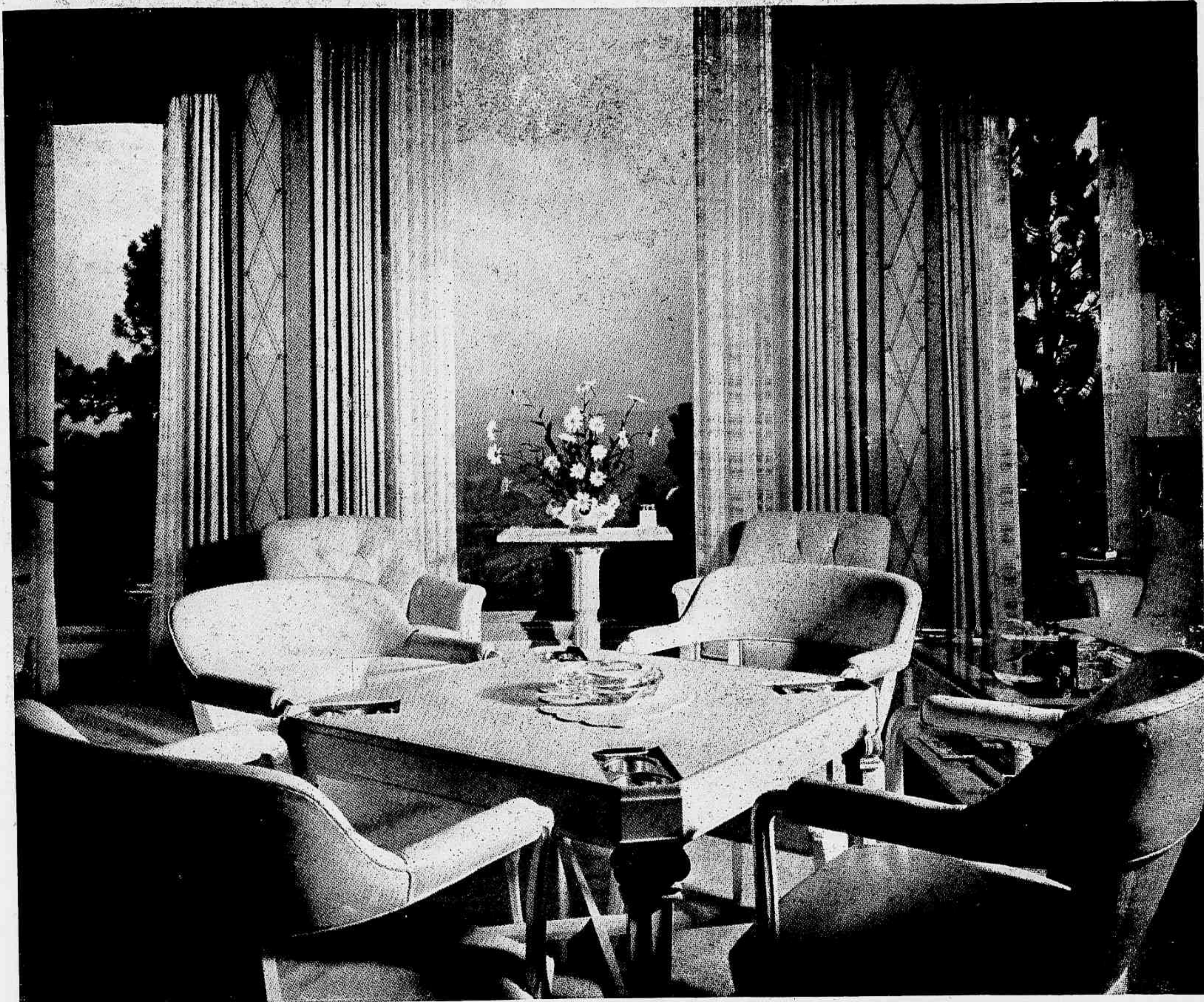
GERALDO — Minha pobre irmã! Sim, minha irmã! Cumprirei minha promessa! Você fugirá tranqüila. Eu a deixarei esconder-se onde quiser. Chegou a vez do meu sacrifício. E eu também sei renunciar.

(Música)

(Automóvel em movimento, soluços abafados de Regina)

JOSEFA — Mas, Regina, pare de chorar. Assim você acaba doente.

REGINA — Deixe-me, Josefa. Se eu não chorasse meu coração estalava de dor.



ORNAMENTAÇÃO BONITA

Não há quem não goste de ter sua casa bem ornamentada e consequentemente bonita, pois nada mais agradável que um belo lar para o descanso, depois de um dia de trabalhos e agitação. E justamente por esta razão, apresentamos semanalmente aos nossos leitores uma nova sugestão para a arrumação de sua casa. Sobre o quadro acima quase nada precisaremos dizer quanto à sua beleza, pois ela é bem visível. E sua arrumação, o leitor que aceitar a sugestão, saberá fazê-la, estamos certos, com o máximo rigor.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

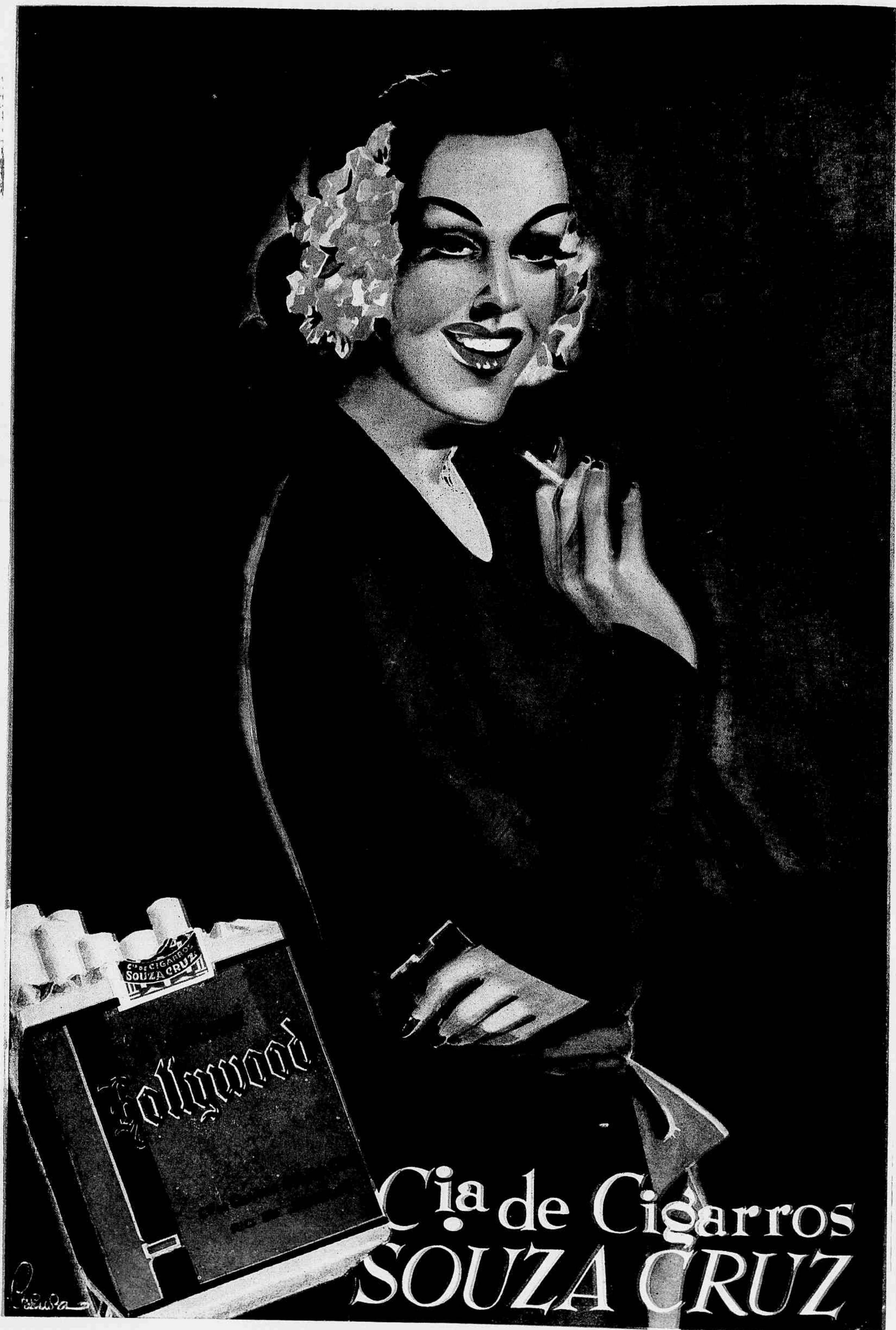
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ